

REVISTA DO BRASIL

J. M. Torres

SUMMARIO do n. 56 — Agosto, 1920

Minas do lume e do pão	F. J. OLIVEIRA VIANNA	289
Paiz de ouro e esmeralda	J. A. NOGUEIRA	301
Drama da geada	MONTEIRO LOBATO	314
Versos	{ FULVIO MEÔNI ATHAIDE PARREIRAS CARLOS GONDIM MARIO DE LIMA JAYME D'ALTAVILLA	321
A arte e a critica em S. Paulo	RAOUL POLLILO	326
Academia Brasileira de Letras	ARTHUR MOTTA	331
Bibliographia	REDACÇÃO	343

RESENHA DO MEZ — D. Luiz de Orleans — Francisco Glicerio (*Humberto de Campos*)—O meu S. João (*João Semana*) — Indiscrições de papeis velhos... (*Miguel Mello*) — Os remendos inestheticos (*F. de A.*) — O genio commercial da Allemanha (*O Misanthropo*)—Raymundo Correa (*Adelmar Tavares*) — O bacharel dee Cananéa (*Ruy Lima*) — No dominio do Folk-Lore (*José de Carvalho*) — O que as creanças sonham — O Combate de Campo Osorio (*Assis Cintra*) — A estatua de Benjamin (*Antonio Torres*) — A hygiene da mesa (*Dr. L. P. Barretto*) — "Cacuris" e escravos (*Frederico Villar*) — O dictionario brasileiro (*Monteiro Lobato*) 352

CARICATURAS E ILLUSTRAÇÕES.

S. Paulo

1920

Rio



REVISTA DO BRASIL

PUBLICAÇÃO MENSAL

Director: MONTEIRO LOBATO

ASSIGNATURAS

Anno	20\$000
Semestre	12\$000
Para o exterior, anno	25\$000
NUMERO AVULSO	1\$800

Assignaturas sob registro postal, mais 2\$400 por anno.

As assignaturas começam em qualquer tempo e terminam em junho ou dezembro.

Não se devolvem os originaes.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a MONTEIRO LOBATO & CO.

RUA DA BOA VISTA, 52 (sobr.) — CAIXA POSTAL 2-B
SÃO PAULO



BYINGTON & CIA.

Engenheiros, Electricistas e Importadores

Sempre temos em stock grande quantidade de material electrico como:

MOTORES

FIOS ISOLADOS

TRANSFORMADORES

ABATJOURS LUSTRES

BOMBAS ELECTRICAS

SOCKETS SWITCHES,

CHAVES A OLEO

VENTILADORES

PARA RAIOS

FERRO DE ENGOMMAR

LAMPADAS

ELECTRICAS 1/2 WATT

ISOLADORES

TELEPHONES

Estamos habilitados para a construcção de Instalações Hydro-Electricas completas, Bondes, Electricos, Linhas de Transmissão, Montagem de Turbinas e tudo que se refere a este ramo.

UNICOS AGENTES DA FABRICA

Westinghouse Electric & Mftg. C.

Para preços e informações dirijam-se a

BYINGTON & CO.

Telephone, 745-Central — S. PAULO

LARGO DA MISERICORDIA, 4



ETABLISSEMENTS

:: Société

Anonyme

au Capital de 4.500.000 francs. ———

Bloch

FAZENDAS

E TECIDOS

RIO DE JANEIRO

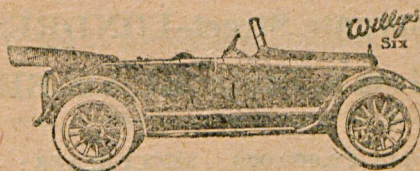
116, Rua da Alfandega

S. PAULO - Rua Libero Badaró N. 14

—— PARIS - 26, Cité de Trévise ——

Officinas e Garage Modelo

DIAS CARNEIRO & C.



UNICOS IMPORTADORES DOS

**Automoveis OVERLAND e
WILLYS KNIGHT**

Grande stock de accessorios para
automoveis.

**DEPOSITO PERMANENTE DOS
PNEUMATICOS "FISK"**

**Mechanica — Pintura — Sellaria
Carrosserie — Vulcanisação —
Electricidade.**

**Executa-se qualquer encommenda com
rapidez**

TELEPHONES:

ESCRITORIO Ct. N. 3479

GARAGE Cd. 5411

CAIXA POSTAL N. 534

ENDEREÇO TELEGRAPHICO: "ALDICAR"

RUA 7 DE ABRIL N. 38 **São Paulo**
AV. SÃO JOÃO Ns. 18 e 20

CANTO LIBERO BADARO'

The British Bank of South America Ltd.

FUNDADO EM 1863

Casa Matriz:

4, Moorgate Street-LONDRES.

Filial em S. Paulo: RUA S. BENTO, 44.

Capital Subscripto £ 2.000.000	SUCCURSAES : - Manchester,
Capital Realizado £ 1.000.000	Pernambuco, Bahia, Rio de
Fundo do Reserva £ 1.000.000	Janeiro, Porto Alegre, Rio
	Grande, Montevidéo, Rosario
	de Santa Fé e Buenos Aires.

O Banco tem correspondentes em todas as principaes cidades da Europa, Estados Unidos da America do Norte, Brasil e Rio, da Prata, como tambem na Australia, Canadá, Nova Zelandia, Africa do Sul, Egypto, Syria e Japão. Emittem-se saques sobre as succursaes do Banco e seus correspondentes.

Encarrega-se de compra e venda de fundos como tambem do recebimento de dividendos, transferencias telegraphicas, emissão de cartas de credito, negociação de cobrança de letras de cambio. coupons e obrigações sorteados e todo e qualquer negocio bancario legitimo.

RECEBE-SE DINHEIRO, EM CONTA CORRENTE E A PRAZO FIXO, ABO-NANDO JUROS CUJAS TAXAS PODEM SER COMBINADAS NA OCCASIÃO.

WILSON SONS & CO., LTD.

Rua B. Paranapiacaba, 10
S. PAULO

CAIXA POSTAL, 523 — ENDEREÇO TELEGR.: "ANGLIOUS"

Armazens de mercadorias e depósitos de carvão
com desvios particulares no Braz e na Moóca.

AGENTES DE

Alliance Assurance Co. Ltd., Londres Seguros contra fogo
J. B. White & Bros. Ltd., Londres . . Cimento
Wm. Pearson Ltd., Hull Creolina
T. B. Ford Ltd., Loudwater Mataborrão
Brocke, Bond & Co. Ltd., Londres . . Chá da Índia
Read Bros. Ltd., Londres Cerveja Guinness
Andrew Usher & Co., Edinburg . . . Whisky
J. Bollinger, Ay Champagne . . . Champagne
Holzapfels, Ltd., Newcastle-on-Tyne. Tintas preparadas
Major & Co. Ltd., Hull Preservativo de Madeiras
Curtis's & Harvey, Ltd., Londres . . Dynamite
Ghotham Co. Ltd., Nottingham . . . Gesso estuque
P. Virabian & Cie., Marselha Ladrilhos
Platt & Washburn, Nova York . . . Oleos lubrificantes
Horace T. Potts & Co., Philadelphia . Ferro em barra e em chapas

UNICOS DEPOSITARIOS DE

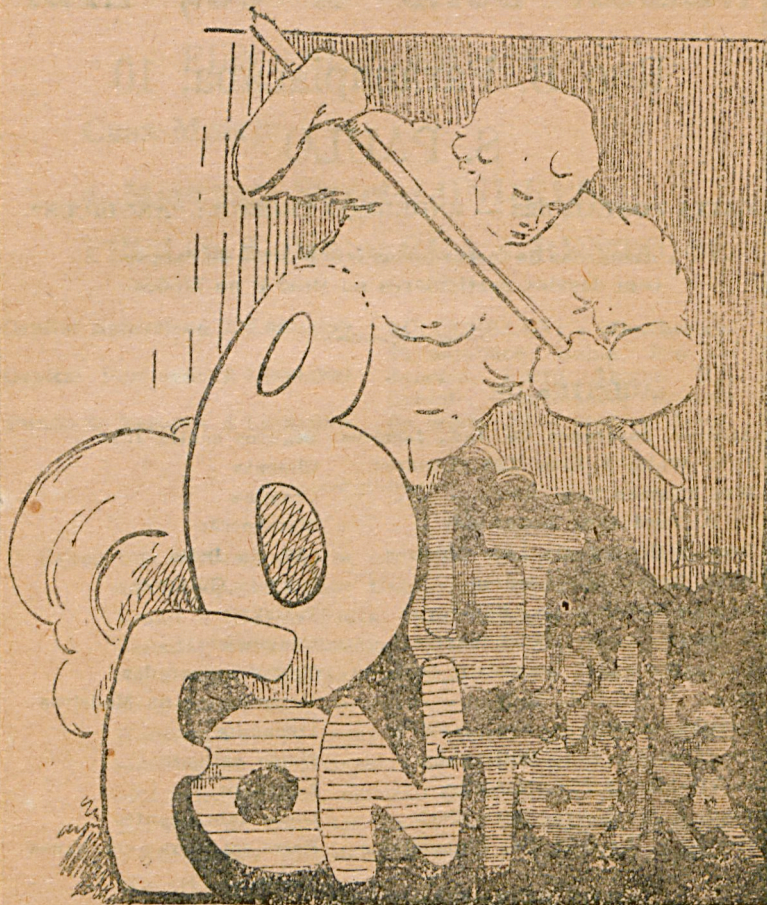
SAL LEGITIMO EXTRANGEIRO PARA GADO MARCA
"LUZENTE". SUPERIOR POLVORA PARA CAÇA MARCA
"VEADO", EM CARTUCHOS E EM LATAS. ANIL "AZU-
LALVO", O MELHOR ANIL DA PRAÇA.

IMPORTADORES DE

FERRAGENS EM GERAL, TINTAS E OLEOS, MATERIAES
PARA FUNDIÇÕES E FABRICAS, DROGAS E PRODUCTOS
CHIMICOS PARA INDUSTRIAS, LOUÇA SANITARIA, ETC.



COMO VENUS SAHIU DAS ONDAS.
O VIGOR SAHE DO "BIOTONICO"



Eminentes medicos affirmam que o **BIOTONICO** é o mais completo fortificante. Exerce acção benéfica sobre todos os órgãos, produzindo sensação de bem estar, de vida, de saúde.

O BIONTONICO cura todas as fórmulas de anemia. Cura a fraqueza muscular. Cura fraqueza nervosa. Augmenta a força e a resistência. Torna as mulheres bellas e os homens viris. Infunde novo vigor aos organismos gastos ou enfraquecidos por molestias, por excesso ou por qualquer outra cousa.

E' notavel sua acção nos organismos ameaçados pela tuberculose.

MACHINAS E ACCESSORIOS

Fabricação e Importação

FABRICAMOS MACHINAS

PARA A LAVOURA E AS INDUSTRIAS, COMO SEJAM :

Machina "Amaral" de beneficiar café, o maior successo da industria mechanica nacional; machinas completas para o beneficio de arroz e de algodão; idem para a fabricação de farinha de mandioca; idem para a fabricação de oleos de mamona; machinas completas para serrarias; ditas para cylindrar sola.

Importamos todas as classes de machinas. Temos sempre em deposito todos os artigos consumidos na lavoura. Os nossos oleos lubrificantes e as nossas corrêas para machinas são os mais praticos e efficientes. Quando o sr. lavrador ou sr. industrial precisarem de alguma cousa, peçam-nos preços e informações, sem compromisso.

Martins Barros & Co. Limitada

CAIXA POSTAL, 6

END. TELEGRAPHICO: "PROGREDIOR"

Rua Lopes de Oliveira N.º 2 a 10
Rua Boa Vista, 46
SÃO PAULO



PORCELLANAS

CRISTAES

ARTIGOS DE CHRISTOFLE

OBJECTOS DE ARTE

PERFUMARIAS

O melhor sortimento

—◆—
Casa franceza de

L. GRUMBACH & CIA.

—◆—
Rua de São Bento N.º 89 e 91

SÃO PAULO

REVISTA DO BRASIL

MINAS DO LUME E DO PÃO

POR

F. J. OLIVEIRA VIANNA

Pouco antes de embarcar-me para Minas, um mineiro dos mais typicos, descendente de uma das mais tradicionaes familias dalli, disse-me aqui no Rio: — Si quizer conhecer o mineiro, no seu genio, nos seus costumes, na sua hospitalidade, não fique na zona da matta; a matta está muito infestada dos fluminenses; vá para o centro, vá a Ouro Preto, a Diamantina, a Marianna; ahi é que está Minas.”

E' provavel que assim seja. Póde muito bem ser que, ampliando mesmo o meu campo de observação para além da região montanhosa, indicada pelo meu amigo, outr'ora região dos grandes centros mineradores e hoje região principal da vida religiosa de Minas; extendendo-me para as zonas do oeste, onde estão S. João d'El-Rey, Lavras e Oliveira, bellos centros de actividade agricola e criadora, e para as ricas zonas da matta, para Leopoldina e Cataguazes, onde outr'ora floresciaam os cafesáes famosos; pode bem ser que o typo do mineiro me surgisse outro, sob outros contornos e outro colorido, que não aquelle sob que me appareceu na zona atravessada pelos trilhos da Central. Mas, não creio que as variações regionaes sejam tamanhas, que o typo — juizforense, o typo palmyrense, o typo barbacenense, o typo horisontino por mim observados, não possam ser tomados como representativos do mineiro em geral, nem que a sociedade desses logares não contenha os elementos essenciaes para um julgamento approximativo da sociedade mineira no seu conjuncto; pelo menos a de Barbacena, que encerra uma das melhores tradições da historia mineira.

Dos mineiros eu venho sabendo desde os dias da minha mais tenra infancia; elles se me prendem a mim por uma pequena re-

miniscencia, uma saudosa reminiscencia desses tempos de meninice, que já vão, passados numa velha fazenda dessa baixada fluminense, tão opulenta outr'ora e hoje tão malignada e empobrecida. Foi depois da abolição, talvez mesmo depois da guerra civil, e no periodo climatico da febre cafeeira. Por esses campos desolados pelo exodo escravista, corria, por esse tempo, a voga de uma cantiga, que nunca mais me esqueci. Pelas estradas silenciosas da minha aldeia natal, cheias, lembro-me bem! da luz doce dos seus grandes luares, os pequenos Carusos ruraes passavam cantando, numa toada semelhante a da canção dos tropeiros:

Vou-me embora para Minas,

diziam com voz tremula e longa, alagando de melancolia a solidão da noite illuminada;

Vou-me embora para Minas,

Mineiro está me chamando!

Mineiro tem mau costume:

Chama a gente, e vae andando!

Nunca pude comprehender a razão desse preconceito dos meus conterraneos sobre os mineiros. Tentava explical-o dizendo que naturalmente elles, ao descerem para estas planicies, em busca de braços para as suas lavouras rendosas, traziam os bolsos recheiados. Chegavam, convidavam, desenhando ante a imaginação do planicola arruinado uma perspectiva de grandeza e de fortuna nas suas plantações; mas, não insistiam; era si quizesse; e iam andando... Talvez fôsse isto. O que é certo é que esta impressão ficou-me, como toda a impressão que se cunha na cêra molle do nosso character em formação. Subindo para Minas agora, levava ainda a curiosidade de verificar a verdade dessa extravagante tradição.

Ora, nada mais absurdo. Posso affirmar, com a segurança de uma longa observação, que os mineiros, pelo seu temperamento, são absolutamente incapazes dessas attitudes de arrogancia ou grosseria. Elles exprimem, mais do que nenhum outro, os aspectos mais brandos da nossa indole nacional. De maneira que essa tradição do nosso folk-lare regional, não sei como explical-a.

Nesses estudos sobre Minas, deixo de lado a Minas rural, do pastoreio e das lavouras, que não me foi possível observar directamente. Deixo de lado a Minas metallifera, do ouro, do ferro e do manganez. Deixo de lado a Minas intellectual. Deixo de lado a Minas da politica e da politicalha, a Minas da administração e a



Minas dos coronéis. Eu quero, por agora, neste artigo, descrever unicamente a Minas íntima e doméstica, a Minas que se reúne em torno da meza familiar para compartilhar o pão da amizade, e junto ao lume larário para os ritos do culto da hospitalidade. Desta é que vou falar, resumindo as impressões de seis longos mezes de convivência entre os mineiros.

Todas as vezes que medito sobre Minas e a alma mineira me vem á lembrança uma página de Renan, em que o incomparável historiador do christianismo descreve a psychologia íntima dos povos de sua Bretanha natal:

— “Nunca familia humana viveu mais isolada do mundo e mais pura de qualquer mistura estrangeira — diz elle. E’ nesta vida retirada, nesta desconfiança de tudo que vem de fora, que se deve procurar a explicação das linhas mais íntimas da índole da raça celtica. Ella tem todos os defeitos e todas as validades do homem solitario: activa e tímida, poderosa no sentimento e fraca na acção; em casa, livre e expansiva, fóra, esgueira e acanhada. E’ por excellência uma raça doméstica, nascida para a familia e as doçuras do lar. Em nenhuma outra o laço de sangue tem sido mais forte, criou mais deveres, ligou o homem ao seu semelhante com tanta extensão e tão profundamente. E’ opinião espalhada neste paiz que o sangue fala e que dois parentes desconhecidos, encontrando-se em qualquer parte do mundo, se reconhecem pela secreta e mysteriosa emoção que experimentam diante um do outro.” (1)

Renan não teria alterado sequer uma linha a esse quadro admiravel, si, ao envez dos celtas da Bretanha tivesse observado esses serranos sedentarios e frugaes. Como o homem da Armorica, o homem da Mantiqueira é o homem do lar. Todas as particularidades que podemos observar como característicos da gente de Minas, tem a sua explicação primaria neste irreductivel exclusivismo familiar do mineiro. Todos nós brasileiros somos mais ou menos assim, bem o sei; em todos nós, homens do sul, do centro, ou do norte, o viver doméstico é em tanta maneira absorvente que a vida publica e social soffre a acção dessa preponderancia, e se atenua. Em Minas, porém, mais do que em nenhuma parte. E’ alli, nestas montanhas, nestes campos, que podemos sentir, na sua nitidez e relevo, os contornos mais subtis e íntimos dessa modalidade da psychê nacional. Em Minas, o lar é um centro solar; todas as forças sociaes cedem diante dessa attracção poderosa e dominadora; a profunda concentração do homem em torno da arca doméstica como que creia alli o vacuo para fóra de tudo o que não seja a familia. Eu comprehendo agora aquella phrase de Saint-

(1) — in Sylvio Romero — *A patria portuguez*², pg. 227.



Hilaire: — dans ce pays la société n'existe point et, á peine, y pouvait-on découvrir quelques elements de sociabilité. (2). Na vida das suas pequenas cidades, como Palmyra e Barbacena, como na vida das suas grandes cidades, como Juiz de Fora e Bello-Horizonte, nos seus comícios, nas suas festividades, nos seus círculos sociaes, nos seus theatros, na multidão e no individuo, em tudo descobrireis as impressões indissimulaveis desse fundo instincto patriarchal.

Considere-se, por exemplo, a attitude dos mineiros diante dos forasteiros, que os procuram no recesso amavel das suas montanhas. Sentireis ahí as influencias subtis e delicadas do lar, modelando uma das mais amenas e doces indoles de povo, que eu tenho conhecido.

Nas duas relações com os adventícios, o traço mais distinctivo dos mineiros é, com effeito, uma certa amenidade de tracto, uma certa brandura e singeleza de maneiras, e uma grande delicadeza natural, que nos deixa perfeitamente seguros e despreoccupados de qualquer possibilidade de offensa a esses pequenos melindres de amor proprio, que constituem o centro nevrálgico da nossa personalidade nas relações do mundo. Sobre este ponto, elles possuem um tacto agudissimo, e com isto revelam possuir não apenas uma fina intelligencia e uma fina educação social, mas tambem, e antes de tudo, uma fina sensibilidade moral. E' precisamente nessa delicadeza muito apurada dos seus sentimentos, que os mineiros buscam estas attitudes amaveis e discretas, cordiaes e polidas, singelas e modestas, que tanto acariciavam a sensibilidade aristocratica de Saint-Hilaire. Este que viajou todo o Brazil meridional, tinha um certo fraco por elles e só se sentia bem entre os mineiros — entre "os meus bons mineiros", como costumava dizer. Os meus conterraneos fluminenses nunca lhe estiveram muito nas graças, e é sempre com concentrada amargura que a elles se refere: — *Surtout chez les gens riches, on trouve dans la capitainerie de Rio de Janeiro peu d'hospitalité.*" (3)

De minha experiencia pessoal, posso dizer que vivi entre esses serranos longos mezes, e nunca lhes surprehendi a menor indelicadeza, ou irreverencia, nada que ferisse a epiderme das minhas susceptibilidades, aliás vivissimas. Sempre os encontrei, desde os mais graduados aos mais simples homens do povo, cortezes, prestimosos, attentos sempre, finos nos modos e nas palavras. O encanto do seu convívio está em que elles sabem, como ninguem, respeitar a personalidade dos extranhos. Ou muito me engano, ou este é que é, penso, o verdadeiro sentido, o íntimo sentido, o sen-

(2) — Saint-Hilaire — *Voyage aux sources du S. Francisco.*

(3) — Saint-Hilaire — *Voyage au Rio Grande du Sud, etc.* pg. 501.



tido por assim dizer esoterico da tradicional hospitalidade mineira. E' sob este aspecto que podemos dizer que os mineiros são hospitaleiros. De mim confesso que não pediria mais, e viveria alli a vida inteira. Os que, ouvindo falar da hospitalidade mineira, julgam encontrar alli as acolhidas ruidosas e francas, o largo sacudir de braços amigos, a sociabilidade explosiva e insobria, a camaradagem facil e de primeira abordagem, os lares accessiveis, enganam-se, como eu me enganei, e terão, como eu a principio tive, uma decepção amarga. Essas expansões só acontecem ao norte, ou ao extremo-sul, entre os gau'chos exuberantes e joviaes. O homem do centro-sul, o mineiro principalmente, é reservado, retrahido, pouco expansivo, e só lentamente se afaz á confiança e á intimidade. O forasteiro, que vem dos grandes centros parece a elle sempre um observador ironico, um critico irreverente e trocista dos seus costumes, dos seus habitos, do seu viver e das suas cousas. E' preciso, por isso, uma grande prudencia no tratar com elles; qualquer restricção, uma pequena critica, mesmo um elogio exagerado, fal-os logo recolhem-se, desconfiados e inquietos. Para a gente que vem do Rio (os "cariocas", como chamam) é então enorme a sua reserva. Vezes havia em que, depois de muito conversar com este e aquelle, em palestra despreoccupada e chã, la vinha o momento em que elles percebiam que eu era do Rio.

— O senhor é do Rio?!

— Sim.

Fechavam-se. Encolhiam-se. O caramujo entrava na casca. Dahi por diante continuavam, como sempre, cortezes e attenciosos; mas, já agora, impenetraveis e esquivos.

Essa esquivança, essa impenetrabilidade, essa reserva causou-me, nos primeiros tempos, um certo amarume; comecei a duvidar mesmo dos mineiros e da sua apregoada hospitalidade. Depois, com o tempo, entrei a comprehendel-os melhor na intimidade da sua alma e vi que essa reserva é apenas uma attitude defensiva diante dos extranhos, que não conhecem bem e de cuja sinceridade desconfiam. Tudo isso desaparece, desde que o forasteiro lhes ganhe a confiança. Então peccam pelo excesso contrario—por uma confiança exagerada. Certa vez tive, como companheiro de hotel, um hespanhol intelligentissimo e viajadissimo, falando quatro ou cinco linguas, homem que havia percorrido toda America do norte, o Mexico, as Antilhas, o Chile, a Bolivia, o Peru', o Paraguay, onde conversára com Albino Jara, a Argentina, o Uruguay, e que, por fim, entrara por Matto Grosso e viera até S. Paulo. Dahi descêra até o Rio como secretario de uma companhia chilena de saltimbancos. Exhibia titulos fidalgos, dava-se como marquez, e era de vel-o falar, com emphase, em *la sangre azul de mis abolengos*. Havia sido mil cousas, desde advogado em Hespanha



e senhor de *hacienda* em Cuba, até copeiro de hotel em Barbacena. Podia ser um bom sujeito; mas, também podia ser um aventureiro. Habil, insinuante, conversador amavel e vivaz, esse homem em poucos dias impoz-se á confiança de todo mundo alli, e mais tarde vim enconral-o agente commercial de grandes casas de Bello-Horizonte e Juiz de Fora, movendo, sem outra garantia sinão as suas palavras, sommas avultadas. . . Depois disto, perdi-o de vista, e não sei o que terá acontecido.

Da preponderancia absorvente da vida de familia resulta para o mineiro uma extrema restricção dos circulos da sociabilidade. Mesmo em cidades adiantadas e polidas, como Barbacena, o ambito das relações sociaes é diminuto, si o comparamos com a sociabilidade praticada nas pequenas communitades fluminenses, onde as visitas, as reuniões, os bailes se multiplicam e se succedem entre as familias de uma mesma cidade. Dizem que em S. João d'El-Rey a sociabilidade é maior; mas, não creio que estas variações locaes alterem este mau conceito sobre esse aspecto do povo mineiro e da sociedade mineira.

Prova excellente desses habitos reclusos e caseiros do homem de Minas está em que os mineiros não frequentam os seus jardins e os seus parques. Em Juiz de Fora, em Palmyra, em Barbacena, em Bello Horizonte, parques e jardins estão sempre desertos, já não direi de moças e rapazes, mas mesmo de crianças. Em Barbacena, eu era o unico frequentador do pequeno parque da Praça da Intendencia, onde á sombra austera dos seus cyprestes, das suas figueiras e carvalhos passei os dias mais encantadores da minha vida. Nunca percebi alli, porém, alegrando-o, uma ronda alacre de crianças; os transeuntes passavam, rapidos, fugazes, como si entre aquellas arvores tranquilas se acoutasse alguma alcatéa de sacys.

Entretanto, esses climas montanhezes são a patria das arvores e das flores. Nos jardins publicos e particulares, os crysanthemos e as dhalias principalmente floream com uma exuberancia primitiva. Os crysanthemos vermelhos, então! Estes ostentam nas corollas estellares um carmim tão vivo, que fulgura; entre a folhagem verde claro das suas touças vicejantes, balouçam-se e fremem, ardentes e rubros como chammas. Nunca vi rozas maiores e mais vermelhas, nem cravos mais radiantes e perfumados do que em Barbacena (e é sempre com saudade que recordo também os seus tufos de giestas, tão exóticos nestas paragens, e sempre lindamente recobertos de florículas cor de ouro). Em Palmyra, quando ahi cheguei, em janeiro, toda ella andava cheia do perfume inebriante das magnolias amarellas. Ha alli um pequeno jardim, no largo da matriz, pequeno, mas cuidado, e encantador pela sua boa sombra e pelos seus baledos de roseiras, sempre floridos. Durante os dous mezes que alli passei, nem um só dia deixei de ir pousar á sombra olente das suas magnolieiras



em flor, pela tarde, á hora desses maravilhosos crepusculos de Minas, longos, lentos, radiosos, em que o ar, muito leve que circula e nos envolve, se embebe de tanta luz e claridade, que é como si estivessem a arder, numa incandescencia subtil, os seus proprios elementos. Tambem alli os unicos frequentadores do jardim eramos eu e algumas familias de veranistas; da gente local, ninguem. E' verdade que o mesmo acontece no Rio; tambem aqui os jardins ficam desertos; mas, no Rio ha mil e uma diversões, que estas pequenas cidades não conhecem. Só uma indole muito reclusa, muito aferrada ás commodidades do lar, explicará esta geral despreocupação de gosar um pouco de luz e ar, á sombra amiga das arvores.

Este feitio do temperamento mineiro eu o encontrei em Bello-Horizonte, cidade modernissima. Bello-Horizonte é uma admiravel cidade no ponto de vista de construcção. No meio dessas soberbas edificações, desses bellos palacios, dessas avenidas, tão amplas, tão claras, tão alegres, tão lindamente arborizadas, não se vê, porém, o homem. E' uma cidade deserta. Está reclamando transeuntes. O mineiro é já de si mesmo retrahido, recluso, organicamente sedentario; nesta vastidão edificada, em que o collocaram, a sua reclusão resalta ainda mais, fere mais a attenção do forasteiro, vindo do denso formigueiro carioca. Nas horas de maior agglomeração o movimento das ruas, nos pontos principaes, é inferior ao de Nictheroy, mesmo nos dias uteis, ou de qualquer estação suburbana do Rio. Essa cidade, tão formosa e grande, não está, porém, despovoada; ao contrario, está inteiramente habitada; apenas, não se vê o habitante. O velho proloquio que diz que "boa romaria faz quem em sua casa fica em paz" — tem para o mineiro, embora já urbanizado, o valor sagrado de um versiculo biblico para um puritano do tempo dos Stuarts.

Mesmo reunido em multidão, o mineiro não perde esses caracteristicos. Nada mais interessante de se ver do que uma multidão em Minas. Nenhuma mais calma e menos ruidosa. Eu tive occasião de observa-la em Palmyra, pelo carnaval; em Barbacena, pelos festejos da Semana Santa; em Juiz de Fóra e Bello Horizonte, nos theatros, nos cinemas, nos cafés, nos pontos elegantes, nos comicios eleitoraes, nas solemnidades officiaes — e sempre a vi assim, silenciosa, pacata, respeitosa, como si se movesse dentro da nave de uma igreja. Eram sempre os mesmos homens de gestos moderados, falando baixo, a meia voz, como se estivessem contrafeitos no meio do tumulto. Os contactos collectivos, que são sempre superexcitantes, como observa Sighele, não os commovem, nem os alteram. Qualquer desses grandes peritos de multidões e da sua vida tumultuaria. Taine, Zola ou Jean Lombard, nada veria, contemplando uma multidão mineira, capaz de impressionar a sua palheta de coloristas. Sente-se que o mineiro não respira bem no meio da multidão; que as agitações da vida publica



não o seduzem; que é o lar, a vida privada, o campo predilecto da sua actividade. Ahi é que elle se sente bem, respira bem, oxygenisa e arterialisa o seu sangue e a sua alma.

Este culto do lar, e dos sentimentos e preconceitos correlativos, reflecte-se nas relações sociaes dessa gente serrana sob as modalidades mais expressivas, principalmente nas relações entre moças e rapazes. Estas são alli de uma ingenuidade encantadora; trescalam um certo perfume de innocencia e revestem-se de uma pureza que já não encontramos mais nos centros civilizados do littoral. E' assim, por exemplo, que a linguagem das flores, tão do gosto dos nossos avós dos romances de Alencar, ainda entra alli em muita copia como elemento de expressão predilecta; alli se sabe, talvez como em nenhuma outra parte do mundo, que a flôr ao lado quér dizer: — **cuidado!** e, quando á cintura, quér dizer: — **ternura**. O derrigo á janella, o **flirt**, a bolinagem nos cinemas, tão habituaes nas sociedades das grandes capitaes, são cousas demasiadamente progressivas para essa sociedade medalhada á antiga; fariam escandalo. O homem alli guarda ainda pela mulher, o seu pudor, a sua dignidade, a sua honra, esta sorte de respeito supersticioso, que era o timbre distinctivo do cavalheirismo entre os nossos antepassados.

Sobre este ponto, o que observei é que alli tudo se resume numa tróca de olhares, quando moças e rapazes se cruzam e se recruzam nos passeios, nos dias domingueiros. Vão as cousas correndo assim por essa tôada, longo tempo, até que lá um dia vem, inesperadamente, o pedido. Este era, outr'ora, antes de 88, um passo solemnisimo, e era feito por um amigo commum, homem severo e respeitavel, que, ao partir para a sua missão, nunca deixava de vestir a sua sobrecasaca preta e dar á physionomia o ar grave e compenetrado dos grandes momentos. Era tambem inevitavel o elemento surpresa — surpresa commovida da predilecta, surpresa fingida da mamã, surpresa sincera do papá, que franzia o sobr'olho, reflectindo. Hoje, aqui na nossa sociedade ultra-modernisada, tudo isso acabou, e é o proprio candidato que vae a casa do papá, desembaraçadissimamente, bem barbeado, bem penteado, bem perfumado, as roupas claras, o palheta novo, a bengala girando entre os dedos em molinete, á lapela o cravo rubro, gritando a certeza do triumpho. Os jovens mineiros não estão assim tão adiantados; ainda utilizam do homem da sobrecasaca preta; ainda padecem as torturas da expectativa e da incerteza; ainda fazem rolar muita lagrima de alegria pela face, sempre bella e pállida, de Rosa, Maria ou Leonor.

Disse, no meu artigo anterior, que estas pequenas communidades mineiras, se encontram numa phase de desequilibrio social, e entre os symptomas indicativos desse desequilibrio, falei de um certo desaccordo entre o systema de meios de existencia e o systema de modos



de existencia ahí dominantes (4). Juntarei agora mais uma outra prova dessa instabilidade — e é o facto da **emigração dos mancebos**. Em regra, os rapazes das classes melhores destas pequenas cidades, assim que entram em adolescencia, ou se emancipam, emigram, em grande numero, para maiores centros de actividade, para Juiz de Fôra, para Bello-Horizonte, para o Rio, ou mesmo, ás vezes, para S. Paulo, em busca dessa collocação, que não encontram no meio acanhado dessas pequenas communidades.

Dahi vem este outro facto interessante, esta outra prova do assinalado desequilibrio, que eu tive ampla oportunidade de verificar em Palmyra e Barbacena: — a sensibilissima disproporção entre a consideravel massa feminina em condições de nubildade e o numero dos rapazes casadouros, numero extremamente reduzido. Barbacena, por exemplo, gosa da fama de possuir as mais lindas moças de Minas. Realmente, vi altos typos femininos dos mais graciosos e galantes; ha alguns mesmo formosissimos. Entretanto, o coeeficiente da municipalidade é nessa cidade quasi insignificante.

Para isto concorre tambem um outro facto, que é, por seu turno, uma nova prova do referido desequilibrio—e já agora consistindo no desaccordo entre o ideal de belleza e as condições reaes do meio. Realmente, essa deficiencia de “rapazes da cidade” podia ser supprida pela contribuição provinda das zonas ruraes, pela “rapaziada das fazendas”, outr’ora viveiro de noivos, gente leal, honrada, operosa, fundida ainda nos moldes anteriores de 88. Esta gente da roça, porém, já não corresponde mais ao ideal de belleza masculina das moças da cidade, todas com a visão educada pelos modelos vindos dos grandes centros de civilisação e de elegancia. Os modos rusticos e desaprumados desses camponios, o ar canhestro e encolhidico, o mau gosto dos trajes, o collarinho sem lustro, a gravatinha no páu, o palitó mal feito e apertadinho, cortado acolá no Jorge Turco — tudo isto faz com que elles já não tenham mais sobre ellas o antigo poder de seducção.

Essas feituraz da alma mineira, essa singeleza, essa sobriedade, essa reserva, esse espirito patriarchal, esse culto do lar, donde lhe vêm? — Não é difficil responder: Vêm do campo; é na formação rural do proprio povo que ellas buscam as suas origens e o cunho que as distinguem. Como todos os brazileiros, o mineiro é fundamentalmente um homem do campo, um homem de formação rural. Eu já disse porque, e amplamente, em outro estudo, aqui mesmo nestas paginas, e seria ocioso redizel-o. (5).

(4) — V. numero de Julho de 1918.

(5) — V. numero de Junho de 1917.



Essas influencias ruraes, é preciso accrescentar, comtudo, não actuaram dessa maneira apenas pelo facto de serem ruraes; actuaram, modelando este feitió especial do caracter mineiro, porque se exerceram dentro de um regimen economico particular ao nosso povo— o regimen do grande dominio rural, isto é, o latifundio fazendeiro. Este é que, pela sua enormidade territorial, restringindo o circulo da sociabilidade, isola as familias e as habitu'a á solidão.

O vinco rural é tão forte, tão estructural no caracter mineiro, que é facil reconhecê-lo mesmo no mineiro sujeito á pressão de um meio altamente urbanizado, como é Bello-Horizonte. Os que construíram essa esplendida cidade quizeram talvez urbanisar a alma mineira. Derram-lhe então o luxo sumptuoso das avenidas, a imponencia dos bellos palacios, até a maravilha de uma iluminação electrica, que fez dessa cidade, crepitando em myriades de globulos rutilantes, uma cidade de conto feerico, como si o ceu de Minas, tão tranquillo e tão lucido, a recobrisse com o estendal das suas estrellas. Mas a alma mineira, feita do bom metal antigo, o metal da nossa antiga simplicidade patriarchal, entra nessa cidade e, ao envez de se deixar absorver por essas maravilhas, derrama, ao contrario, sobre ellas, sobre esses esplendores de architectura, sobre essas avenidas, sobre essas praças, tão radiosamente batidas do sol, a sua tranquillidade, a sua frugalidade, o seu isolamento, o seu doce espirito familiar, que trouxe das suas vivendas ruraes, onde só habitam a modestia, o socego e a paz!

Essas influencias ruraes — accrescentarei ainda — não agiram só na modelagem do caracter mineiro. Ha tambem um outro factor de differenciação, que não deve ser esquecido. Elle contribue grandemente para caracterizar a sociedade mineira e distingui-la da sociedade paulista, que lhe deu origem.

Quando os paulistas antigos entram a expandir-se pelo seu chapadão e pelos quadrantes do sul, do oeste e do norte, caçando índios, fundando curraes, abrindo angulos, descobrindo ouro, ou diamantes, formam já uma população perfeitamente differenciada pela acção do meio americano, já distincta, pela estrutura e mesmo pela mentalidade, da velha sociedade peninsular originaria. Descobertas as jazidas metalliferas dos chapadões mineiros, para alli carregiam os paulistas a sua colonisação poderosa, e com ella a sua civilisação particular, o seu typo social, os seus costumes, as modalidades especificas do seu temperamento e do seu genio. Nelles teriam, por certo, perpetuado essas antigas formas do seu espirito e da sua cultura, se alli se tivessem insulado, livres de contactos perturbadores, como aconteceu nos altos platós catharinenses de Lages, Curytibanos e S. Joa-



quim, onde a sociedade pastoral que ali vive, guarda os traços sensíveis dos seus antepassados das bandeiras (6).

Em Minas, porém, dá-se a intervenção de um factor novo, que altera profundamente a feição inicial daquela população. É a aparição dos emboabas. Estes entram esses chapadões metalíferos em corrente grossa e compacta, e acabam, depois de luctas serias, sobrepujando os primitivos colonisadores. Ora, esses emboabas não haviam soffrido nenhuma diferenciação, derivada de uma longa estadia no meio tropical, ao subirem para Minas. Das caravelas, que os trazem das praias luzas ás praias americanas, elles se transladam intactos, em grandes massas, até os altos platos, onde se agita a sociedade revolta das minas. Só alli é que se opera a transmutação dos seus costumes sob a acção do novo meio. De modo que os contingentes peninsulares entram na formação da gente mineira em condições muito particulares — mais densos, menos dispersivos, mais puros. Dahi o serem os mineiros, dentre os varios grupos regionaes das nossas populações, talvez aquelle em que mais se conservam os aspectos luzitanos da nossa cultura.

Essa concentração de fortes massas luzas, sem um estadio de adaptação anterior, parece ter-se dado tambem no extremo-sul, com os colonos alentejanos que alli se fixam e se caldeiam com a população primitiva igualmente oriunda dos planaltos paulistas. Nos plainos do extremo-sul tudo parece indicar que o elemento preponderante na formação da sociedade gau'cha é o alentejano, isto é, o portuguez do sul, temperado de celta e de arabe (7) No centro-sul, é o portuguez do norte, o duriense, o minhoto, o beirão, o transmontano, mais fortes de sangue celta e godo, o elemento mais activo da diferenciação.

Nos mineiros principalmente, essas affinidades de temperamento e de costumes com o luzo do norte parecem-me perfeitamente discerniveis, especialmente no tocante á organização da familia. O portuguez é tambem uma raça essencialmente domestica; de modo que o meio rural teve alli a grande função de accentuar ainda mais este attributo original.

Por outro lado, a situação strictamente continental de Minas, o insulamento natural da sua população, o desvio das novas correntes emigratorias para os chapadões paulistas — tudo isto permittiu que esses serranos mantivessem até agora, com relativa pureza, apesar da sua crescente civilisação, as tradições da sua antiga sociedade, modelada sob a acção conjugada da influencia luzitana e do meio rural.

(6) — Delgado de Carvalho — *Le Brésil Méridional*, pg. 270.
(*Revista Trimensal*, T. esp., P. I.)

(7) — J. G. Campos — *Os povoadores do Estado do Rio Grande do Sul*



Bem sei que os mineiros não se sentem muito lisongeados com esse tradicionalismo. E' como se os julgássemos atrasados, ou rotineiros. Entretanto, a grandeza de um povo está na força de persistencia dessas tradições familiares e domesticas, que são as expressões mais typicas do seu caracter nacional. Mantel-as tanto quanto possivel dentro das formas evolutivas da civilisação — eis o ideal de um povo sciente da sua personalidade e orgulhoso do seu espirito. Nada mais edificante do que esses camponios da Bretanha, cujas tradições milenarias ainda se resentem da frescura e da espontaneidade dos primeiros dias, e de quem Maupassant disse que, ao mostrarem-lhe a mesa, onde se sentára Cezar, "falavam-lhe de Cezar como de um antepassado que tivessem visto".

Lembro-me bem do que se passou commigo quando, em Bello-Horizonte, ao descer para o Rio, um amigo meu, mineiro authentico, desses, que "nunca viram o mar", e que me viera trazer até á estação em despedida, disse-me, como se eu me julgasse naquelle instante o mais feliz de todos os mortaes:

— Que feliz que você é! Deixa o exilio; e vae para o Brazil!...

— Não. Deixo o Brazil e vou para o exilio...

Sorriu. Sorrimos. Eu, com amargura. Elle, sceptico. — Modos de ver. De ver e comprehender. De comprehender e de sentir...

De Minas eu não guardo apenas a recordação das suas paisagens tranquillias, dos seus horizontes infinitos, dos seus climas amenos e hospedeiros, e desses ares purissimos que os varrem, sa-neiam e salubrisam. De Minas guardo tambem o encanto de me ter revelado um Brazil, de que eu tinha apenas uma lembrança muito vaga, porque lembrança da minha mais verde juvenillidade: Brazil patriarchal, de que falavam os meus avós, conservando ainda, quasi intactos, esses nossos costumes, tão cheios de penetrante poesia, que a civilisação dos littoraes, na sua expansão in-coercivel, vae rapidamente destruindo. Esses costumes, essas tradições, esses modos, essas feitura da velha alma mineira, assim tão repassados do nosso espirito nacional e do calor do nosso solo, souberam á minha sensibilidade, ao meu espirito, aos meus instinctos nativistas, como ao paladar dos entendedores os vinhos caros de uma frasqueira: quanto mais antigos, tanto melhores no sabor, na limpidez e no perfume.





PAIZ DE OURO E ESMERALDA

POR

J. A. NOGUEIRA

XXXVI

Dias depois, como Angelo e Leonardo descessem á sala, o doutor Strauss, que acabava de executar com *brio* excepcional a sua ariazinha de flauta das nove horas da manhã, guardou em uma mala, allí aberta e em via de arranjo, o amavel instrumento e communicou-lhes com sereno e alegre rosto, uma cousa surprehendente. Elle e *frau* Mathilde partiam para a Allemanha, pelo primeiro vapor.

Ante o espanto dos dous irmãos por aquella subita resolução, dignou-se de explicar as altas razões de semelhante deliberação.

— Dentro de alguns mezes, se tanto, prophetizou modestamente — vae rebentar uma grande guerra européa, que está destinada a preparar a verdadeira organização do mundo. Eu e minha companhia não renunciámos á gloria de prestar os nossos serviços á patria... Sou medico e Mathilde póde dar uma bôa enfermeira. Não será com agua de rosa, senão com sangue e muito sangue, que se hão de hierarchizar definitivamente os povos e as nações.

Os Orsini olharam-n'o attonitos. Não teria enlouquecido o bom do doutor?! Nada disso. O homem fallava com a segurança e a tranquillidade de quem estava perfeitamente ao par da politica internacional e cria com orgulho no singular papel messianico do seu paiz.

— Mas isso é impossivel, *per tutti i dii*... exclamou Leonardo. O operariado do mundo inteiro ha de colligar-se. Fraternizarão com os soldados e todos recusarão marchar... Se tal ameaça se der, doutor, será a *gréve* geral, o *consummatum est* da burguezia e o começo da redempção universal...

Angelo sorriu tristemente e observou:

— Não sei quem já disse que ha dous grandes erros, egualmente condemnaveis em taes questões. São elles de um lado a myopia do nacionalismo apaixonado e de outro a presbytia do internacionalismo libertario. *In medio stat virtus*, meus senhores... Mas que pressa é essa em deixar-nos, caro doutor? Espere ao menos que acontecimentos significativos justifiquem os seus receios...

Strauss, porém, não manifestava nenhum receio, mas sim uma alegria immensa, calma, como que subterranea. Não podia nem pronurava disfarçal-a. Dir-se-ia estranhamente transfigurado por gloriosa certeza de vidente.

— Os acontecimentos, meus amigos, são os mais claros possivel. Ha muito que a Paz está por um fio. Quanto á resistencia do proletariado, respondo pelo patriotismo dos syndicatos e corporações operarias de minha patria. E' verdade que o socialismo dissolvente dos latinos vae crear difficuldades aos governos... Isso, porém, é uma das *nossas* forças, e não das menores.

Aqui Strauss, com aspecto de quem ia fazer uma revelação estupenda, explicou-lhes, a modo de confidencia, que as nações haviam de ir-se organizando á semelhança dos individuos, pois era uma lei da Vida constituir conjunctos harmonicos que, aperfeiçãoando-se, viessem a obedecer a um *sensorium* unico. Assim a vida do vertebrado, por exemplo, era resultante das vidas individuaes de todas as vertebrae e a consciencia de um ser animado provinha da consonancia de milhares de consciencias elementares... Do mesmo modo as nações podiam ser comparadas a cellulas destinadas a agruparem-se em torno de uma força central e ordenadora. E não seria difficil conceber-se a formação de uma futura consciencia da humanidade, formada do concerto de todas as consciencias de individuos, de cidades, de provincias e nações, á maneira de um unico ser animado e divino... Então começaria a idade de oiro do planeta Terra. Cessariam as guerras. Reinaria uma paz nobre e honrosa, não a paz dos fracos e humildes, senão uma paz resultante da hierarchização das forças, a paz dos fortes e dos triumphadores...

— E a Allemanha será a consciencia ou *sensorium* unico, como diz o doutor, desse ser immenso que se vae formar? perguntou Angelo sorrindo.

Mas Strauss não sorriu.

— Assim o creio, respondeu com simplicidade; Já houve quem chamasse á Allemanha "a consciencia da Europa". Esperamos que o venha a ser da humanidade...

E o seu olhar tomou tal fulgor, que não mais parecia o medico bonacheirão com quem conviviam. Era um homem novo, uma imagem, um magnifico symbolo de força e de fé. Naquelle mo-



mento sua cabeça loira, ingenua e sonhadora figurava concentrar em si todo o esplendor da Allemanha de Goethe e de Nietzsche. Dir-se-ia que a sua vista interior, cobrando sobrehumano poder de devassar o futuro, adivinhava, mesmo atravez das possíveis derrotas e humilhações, um mysterioso e longinquo reamanhecer do seu povo...

XXXVII

A bondosa *frau* Mathilde, antes de partir em companhia de seu deus Frederico, proporcionou a Angelo agradável surpresa, entregando-lhe uma cartinha de Maria Luiza, que viera inclusa em outra a ella endereçada.

Eram doces palavras de amor, de grande e absorvente amor, repassadas de saudade e de infinita ternura.

Ao percorrer mil e uma vezes as linhas encantadas, tremulas de divino recolhimento virginal, onde a mãozinha fina e patricia da joven brasileira puzera toda a sua bella alma, num lindo incendio de paixão e de bondade, o moço teve a certeza de que os longos mezes de ausencia só haviam augmentado os thesouros de affeição de que era objecto.

Atravez, porém, da trama carinhosa das phrases, significativas de que aquella dedicação sem limites estava resoluta a desafiar os maiores obstaculos, surgiam aqui, alli, innegaveis sombras de tristeza. Via-se claramente nas entrelinhas e reticencias que a opposição do pae continuava acerrima e irreductivel.

O orgulho do afidalgado fazendeiro parecia uma cousa antiquada, verdadeiro carrancismo naquelle S. Paulo cosmopolita, cheio de modernices e novidades. Ainda nas mais altas familias já não eram raros os exemplos de consorcios com estrangeiros enriquecidos. Porque razão havia então de obstinar-se o coronel em sua recusa? Porventura a velha cêpa dos bandeirantes não poderia concorrer conscientemente para a formação dessa *nova nacionalidade* que se ia em torno formando a olhos vistos?

Neste ponto de suas reflexões, como resposta a taes perguntas, acudiu a Angelo o asserto de Strauss: "Atravez da aparente altivez de familia o que ha é a legitima resistencia de uma raça que não quer desaparecer. Vieira, como Viriato, symbolisam as mais puras forças do passado, necessarias á obra de transformação, sem perda da personalidade..." E no seu nobre coração, máo grado a amargura que lhe causava o ver indefinidamente adiada a realização de seus sonhos, perpassou um tal ou qual sentimento de orgulho em sentir-se amado com extremo por uma mulher de seme-



lhante estirpe, delicada floração do melhor e do mais remontado vigor de um povo.

“Ha, todavia, aqui um exaggero e um engano”, pensou de si para consigo: A final elle e Maria Luiza não eram tão extranhos assim um ao outro. Porque, a seu ver, todos os povos latinos possuíam uma só grande alma, a que se poderia dar o nome de “alma do Mediterraneo”. Não seria facil caracterizar em duas palavras o em que consistia esse espirito maravilhoso, sahido do mar civilizador. Era, porém, um como sopro creador que durante muitos seculos foi expirar nas columnas de Hercules, onde os antigos julgavam que ia acabar o mundo: *Ibi deficit orbis*. Mas com o italiano Colombo e o portuguez Alvares Cabral a alma latina atravessára os mares e viera encher do seu fervor as florestas do novo mundo. Chegavam, pois, do mesmo sonho, ligados por sagrado laço primitivo. Traziam ambos as mesmas aspirações que desbarbarizaram o occidente. E que significavam as fronteiras e as distancias materiaes ao lado das semelhanças de ordem moral? Um italiano do Trentino ou do Trieste era por certo muito mais irmão de um brasileiro no outro hemispherio do que de um austriaco, ou allemão ou eslavo, seu vizinho de casa. Antes que chegasse o dia da Patria Universal, com que tanto sonhava Leonardo, cria sinceramente, sem haver mister “substituir o amor da patria pelo amor dos antípodas”, na grande patria universal, mas real, que se podia chamar a patria latina,— a qual existia mais na côr das idéas, nas formas de sensibilidade, nos gestos da alma e do coração do que no espaço e no tempo. Sentia-se, por isso, immensamente feliz em cuidar que havia um como sangue espiritual, mysteriosa essencia de luz ou de sol, que lhes pertencia em commum, a elle e a Maria Luiza, e esperava que o amor, intima penetração de duas almas, viria a apagar as differenças que acaso existissem. . . E esse amor, capaz de os converter em um só ser, em uma só vida, não seria bastante poderoso para crear em seus filhos um rythmo novo, destinado a transfigurar á luz tropical destes céos o sonho ancestral das remotas plagas do Mediterraneo?

XXXVIII

“Meu caro Angelo.

Para que você não tenha o trabalho de voltar a pagina, saiba desde já que quem assigna esta é um sertanejo por nome Luz, o ex-bacharel Benicio da Silva Luz. . .

Escrevo-lhe de Paracatú, de pleno sertão mineiro, quasi que das abas de Goyaz. . . Você ha de ficar com razão espantado ao receber semelhante noticia. Eu mesmo nunca pensei em vir parar aqui



neste nosso longinquo *far-west*. Como lhe disse ha tempos, tencionava desde muito dar uma saltada a Caxambú, para ahi tratar-me daquelle meu mal do figado. Pois a tal saltada deu ensejo de encontrar-me com um antigo collega, hoje boiadeiro, e... abjurei definitivamente essa civilisaçãozinha litoranea, que com as suas incessantes macaquices e ridicularias me ia levando á cova. *Agarrei* da mala, ainda não aberta, e *soquei* em companhia delle para este mundão de nosso Senhor.

Para que augmente ainda o seu legitimo assombro, ouça lá de chofre estas espantosas novidades: — Curei-me em 15 dias. Estou outro, inteiramente outro. Descobri a alegria e a saude. E... (não volte agora contra mim os meus anathemas de outr'ora) e... vou casar-me com uma roliça filha de Goyaz!!

Ainda não é tudo, meu caro. Pode fazer mais provisão de assombro, que aqui vou queimar em sua honra meu derradeiro cartucho literario e erudito. Lembra-se você, Angelo, daquelle formosa pagina de Aristoteles, conservada por Cicero, ácerca da existencia dos deuses? Talvez não se recorde mais... Como ainda me está decorada, ahi vae ella. Tenha paciencia e leia a cousa, que vae ser esta o meu canto de cysne bacharelesco.

“Se existissem seres, — diz o peripathetico — que tivessem sempre vivido nas profundezas da terra, em moradas ornadas de quadros, de estatuas, e de tudo o mais que possuem em abundancia os felizes do mundo; se taes seres tivessem vagamente ouvido fallar na existencia de deuses todo-poderosos e um dia, entreabrindo-se o solo de repente, pudessem elevar-se do fundo dos seus recessos subterraneos ás regiões que habitamos — quando dessem com a terra, com o mar e com a abobada celeste, quando reconhecessem a extensão das nuvens e a força dos ventos, quando admirassem a belleza do sol, sua grandeza e suas torrentes de luz, quando enfim contemplassem, em chegando a noite, o céu estrelado, as variações da lua, o levantar e o pôr dos astros, no seu curso immutavel desde toda a eternidade, sem duvida exclamariam: “Sim! Ha deuses, e estas grandes cousas são suas obras!”

Está você boquiaberto, meu caro Angelo, diante de tão nesperada papafina classica. Creia, porém, que não estou louco não. Estou... é á procura de uma imagem que sirva para dar uma idéa approximada da infinita surpresa de que ando possuido, com o descobrimento que fiz do sertão, ou melhor, da natureza, da deslumbradora natureza brasilica. Porque, ahi, meu caro, no meio desses mil e um artificios simiescos a que dão o nome de civilização, nessa exteriorização geral da vida a que chamam vida intensa e vertiginosa das cidades, a gente fica tão longe da verddeira belleza das cousas como os taes homens subterraneos imaginados pelo genio enthu-



siasta do philosopho grego. Sabe-se vagamente que o sol e a lua illuminam o mundo. Mas isso é longinqua reminiscencia de outras vidas ou lembrança de detestaveis metaphoras impingidas, entre poeiras e apertões, por algum orador official, em dias grandes de festas nacionaes. Quando é que se olha *de verdade* para o céu, para para as estrellas, para as arvores?

Não se ria de mim, Angelo — Descobri o céu, a lua, as estrellas. Sei agora o que é a natureza com N maiusculo, sem ter necessidade de ler Holbac nem Rousseau. Descobri uma patria, meu amigo, que me enche de orgulho, tanto mais, quanto a possuo em commum com os seres que me rodeiam. . . Pois aqui existem almas que são verdadeiras emanações da natureza. Ha homens de uma espontaneidade e frescor de agua de rocha. Gente rude, mas forte. Gente divina. Vivem como que perdidos na natureza e confundem-se, por assim dizer, com os elementos. São os gigantes da terra, as forças brutas e sans. Tenho aprendido com elles a ser simples e feliz, a integrar-me no meio e na roça, a ser brasileiro em fim. Porque o verdadeiro, o grande, o invictissimo Brasil, meu caro, está no sertão. Vocês, os litoraneos os civilizados, os desordenados têm a illusão de que são a nacionalidade. Mas na verdade estão apenas em marcha para o sertão. E o sertão os ha de um dia conquistar e transformar a todos. Longe vão de mim os antigos receios e pessimismos. Agora creio no triumpho da *nossa* vida. Porque trabalham e acodem por nós o céu e a terra, os rios e as matas, todas as potestades, em fim, que nos fizeram quaes somos. Com taes alliados, a nossa força de assimilação e de nacionalização não conhece limites. Havemos de impor ao futuro um rythmo perpetuo e perpetuamente novo, sem deixar de ser *nosso* — porque o Brazil-homem e o Brazil-natureza se fundem aqui num só poder oceanico, numa só realidade, capaz de estampar nas mais diversas almas a mesma indelevel effigie da patria. . .

Está você pensando que estou me divertindo em fingir de Luciano. Pois engana-se. Fallo serio, ridiculamente serio. Que quer o meu amigo? Sinto-me aclimatado; mais do que isso, sinto-me restituído de órgãos que havia perdido, de partes de meu ser que eram indispensaveis á harmonia de minha vida, e eram estas montanhas, estes chapadões, aquella agua corrente lá em baixo na bocaina, e mais a viola, e os touros e os poidros por domar. . . E' toda a minha infancia, a minha saude, a minha terra e a minha gente que me voltam de golpe e me poem no rosto já bronzeado um bom e alegre sorriso. Respiro com estes campos — são os meus pulmões. E *vivo* nestas montanhas, onde bate fundo, forte e alto o meu impetuoso coração. Venha cá, Angelo. Corra para aqui, meu bom e querido amigo, que, em chegando, ha de você exclamar, á vista destes céos, á maneira dos taes entes subterraneos de Aristot-



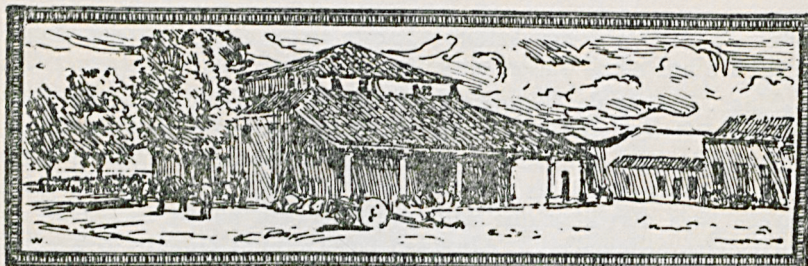
teles: "Sim! Ha deuses tutelares, nesta terra, e elles me guardam, a mim e aos meus filhos, thesouros de felicidade !

Mas... basta de literatices. Perdoe-me, Angelo, pois só fallei em mim. O verdadeiro fim, porém, desta é pedir-lhe noticias suas e aconselhar-lhe que, se quizer consolar-se daquelle desgosto que sabemos, faça as malas e venha para o sertão. Tenho cá minhas razões para acreditar que aqui você tambem ha de encontrar a verdadeira felicidade... Abraça-o com todo o coração o ex-pifio-bacharel e hoje authenticico sertanejo

LUZ."

(*Continúa*).





VALOR EMOTIVO DAS PALAVRAS

Do “*Ensaio sobre a linguagem medica do Brasil e de Portugal*”, notabilissimo trabalho do prof. Honorato Faustino, que brevemente será dado a prelo, a *Revista do Brasil* publica um fragmento de capitulo, sufficiente para dar a medida do valor da obra.

E’ tempo de passarmos uma vista d’olhos sobre as perturbações mentaes.

O *debil mental* é geralmente um SIMPLES, SIMPLÓRIO, PAMONHA, + ESQUECIDINHO, + SARAMBÉ (Corr. *çarâ-bé*, escorrega todo, falsêa de todo. No sentido vulgar — *que não tem idéas firmes*). O termo *sarambé* emprega-se tambem para significar um obscurecimento momentaneo e passageiro da intelligencia, por qualquer factio emotivo. “Com a terrivel noticia fiquei méio *sarambé*”.

Os termos ESPELOTEADO, ZONZO, PANCADA, TELHUDO, significam sujeito *estonteado* ou *desequilibrado*, sem ser todavia um louco. Este é um morto para as relações sociaes, ao passo que o *espeloteado*, o *pancada*, é como o possaro que foi attingido por uma pelota, ou o individuo que apanhou uma bordoadá: ficaram apenas *tonteados*, porém não *mortos*.

Exprime-se ainda esse mesmo estado, dizendo que o individuo tem uma ADUELA DE MENOS; compara-se a instabilidade de suas idéas á falta de firmeza das aduelas de um barril, quando lhes falta uma. “O tal Silvestre... tinha aduela de menos”. (T. V. *Critica*, 14).

Como synonymos de *doido* temos uma boa copia: — GIRA, ZORATE, CHALADO, ALUADO, LUNATICO, VARIADO, + VARIADO DO JUIZO, + DE MIOLO VARIADO, + SOF-

FRENDO DA BOLA ou DA CABEÇA, COM A BOLA VIRADA, DOENTE DA CABEÇA, ALOILADO, ALVARINHO (*prov. trasm.*). "... seu pae está doente da cabeça..." (C. C. B. *Os brilhantes...*, 105). "O Homero está soffrendo da cabeça..." (J. A. *Encarnação*, 22). "... andava de miolo virado..." (Taubay. *Ao entardecer*, 66). "Corre no vulgo a alcunha de lunáticos aos de cabeça transvariada" (A. F. B. *Instituições*, 49). "Uma louçura, e o Ayres um "aluado". (A. M. *Ruínas...*, 218). "Sinhô diz qu'elle tá gira" (C. N. *Rei negro*, 419).

+ NÃO REGULAR, + NÃO REGULAR DO JUIZO? ESTAR VARRIDO DO JUIZO? PERDER O JUIZO, são locuções que equivalem a *estar louco*. "Tinham-me dito que elle não regulava..." (J. A. *Encarnação*, 22). "... seu pai não regulava do juizo..." (C. C. B. *Os brilhantes...*, 105. "A menina perdeu o juizo" (J. A. *As minas...*, I, 44). "Teu galante, filha, está varrido do juizo." (*Ibid.*).

Em Minas DAMNAR DO JUIZO é *enlouquecer*, e no norte do Brasil a um accesso de loucura chama-se *PILOIRA*.

Finalmente, as manias teem entre o povo os seguintes nomes: TINÊTA, TÊLHA, ZINA, BÔLHA, +MAL DE LUA. Entende-se que a lua influe sobre os maniacos. "... deu-lhe para alli na zina." (Ap. C. de F.). "... deu-lhe a tinêta de partir logo para o Porto..." (C. C. B. *Corja*, 21). "Estás hoje nas tuas noites de bôlha, Leontina?" (A. P. *Ninho de guincho*, 75).

TELHUDO, QUE TEM TELHA, é o mesmo que maniaco. "... Eusebio Macario observou que o rapaz era telhudo..." (C. C. B. Eusebio Macario, 111).

Finalisaremos este capitulo com os termos e expressões populares que se referem ao estado de excitação nervosa, produzido pela ingestão de bebidas alcoolicas.

Todo o mundo tem tido occasião de observar as diversas phases de embriaguez em individuos alcoolisados; praticam estes os mais extravagantes actos, provocantes ora de riso e chacota, ora de repulsa e indignação.

Tratando-se de um vicio universalmente espalhado, occasionando phenomenos physiologicos de molde a attrahir a attenção de todos os que os presenciam, comprehende-se que o povo tenha sido levado a crear uma immensidade de termos e locuções para exprimir os diversos graus de embriaguez.

Como synonyms de *embriaguez*, temos :

AÇORDA	CARTOLA	PILÉQUE	TACHADA
AGUARDENTIA	(p. trasm.)	PELEIRA	TEMULENCIA
BARRETINA	+ CHUVA	(Talvez por	TIÓRGA
BEBEDEIRA	EBRIEDADE	<i>pieleira</i> , de	+ TOPÉTE
BEBEDICE	ÊMA	<i>piela</i>).	TOUCA
BICANCRA	+ GANSO	PITADA	TORTELIA
BORRACHEIRA	GATA	(p. trasm.)	+ TORTOLÍA
+ BORRACHERIA	GATEIRA	PITEIRA	TRABUZANA
BORRACHICE	+ GATOSA	PIZORGA	TROVOADA
+ BROCHA	MOAFA	PORCO	(T. de Alijó)
+ BRUECHA	MONA	PORRE	TURCA
+ CABELLEIRA	NENA	+ RAPOSA	+ TRUACA
CACHACEIRA	PALA (T. do	RAPOSEIRA	VERNIZ
CAMOECA	<i>Fundão</i>)	RASCA	VINAGREIRA
CARAPANTA	PERÚA	RASCA	VINHAÇA
CARDINA	PIÉLA	ROSCA	VINOLENCIA
CARGA	(De <i>piar</i>)	+ ROSCA	+ XUMBERGA (1)
CARRASPANA	PIFÃO	(prov. minh.)	

Termos que significam *embriagar-se* ou *estar embriagado* :

+ AMONAR-SE	+ BANCAR-AVESTRUZ
BICAR (embriagar-se ligeira- mente)	CARREGAR OS MACHINHOS
CHUPAR	+ ENTRAR NA VINHA DO SE- NHOR
EMPITEIRAR	+ ERRAR A CONTA
ENCANASTRAR (prov. trasm.)	+ ESTAR ALCOOLISADO
MELAR (N. do B.).	+ " ARRELAMPADO
TOCAR (beber um pouco)	" BANZEIRO (meio em- briagado)
TOMAR	" BICUDO
ROER	" CHEGADO
XUMBERGAR	+ " CHEIO
+ ACHAR A RUA PEQUENA	+ " CHUMBADO
ANDAR AOS BORDOS	+ " CHUPADO
+ " AZURATADA	+ " DÓCE
+ " CERCANDO FRAN- GO	" ENCACHAÇADO
+ " ESCREVENDO	" ENFRASCADO
+ " NA RESSACA	+ " ENTORNADO
+ " NO GANSO	" ENTRADO
+ " TROCANDO AS PER- NAS	+ " ENVERNISADO
+ " Aos SS e RR	+ " ESPIGAITADO (ligei- ramente embriagado)
+ ARRIMAR AS MÃOS A' PA- REDE	+ " ESPOREADO
	" ESQUINADO

(1) Sobre este termo diz Rodolpho Garcia, no seu *Diccionario de brasileivismos*: "Parece provir do appellido *Xumbergas*, do famigerado 4.º governador e capitão-general de Pernambuco, Jeronymo Furtado de Mendonça, que o deveu á maneira por que usava os bigodes tufados á Shoemberg, do nome do general allemão Armando Frederico Schoemberg... Furtado de Mendonça tanto foi odiado na colonia, que seu nome e alcunha se tornaram alvo de todos os vilipendios, entre os quaes é bem possivel se contasse o daquella se prestar á synonymia de embriaguez."

+ ESTAR MELADO	+ ESTAR NO MEL
+ " MORDIDO	" NA MÉLA
+ " " DE ARARA	" NO PÓRRE
+ " QUENTE	+ " " VEROÉL (1)
+ " SAPECADO	+ " A MEIO PAU
" TACHADO	+ " COM MEIAS PINTAS
" TOCADO	+ " COM DOUS DEDOS
+ " TOLDADO	" DE GRAMMATICA
+ " TOMADO	+ " COM GRÃO NA AZA
+ " TONTO	(Começo de embriaguez)
+ " TORRADO	" COM OS SEUS VA-
" TRANCUCHO (S. do	" PORES
Bras.)	+ " DE MEIA REDEA
" ZARANZA (T. do Tur-	+ " " MEIO ÓLHO
quel)	+ " ENTRE ÀS DEZ E ÀS
" ZINETO (um tanto	" ONZE
ebrio. T. de Turquel)	+ " MEIO CA' MEIO LA'
" ZUCO (T. da Bairrada)	" MONTADO NO POR-
+ " NA AGUA	" CO (N. do B.)
+ " " BROCHA	" NA ou COM A GATA
+ " " EGUA	+ " NO TROLY
+ " " GRAXA	+ FAZER SS
+ " " CHUVA	+ FERRAR O PEQUIRA
+ " " PINGA	+ MONTAR NA ÊMA
+ " NO BICO, BICADO ou	+ NÃO SABER DE QUE FRE-
RISCADO (em começo	" GUEZIA E'
de embriaguez)	+ QUEBRAR A MUNHÉCA
+ " NO GOLE	TOMAR O PORCO

"Naturalmente Bocage, quando tomava carraspanas..." (J. M. M. *Moreninha*, 2). "... isto não passa de uma mona..." (*Ibid*, 137). "... bem cosida a camueca!" (J. A. *Til*, I, 149). "... era padre-mestre de moafas". (Garret, *Falar verdade* (Ap. C. de F.). "... estava, decerto, "prompta", "na tiõrga" (A. M. *Ruinas...*, 151). "... contou-lhe casos... das piteiras do povo de Deus" (C. C. B. *Corja*, 20). "Era raro o dia em que eu não tomasse uma bebedeira" (F. J. *Folhetins*, 58). "... já meio trancucho, mas não murcho..." (A. M. *Ruinas...*, 63). "... entrar no côro a fazer SS..." (C. C. B. *Amor de perdição*, 71). "... quando anda azuratada..." (*Ibid.*).

Um embriagado é:

+AREAL	+CHOPISTA	LAMBAMBA
BEBERRÃO	CHUPISTA	+MAMOEIRO
BORRACHO	COPISTA	ÓDRE
+CAIXA D'AGUA	+CHUVA	+PAU D'AGUA
CANGICA	ESPONJA	+PE' DE CANNA

(1) Talvez de *very well*, estribilho de algum *bife encervejado*. (Ap. Firmino Costa. *Almanaque Garnier* — 1905 — 231).

PIÇÓ	+ROEDOR	TONEL
PIO	+ROIDO	+VASILHA
+PIPA	SANGUESUGA	+VIRA-COPO
PITEIREIRO	SOPÃO	ZARANZO (T. alemt.)
+PORRISTA	+TARRAÇO	ZARANZA (T. de Tur- quel)
+PROMPTO	TEMULENTO	

“... preparava outra “saude” ao borracho...” (A. M. *Ruínas...*, 64). “... estava, decerto, “prompta”... (*Ibid.*, 151). “E’ uma esponja viva” (C. C. B. *Amor de perdição*, 72). “... as pernas vacillantes de um temulento...” (A. R. *Sombras nagua*, 135). “Eu nunca o vi tão cangica” (C. C. B. *Corja*, 20). “Uma piteireira. Hei de espetal-a num romance!” (*Ibid.*, 37).

Ingerir bebidas alcoolicas é:

+ACCENDER A LAN- TERNA	EMPINAR	PIAR (Do caló, <i>pic- jar</i> , beber)
+BEBER	ENTORNAR	+ROER
+CHUPAR	MATAR O BICHO	+VIRAR COPO
+COMER AGUA	+MOLHAR A GAR- GANTA	+XUMBERGAR

“... dá-se antes do almoço aos trabalhadores, os quaes dizem que vão *matar o bicho* (Beira-Alta).” (Vasc. *Trad. Port.*, 228). “Homem, ninguem empina melhor!” (F. M. M. *A feira dos ane-
xins*, 137).

As bebidas alcoolicas chamam-se:

ABRIDEIRA (que abre o appetite)	CAXIXI (N. do B. Aguard. ordinaria)	+PATRICIA
+A DO O’ (da freguezia do O’, em S. Paulo)	+DINDINHA	PILÓIA
BRANCA	ESPIRITO	PINGA
+BRASILEIRA (Cf. G. B. Terra do Sol, 185)	+GIRGOLINA	PINGOLETA
BICHA	+GERIBITA	+PIÚGA
+CAMBRAIA	+GRAMMATICA	PÓRRIO
+CANNA	+GUAMPA	+RESTILO
CANNINHA	MANDUREBA	+SETE VIRTUDES
+CANHA	MINDUREBA (N. do Brasil).	+SINH’ANNINHA (N. do Brasil)
	PARATY	TEIMOSA
		TIUBA (N. do B.)

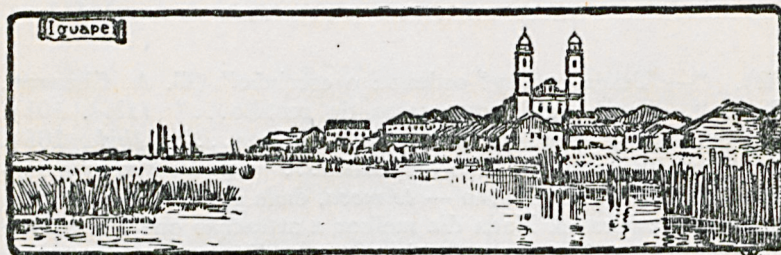
+ BICADA, + BICULA, + GORNÓPE, + REMADA, + TRAÇO, são termos que significam *porção de aguardente bebida de uma só vez*. “... para ir tomar *bicadas* numa taverna proxima” (Do *Jornal Pequeno*, 182—1911. Ap. R. G. *Dicc. Bras.*). “... com um copasio de boa cachaça de Piracicaba...” (J. A. *Til*, I, 155). “... que lhe filava a pinga...” (*Ibid.*, 161). “... nunca mais bebera “espírito” (Afr. Peixoto, *Maria bonita*,

102). “— Traga paraty! ordenou o escrivão” (G. A. Chanaan, 199). “... encha ahí um quarto de restillo...” (*Ibid.* 101). “... não ha melhor que um gole de canna...” (*Ibid.*, 105). “... ao lhe servir o copinho da branca...” (G. B. *Praias e varzeas*, 108). “A denominação — *teimosa*, dada á cachaça, é de uma philosophia adoravel. Nada diz melhor a attracção que ella exerce sobre aquelles valentes e o desejo nunca realisado, que elles teem, de evital-a.” (E. C. *Sertões*, 132). “... só tem o defeito de se tomar da pingoleta” (C. C. B. *Amor de perdição*, 71). “A *patricia* é o vinho do pobre” (Franklin Tavora, *O matuto*, 147. Ap. R. G.). “Então? vens tomar uma guampa?” (J. A. *O gaúcho*, II, 158). “Chamam-n-os *abrideiras*” (Alberto Seabra. *O perigo alcoolico*, 12). “Neste particular a pinga com limão goza de uma reputação sem igual” (*Ibid.*, 19).

O estado de indisposição consequente á embriaguez, chamado entre os francezes, não sei por que motivo, MAL AUX CHEVEUX — é entre nós pelos nomes de + RESSACA, + GOSTO DE CHAPEU VELHO, + GOSTO DE CABO DE GUARDA-CHUVA.

Nota: as palavras assinaladas com o signal (+) inda não foram incorporadas aos dictionarios.





DRAMA DA GEADA

POR

MONTEIRO LOBATO

Junho. Manhã de neblina. Vegetação entanguida de frio. Em todas as folhas o recamo de diamantes com que as adereça o orvalho.

Passam colonos para a roça, retranzidos, deitando fumaça pela bocca.

Frio de geada, desses que matam passarinhos e nos põe sorvete dentro dos ossos.

Sahiramos cedo, a ver cafesaes, e ali paramos, no viso do espigão, ponto mais alto do caminho. O major, dobrando o joelho sobre a cabeça do socado, voltou o corpo para o mar de café, aberto ante nossos olhos, e disse, num gesto largo:

— Tudo obra minha, veja!

Compreendi-lhe o orgulho e senti-me orgulhoso tambem de tal patricio. Aquelle desbravador de sertões era uma força creadora, dessas que ennobrecem a especie humana.

— Quando adquiri esta gleba, era tudo mataria virgem, de ponta a ponta. Roci, derrubei, queimei, abri caminhos, rasguei vallos, estiquei arame, construi pontes, ergui casas, arrumei pastos, plantei café. Fiz tudo. Trabalhei como negro captivo durante quatro annos a fio. Mas venci. A fazenda está formada, veja!

Vi, o mar de café ondulando pelos seios da terra, disciplinado em fileiras e ruas de absoluta regularidade. Nem uma falha. Era um exercito em pé de guerra. Bisonho ainda, só no anno vindouro entraria em campanha. Até ali, os primeiros fructos não passavam de escaramuças de colheita. E o major, chefe supremo do exercito verde, por elle creado, disciplinado, preparado para a batalha decisiva da primeira safra grande, a que liberta o fazendeiro dos onus da formação, tinha um olhar orgulhoso de pae deante de filhos que não mentem á estirpe.

O fazendeiro paulista é alguma cousa séria no mundo. Sua energia crea. Cada fazenda é uma victoria sobre a fereza retractil dos elementos brutos, colligados na defesa da virgindade aggreddida. Seu esforço de gigante paciente nunca foi cantado pelos poetas, mas ha muita epopéa por ali que não vale a destes heroes do trabalho silencioso. Tirar uma fazenda do nada é proeza formidavel. Alterar a ordem da natureza, vencel-a, impor-lhe uma vontade, canalisar-lhe as forças de accôrdo com um plano preestabelecido, dominar a replica eterna do mato damninho, disciplinar os homens da lide, quebrar a força das pragas... Batalha sem tréguas, sem fim, sem momento de repouso, e, o que é peor, sem certeza plena de victoria. Colhe-a, muitas vezes, o credor, um onzeneiro que adiantou uns patacos carissimos, e ficou, a seu salvo, na cidade, mãos encruzadas na barriga, de cocaras num titulo de hypotheca, espiando o momento de cair sobre a presa como um gavião.

— Realmente, major! Isto é de enfunar o peito. E' deante de espectaculos destes que vejo a mesquinharia dos que lá fóra, commodamente, parasitam o trabalho do agricultor.

— Diz bem. Fiz tudo, mas o lucro maior não é meu. Tenho um socio voraz que me lambe, só elle, um quarto da producção: o governo, Sangram-na, depois, as estradas de ferro, mas destas não me queixo, que dão alguma coisa em troca. Não digo o mesmo dos tubarões do commercio, esse cardume de intermediarios que começa ali em Santos, no zangão, e vae, numa cadeia, até o torrador americano. Mas não importa! O café dá para todos, até para a besta do productor...

Tocamos os animaes a passo, com os olhos sempre presos no cafesal intermino. Sem um defeito de formação, as paralellas de verdura ondeavam, acompanhando o relevo do solo, até se confundirem, ao longe, em massa uniforme. Verdadeira obra d'arte em que o homem, sobrepondo-se á natureza, impunha-lhe o rythmo da symetria.

— No entanto, continuou o major, a batalha não está ganha ainda. Contrahi dividas, a fazenda está hypothecada a judeos francezes. Não venham as colheitas que espero e serei mais um vencido pela fatalidade das coisas. A natureza, depois de subjugada, é mãe; mas o credor é sempre carrasco...

A espaços, perdidas na onda verde, perobeiras sobreviventes erguiam fustes contorcidos, como galvanizadas pelo fogo numa convulsão de dôr. Pobres arvores! Que destino triste, verem-se um dia arrancadas á vida em commum e insuladas na verdura rastejante do café, como rainhas escravas á cola de um carro de triumpho! Orphãs da mata nativa, como não hão de chorar o conchego de outr'ora! Vêde-as. Não tem o desgarre, o frondoso de



copa das que nascem em campo aberto. Seu engalhamento, feito para a vida apertada da floresta, parece agora grotesco; sua altura desmesurada, em desproporção com a fronde, provoca o riso. São mulheres despidas em publico, hirtas de vergonha, não sabendo que parte do corpo esconder. O excesso de ar as atordoa, o excesso de luz as martyrisa, affeitas que estavam ao espaço exiguo e á penumbra somnolenta dum *habitat* millenario.

Fazendeiros desalmados! Não deixai nunca arvores núas pelo cafesal. Cortae-as todos, que nada ha mais pungente do que forçar uma arvore a ser grotesca.

— Aquella perobeira ali, disse o major, deixei-a de pé para assignalar o ponto de partida deste talhão. Chama-se a peroba do Pereirão, um bahiano valente que morreu ao pé della, estrepado numa jissara. . .

Tive a visão do livro aberto que seriam para elle aquellas para-gens, e disse:

— Como tudo lhe ha de aqui falar á memoria!

— E' isso mesmo. Tudo me fala ás recordações. Cada toco de páo, cada pedreira, cada volta de caminho tem uma historia que sei, tragica ás vezes, como essa da peroba, ás vezes comica — pittoresca sempre. Alli. . . — está vendo aquelle cêpo de jerivá? Foi por uma tempestade de fevereiro. Eu abrigára-me num rancho coberto de sapé. E lá, em silencio, esperavamos, eu e a turma, o fim do diluvio, quando estalou um raio, em cima quasi das nossas cabeças.

— Fim de mundo, patrão! lembro-me que disse, numa caretá de pavor, o defunto Zé Coivara. . . Parecia!.. Mas foi apenas o fim dum velho coqueiro do qual resta hoje — *sic transit*. . . esse pobre cêpo. . . Cessada a chuva encontramol-o feito em ripas.

Mais adeante abria-se a terra em bossoróca vermelha, esbar-rondada em colleios até morrer no correjo. O major apontou-a, dizendo:

— Scenario do primeiro crime commettido na fazenda. Rabo de saia, já se sabe. Nas cidades e na roça ella e a pinga são o movel de todos os crimes. Esfaquearam-se aqui dois cearenses. Um acabou no lugar; outro cumpre pena na correcção. E a saia, muito contente da vida, mora com o *tercius*. . . A historia de sempre.

E assim, de evocação em evocação, ás suggestões que pelo cami-nho iam surgindo, chegamos á casa de moradia onde nos esperava o almoço. Almoçamos, e não sei si por boa disposição creada pelo passeio matutino ou por merito excepcional da cozinheira, o almoço desse dia ficou-me para sempre na memoria. Não sou poeta, mas si Appolo algum dia me der na cabeça o estalo do padre Vieira, juro que antes de cantar Lauras e Natercias hei de fazer uma



belleza de ode a esse almoço sem par, unica saudade gustativa com que descerei ao tumulto... Depois, enquanto o major attendia á correspondencia, sahi a espairecer pelo terreiro, onde me puz de conversa com o administrador. Soube por elle da hypotheca que onerava a fazenda e da possibilidade de outro, não o autor, vir a colher o fructo de tanto trabalho.

— Mas isso, esclareceu o homem, só no caso de muito azar — chuva de pedra ou geada daquellas que não vêm mais.

— Que não vêm mais, porque ?

— Porque a ultima geada grande foi em 91. D'ahi para cá as coisas endireitaram. O mundo, com a idade, muda, como a gente. As geadas, por exemplo, vão-se acabando. Antigamente ninguem plantava café onde o plantamos hoje. Era só meio morro acima. Agora, não. Viu aquelle cafezal do meio? Terra bem baixa, no entanto, se bate geada ali, é sempre coisinha, um tostado leve. De modo que o patrão, com uma ou duas colheitas, paga a divida e fica o fazendeiro mais “prepotente” do municipio.

— Assim seja, que grandemente o merece.

Deixei-o. Dei umas voltas, fui ao pomar, estive no chiqueiro vendo brincar os leitõesinhos, e depois subi. Estava um preto dando nas venezianas da casa a ultima demão de tinta. Porque as pintam sempre de verde? Interpellei-o. Mas o preto não se embarçou. Respondeu sorrindo:

— Pois veneziana é verde como céu é azul. E' da natureza della...

Acceitei a theoria e entrei. Soára a hora do café.

A' mesa a conversa gyrou em torno da geada.

— E' o mez perigoso, este, disse o major. O mez da afflicção. Por maior firmeza que tenha um homem, treme nesta epoca. A geada é um eterno pesadello. Felizmente a geada não é mais o que era. Já nos permite aproveitar muita terra baixa em que os antigos nem por sombras plantavam um só pé de café. Mas apezar disso, um que facilitou, como eu, está sempre com a pulga atraz da orelha. Virá? Não virá? Deos sabe!...

Seu olhar mergulhou pela janella, numa sondagem ao céu limpido.

— Hoje, por exemplo, está com geito. Este frio fino, este ar parado...

Ficou scismatico uns momentos. Depois, espantando a nuvem, murmurou:

— Não vale a pena pensar nisto. O que tem de ser lá está escripto no livro do destino.

— Livra-te dos ares!... objectei.

— Christo não entendia de lavoura, rematou o major, sorrindo.



*
* *

E a geada veio. Não a geadinha mansa, de todos os annos, mas calamitosa, geada cyclica, trazida em ondas da Argentina.

O sol da tarde, mortiço, dera uma luz sem luminosidade, e raios sem calor nenhum. Sol boreal, tiritante. E a noite caíra rápida, sem preambulos. Deitei-me cedo, batendo o queixo e na cama, apesar de enleado em dois cobertores, permaneci entanguido uma boa hora antes que me viesse ferrar o somno. Acordou-me o sino da fazenda, pela madrugada, e sentindo-me enregelado, com os pés a doer, ergui-me para um exercicio violento, unico remedio efficaz em casos desses. Sahi para o terreiro: o relento estava de cortar as carnes. Mas que maravilhoso espectáculo! Brancuras por toda a parte. Chão, arvores, gramados e pastos eram, de ponta a ponta, um só atoalhado branco. As arvores, immoveis, inteiriçadas de frio, pareciam emersas dum banho de cal. Rebrilhos de gelo pelo chão. Aguas envidradas. As roupas dos varaes, tesas, como endurecidas em gomma forte. As palhas dos terreiros, os sabugos de ao pé de côcho, a telha dos muros, o topo dos moirões, a vara das cercas, o rebordo das taboas — tudo porvilhado de brancuras, lactescente, como chovido por um sacco de farinha. Maravilhoso quadro! Invariavel que é a nossa paisagem, sempre nos mesmos tons o anno inteiro, encantava sobremodo vel-a de subito mudar, e vestir-se dum esplendoroso véo de noiva — noiva da morte, ai!...

Por algum tempo caminhei a esmo, arrastado pelo esplendor da scena. O maravilhoso quadro de sonho breve morreria, apagado da tela pela esponja de ouro do sol. Já pelos topes, e faces de batedeira, andavam os raios na faina de restaurar a verdura. Abriam manchas verdes no branco da geada, dilatavam-nas, entremostrando nesgas do verde submerso. Só nas baixadas, encostas noruegas ou sitios sombreados pelas arvores, a brancura persistia ainda, contrastando sua nitida frialdade com os tons quentes resurrectos. Vencera a vida, guiada pelo sol. Mas a intervenção, apressada demais, do fegoso Phebo, transformára em desastre horroroso a nevada daquelle anno, a maior de quantas deixaram marca nas embaúbeiras de São Paulo. A resurreição do verde fôra aparente. Estava morta a vegetação. Dias depois, no Estado inteiro, a vestimenta do solo era um burel immenso onde a sepia exhibia a gamma inteira dos seus tons reseccos. Pontilhava-a apenas, cá e lá, o verde sujo dos eucalyptos, o invencivel verde negro das laranjeiras e o esmeraldino sem vergonha da vas-sourinha.



Quando regresssei, sol já alto, estava a casa retranzida no pavor das grandes catastrophes. Só então me lembrei que o espectáculo tão grandioso que eu até ali só encarára pelo prisma esthetico, tinha um reverso tragico: a ruina do heroico fazendeiro. Procurei-o, ancioso. Tinha sumido. Passara a noite em claro, disse-me sua mulher; de manhã, mal clareara, fôra para a janella, e lá permanecera, immovel, observando o céu atravez dos vidros. Depois, saíra, sem ao menos pedir café, como de costume. Andava a examinar a lavoura, provavelmente.

Devia ser isso. Mas como tardasse a voltar — onze horas, e nada, a familia entrou-se de apprehensões. Meio dia. Uma hora — nada. O administrador, a mandado da mulher, saíra a procural-o. Horas depois voltou, mas sem noticias.

— Bati tudo, e nem rasto. Estou com medo d'alguma coisa. Vou espalhar gente por ahi, á cata.

D. Anna, afflicta, de mãos enclavinadas, só dizia uma cousa:

— Que será de nós, santo Deos! Quincas é capaz duma loucura...

Puz-me em campo tambem, em companhia do capataz. Corremos todos os caminhos, varejamos grotas em todas as direcções — nada! Caiu a tarde. Caiu a noite, a noite mais lugubre da minha vida — noite de desgraça e afflicção. Não dormi. Impossivel fazel-o naquelle ambiente de dôr, sacudido de choro e soluços. Certa hora os cães latiram no terreiro, mas silenciaram logo. Rompeu a manhã, glacial como a da vespera. Tudo geado, novamente. Veiu o sol. Esvaiu-se a alvura e o verde torrado da vegetação sujou a paisagem com o seu desalento. Repetiu-se o core-corre do dia anterior — o mesmo vae-e-vem, os mesmos “quem sabe?”, as mesmas pesquisas inuteis.

A' tarde, porém, — tres horas — um camarada appareceu esbaforido, gritando de lonje, no terreiro:

— Encontrei! Está perto da bossoroca!...

— Vivo? perguntou o capataz.

— Vivo, sim, mas...

D. Anna surgira á porta da casa grande. Adivinhara o dialogo de longe, e chorava, sorrindo.

— Bemdito sejas, meu Deus!

*
* *

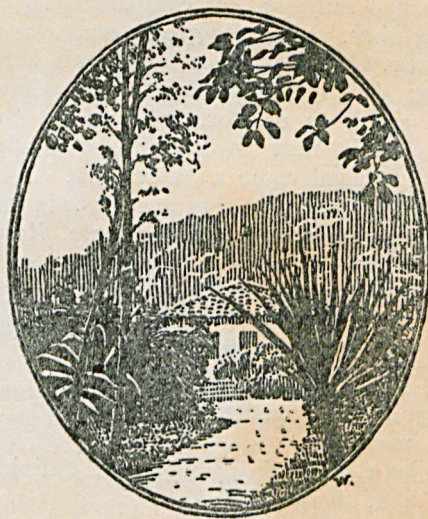
Minutos depois partiamos todos de rumo á bossoróca. De longe avistamos um vulto ás voltas com os cafeeiros requemados. Aproximamo-nos. Era o major. Mas em que estado! Roupa em



frangalhos, cabellos sujos de terra, olhos vitreos, desvairados. Tinha nas mãos uma lata de tinta e um pincel. Não deu fé da nossa chegada. Não interrompeu o serviço. Continuou... continuou a pintar, uma a uma, do lindo verde das venezianas, as folhas requeimadas do seu cafezal morto...

D. Anna, estarecida, entreparou, imóvel. Depois, rompeu em choro convulsivo:

— Louco... louco, meu Deus!

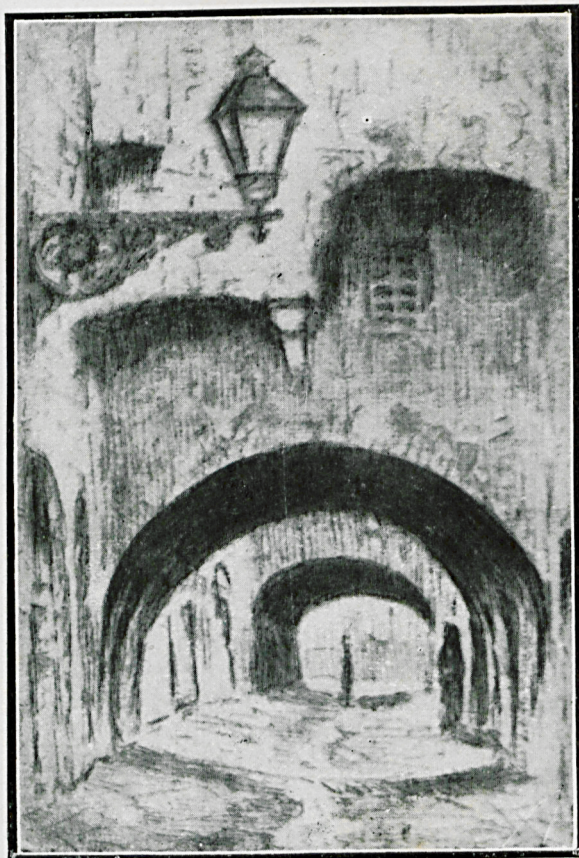


ARTE NACIONAL



Agua forte de Lopes de Leão

ARTE NACIONAL



Agua forte de Lopes de Leão



OS MUNDOS

*Longe, na escuridão do céu fulgura
Um luminoso ponto pequenino.
Chamam-no Estrella... E' um mundo adamantino
Que se perdeu nos vórtices da altura...*

*No Espaço infinito ali perdura,
Eternamente em luz, Mundo divino,
Que parecendo um ponto purpurino,
E' de um sonho de amôr a sepultura...*

*Assim, na Vida, tu me apparecias
Como um raio de luz e me escondias
Os sentimentos em que a vida enleio...*

*E hoje a mancha de luz, transfigurada,
Mostra á minh'alma em chammas, deslumbrada,
Esse Mundo de amôr que tens no seio...*

A MATILHA

(A uma Veadinha...)

*Tu não me esquecerás... Eternamente,
Como enxame de vespas infernaes,
Sentirás os meus beijos immortaes
Adejar no teu labio rubro e ardente...*

*Tu não me esquecerás... O teu fremente
Corpo de linhas puras e ideaes
Vibrará sempre, como quando caes
No martyrio do nosso amôr demente...*

*Has de sentir eternamente o grande
Amôr que de meu ser vai desdobrando
A rêde que ao redor de ti se expande...*

*Pódes fugir um dia... Mas, fugindo,
Serás acompanhada pelo bando
Dos beijos meus que hão-de ir-te perseguindo...*

PLANTA MENTIROSA

*Nada mais devo ser na tua vida,
Que uma sombra de amôr e de carinho.
Para nos abrigar não vejo ninho
Digno de ti, de mim, de nós, querida!*

*Sinto a tua existencia mal vivida
Como a de humilde e triste passarinho,
Que na gaiola deste amôr, sosinho,
Para fugir de balde anceia e lida.*

*Vai construir teu lar. Vai reviver
Ao lado de alguma alma generósa
Para estes tristes sonhos esquecer...*

*Vai... Lá te espera um diferente amôr...
O meu é como a planta mentirósa
Que não dá fructo e permanece em flôr...*

FULVIO MEONI.



ALAU'DE

*Da minh'alma o alaúde lacrimoso,
De quatro cordas se compõe apenas;
Lembra a primeira um ideal formoso,
Sonhado em noites de luar serenas.*

*Fala a segunda de um amor ditoso,
Que fugio, como fogem as falenas
Na primavera, pelo esplendoroso
Céu, povoado de canções amenas.*

*Chóra a terceira a dulcida Saudade,
Melodiosa e pura suavidade,
Que traz a brisa do rosal celeste.*

*A derradeira, a mais sublime e forte,
Canta o poema triumphal da Morte...
— Corda enlaçada em ramos de cypreste.*

ATHAYDE PARREIRAS.

AS CYMBULIAS

*Do Pacifico á flor das aguas, em cardumes,
Ora roseas abrindo as asas, ora azuleas,
Vogam na espuma argentea, em seus radiosos lumes,
Como ephemeros sóes, errantes, as cymbulias.*

*Centenares, ao léo das vagas, em ceruleas
Conchas, de burgalhões e remotos negrumes
Surgem, bailando ao som de mysteriosas dhulias,
Haurindo á equorea planta os estranhos perfumes.*

*Loucas, no amplo lençol das aguas escachoantes
Redoleiam semeando uma ignota Golconda
De topázios, rubis, saphyras e diamantes.*

*E voluveis, ruflando as asas sobre as vagas,
Em farandola ideal ellas vão de onda em onda,
Borboletas do oceano, adormecer nas fragas.*

CARLOS GONDIM.

RENASCIMENTO

A' memoria de Olavo Bilac

I

*Patria, embocas com garbo o clarim da Esperança!
Vibram teus nervos. Ferve o sangue em tuas veias.
E, embora ames a paz e sejas terna e mansa,
em flamma bellicosa a tua alma incendeias.*

*Empunhas o broquel. Brandes, ativa, a lança...
Não para conquistar as divicias alheias,
mas para garantir a tua segurança
e para defender os campos que semeias.*

*Ante o teu despertar, basta que eu me concentre,
vislumbro-te a empunhar a palma da victoria;
sinto a palpitação do porvir no teu ventre...*

*E, em civico delirio, ouço, enlevado e attento,
o destino resoar, nos carrilhões da gloria,
os repiques triumphaes do teu renascimento!*

II

*Vejo, em sonho de luz, teu esplendor venturo:
saneados teus sertões; os teus campos lavrados;
cada escola um quartel de juvenis soldados;
viveiro cada lar do civismo mais puro.*

*Ha-de cumprir-se um dia, o fado que te auguro.
Florescerão, de norte a sul, os teus povoados.
E, celleiro do mundo — encherás os mercados...
E — esclarecida e forte — honrarás o futuro.*

*Assim, do cahos presente, em victorioso ascenso,
— grande povo a crescer num territorio immenso —
surgirás no porvir, cujo arcano descêrro,*

*Exhibindo, gloriosa, ao seculo vindouro,
uma raça viril de intelligencias de ouro,
de caractéres de aço e musculos de ferro!*

Bello Horizonte.

MARIO DE LIMA.



REINO DO SOM

*Mozart lembra uma rosa a esfolhar-se, tocada.
Beethoven é o soffrer; é a grande dor humana.
Schubert evoca o amor, beijos, luz, alvorada.
Paderewski o minuete, a gavota e a pavana.*

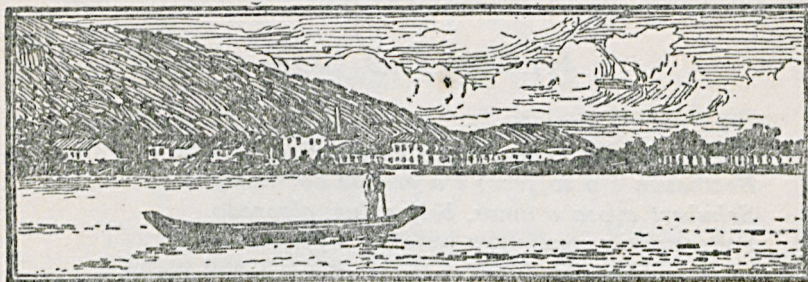
*Wagner é o turbilhão do rythmo e a rajada.
Liszt é a eloquencia, o ardor, a paixão soberana.
Chopin é uma saudade; é a magua muzicada.
Bach é o incenso christão que a alma ao passado irmana.*

*Bellini é o céu da Italia encantada e florida.
Strauss é Salomé que, entre perfumes, dança.
Schumann é um pôr de sol—a ansia extrema da vida.*

*Cada um nos acorda uma estranha lembrança.
Carlos Gomes, porém, é a voz estremecida
Da patria e evoca o sol, a alegria e a esperança.*

JAYME D'ALTAVILLA.





A ARTE E A CRITICA EM S. PAULO

RAOUL POLLILO

Não é dos mais facéis o desempenho da tarefa que a propria consciencia impõe ao critico de arte, e mais difficil ainda se torna quando este, alem de assignalar defeitos e virtudes, necessita apontar ao criticado o caminho a seguir. Quem, no exame rigoroso de uma obra artistica dada a publico se dispõe a prodigalizar algumas considerações deve ser dotado, indiscutivelmente, de um pronunciado espirito de justiça e de observação. Sem esta virtude que, na maior parte das vezes, é innata, não é possível conseguir um articulista pôr em relevo as bellezas arcanas de uma obra e, a um tempo, os senões que ella apresenta. Mesmo nos grandes centros europeos não é muito commum encontrar-se um critico arguto que, além de possuir profundos conhecimentos historicos e estheticos, gose de exemplar serenidade de julgamento, de caracter justiceiro capaz de elevar seu juizo acima de todos os preconceitos. De mais a mais, a propria divergencia de idéas e conceitos emittidos pelos poucos que formam a pleiade eleita, faz que o publico os julgue differentemente, donde provém o acatamento mais ou menos accentuado das considerações criticas de um certo autor que nem sempre é, na realidade, o mais idoneo.

Encarando-se esta questão, esta divergencia de conceitos, sob um ponto de vista puramente theorico, seria de inferir que ella é bastante propicia ao bom desenvolvimento da cultura artistica do publico. Das discussões consequentes deste contraste de idéas resultariam sérias ponderações que muito poderiam contribuir tambem para a relativa facilidade da assim chamada "ensenação" de um quadro por parte do artista—o que, em verdade, não seria

para reprovar. Mas, afim de que os debates artisticos sejam proveitosos a quem os assiste, é indispensavel que sejam leaes, francos, argumentados com factos, procedentes e logicos, embora paradoxaes, muitas vezes.

Ora, na Europa, e mesmo nos Estados Unidos isso se dá de um modo irregular, porém, frequente; dahi a evolução quasi continua das artes naquelles centros, e dahi tambem as innovações arrojadas que, muitas vezes, apparecem antes do tempo.

No Brasil, entretanto, a critica é uma palavra morta; os criticos verdadeiros, conscienciosos justos, não são mais do que habitantes de uma região utopica, entidades intangiveis, talvez inexistentes de todo, mas sob cujo nome se costuma atirar á publicidade artigos retumbantes que nada dizem. De quando em vez, principalmente em S. Paulo, apparecem alguns que, com ares soberanos, *poses* de entendidos na materia, se investem da espinhosa missão de juiz, nada mais fazendo, porém, do que estereotypar bellos phraseados, completamente vãos de idéas, a favor deste ou d'aquelle vago prenuncio de artista, esquecidos de que esse monstro multanime cognominado "publico" tambem tem os seus momentos de clarividencia e comprehende a mentira que se lhe pretende inocular, lardeada na rethorica.

Ainda está para desabrochar, entre nós, a critica sã, destituída de interesses e de boçalidades. É nada mais natural.

Quando se considera que a propria Arte, em geral, é, no Brasil, apenas uma figura de rethorica com que se deleitam os inconscientes e os irresponsaveis — é logico, é evidente que a critica artistica ainda não se tenha manifestado. Nós, os brasileiros, temos dado sempre uma importancia muito vaga á missão estafante do critico, tendo-a como cousa secundaria e vulgar em demasia, ou como simples meio de, acintosamente, lançar epithetos mordazes, quando não elogios ironicos, aos que, no grande sonho attribulado da vida, lutam para a realização da maior das mendacidades physicas e da mais bella das verdades ideaes — a Arte.

Já um escriptor francez, cujo nome se esvaiu entre os esquecidos, disse orgulhosamente que o critico nada teria a fazer no mundo se os autores, primeiro, nada produzissem. Esta temeraria asserção, na Europa, depois de longo tempo e goso da maior popularidade, deixou de ser enunciada, ainda que vagamente, com o apparecimento de Sainte Beuve, de De Sanctis e, ultimamente, na Italia, de Benedetto Croce e de Della Guida.

O maior delles, De Sanctis, com os seus estudos critico-estheticos sobre as obras de Dante, patenteou que tambem o critico sabe estudar, produzir e transmittir as mais francas e subtis manifesta-



ções do sentimento. Para isso creou o estudo sobre a Francesca da Rimini de Dante, cujas paginas são um novo monumento de beleza, tão grande que não poucos o consideram, ainda hoje, em nada inferior á maravilhosa criação dantesca. Evidentemente, ao menos emquanto elle construía a sua grande obra de perscrutação nas tragedias do Inferno, devia ser, se não superior, certamente igual ao creador primitivo das grandes maravilhas da "Commedia". De Sanctis, porém, especializou-se na critica litteraria. Nas artes propriamente ditas, foi o illustre Benedetto Croce quem, com equilibradas ponderações sobre todas as evoluções, demonstrou que o critico, ás vezes, é a alma do artista. E, embora a muitos isto pareça um paradoxo extranho, ou, ainda, uma ironia — nada pode haver de mais real, de mais verdadeiro.

As ultimas manifestações evolutivas, as doudas espiraes ascendentes da arte, indubitavelmente, são fructos da observação critica. Esta, frequentemente, faz parte do proprio "eu" do artista que toma a si a tarefa de lançar em campo mais um pedaço de alma humana para a fecundação do Ideal.

A critica, quando é feita com a necessaria porção de justiça, de equilibrio, de intuição e de sinceridade, é o fulcro da alavanca com que o artista consegue levantar os seus sonhos.

Não obstante estas verdades, a critica, entre nós, não deixou dar a todos. A's vezes é o producto de uma vontade cruel de paixões não desafogadas, ou, então, um meio cavilloso para agradar a todos. A's vezes é o producto de uma vontade calafetada de crear novas ironias, de exhibir uma erudição extraída laboriosamente de uma chrestomathia litteraria, quasi sempre chã e mal dissimulada.

E', talvez, por isso que a arte é semi-fleugmatica e marcha com vagar enervante nesta terra onde já fulgurou uma intelligencia artistica como a de Pedro Americo, e onde jaz esquecida a obra daquelle forjador de formas que foi Almeida Junior.

Que as artes, no Brasil em geral, e principalmente em S. Paulo, estão ainda em embryão, ou estateladas como cousas destituídas de virilidade, é um facto que não se pode negar, muito embora se nos apresentem, a cada instante, rebuscadas sophisticações proprias de salão, impregnadas de tolices e vulgaridades, attestando o contrario.

Em grande parte, a causa do mau encaminhamento das artes aqui é justamente essa prosaica emissão do conceito vulgar com que, ou se reprova sem a necessaria argumentação para justificar a sua attitude e indicar ao artista o erro que deve ser evitado —



ou se tecem pomposos elogios inoculados de comparações descabidas.

Parece que, doravante, quem se quizer dar ao sacrificio de, por espirito de justiça, expôr a sua sincera opinião sobre qualquer obra de arte, talvez tenha de amordaçar, antes de tudo, essa critica atoleimada, escripta apenas com a intenção de agradar. Seria tudo perdoavel si, por acaso, essa abundancia de paralogismos não redundasse em descredito, não fosse perniciosa para com os proprios artistas. Elogios atirados assim, ao acaso, sem distincção de autores, de capacidade artistica, são como um pantano onde o lyrio — depois de abrolhar a medo — tomba e apodrece.

Dos maleficios que nos accarreta uma tal casta de considerações sobre a arte, é prova eloquente a resposta muda a uma pergunta feita ha já muitos annos, mas que hoje se adapta perfeitamente ao caso; — “será que depois de Almeida Junior, dentre os milhões de almas que floriram nesta terra immensamente bella, nem uma siquer, se encaminhou pela estrada das artes de maneira plausivel ou admiravel?”

No emtanto, legiões de estudantes partem para a Europa; voltam; expõem. Mas a arte nacional não dá um unico passo, não apparece á luz!

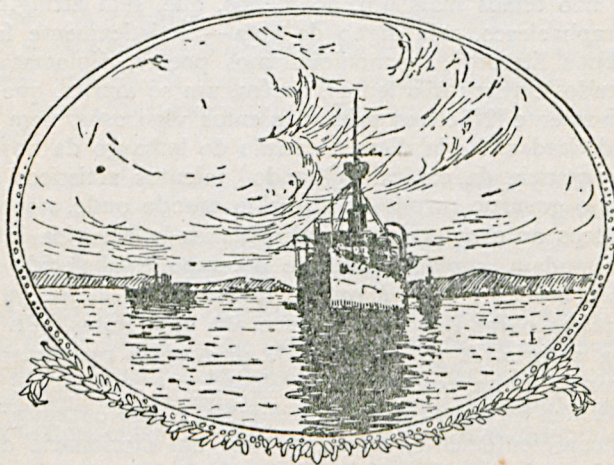
Além de dois ou tres artistas brasileiros que vivem ha muito tempo nos centros europeos e dos quaes raramente nos chegam noticias, não temos mais um, ao menos, que, sem attingir a um apogêo raphaelesco, seja digno de nota — artisticamente falando. Temos bons literatos, harmoniosissimos poetas, diplomatas eminentes, tudo, enfim; não temos, porém, um só artista, que o seja verdadeiramente. Não nos faltam talentos vigorosos, nem intelligencias delicadas. Nada disso. A razão do lethargo da nossa arte está na ausencia da critica. Quando talentos artisticos se manifestam, o governo manda-os ao velho mundo onde, nos dias de hoje, poucos autores possuem individualidade artistica indiscutivel. Lá estudam, copiam. Passa-se o tempo estabelecido para o pensionato e elles voltam á patria, trazendo, na maior parte dos casos, muitas obras que nem sempre são bem feitas nem de sua exclusiva autoria. A par disso e de protecções recommendaveis, trazem ainda muita vontade de se elevarem e muita sêde de elogios. A critica os espera de braços abertos, e sem consultar o bom senso, inconscientemente, atira-lhes todo um dictionario de palavras bonitas, de grande effeito theatral. Ao em vez de consideral-os simples estudantes que terminaram apenas o pensionato (e não os estudos) e dignifical-os nos limites admittidos pela sua juventude, chama-lhes *genios*, *mestres*, etc., etc. Não lhes diz a verdade, isto é, que progrediram, mas que ainda necessitam de



estudos afim de crear a individualidade propria e serem artistas independentes de influencias extranhas. E o autor, que se tinha ainda por estudante, fica sabendo que já é realmente um mestre — um chefe de escola. Como no criterio do elogiado todos os elogios são merecidos, começa elle a sentir-se ufano. A vaidade é dos humanos e em gráo maior ou menor todos a possuem, sobretudo os artistas. Assim elogiado, elle não se preocupa mais com a realisação de novos arrojões, novas creações; nada. Foi consagrado, triumphou com grande facilidade e... basta! Engolfa-se na producção machinal afim de tentar fortuna e morre para a Arte.

Infere-se de tudo isto que, si tempo houve em que os artistas e as bellas imaginações fanavam-se por não serem comprehendidas, — hoje fenecem como flores desligadas da haste porque a critica — essa critica aleivosa que por ahi se faz sem ao menos precedel-a de uma consulta, de um exame á obra criticada — julga ou finge comprehendel-os... de mais...

D'onde se conclue que a critica, tal como a temos, fórma entre as causas que originaram e prolongam ainda o lethargo da nossa manifestação artistica.



ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

CLAUDIO MANOEL DA COSTA

Patrono da cadeira n. 8. — Nasceu em Marianna, antiga villa do Ribeirão do Carmo, Minas Geraes, a 6 de Junho de 1729 e suicidou-se no carcere de Villa Rica, (Ouro Preto) a 4 de Junho de 1789.

F. Wolf attribúe o nascimento a 9 de Junho, Alberto Lago e José Verissimo a 5 do mesmo mez e anno.

BIBLIOGRAPHIA

- 1 MINUSCULO METRICO — romance heroico consagrado ao Rev. D. Francisco da Anunciação; sendo segunda vez confirmado na dignidade de Reitor da Universidade de Coimbra — Coimbra, in 4.º, por Luiz Secco Ferreira — 1751.
- 2 EPICEDIO — consagrado á memoria do Rev. Fr. Gaspar da Encarnação, reformador dos conegos regulares de Santo Agostinho da Congregação de Santa Cruz de Coimbra, in 4.º de 8 pgs., Coimbra, no Real Collegio das Artes da C.ª de Jesus — 1753 (Faz parte do tomo III dos "Elogios funebres de ecclesiasticos de Portugal", colligidos pelo abbade Diogo Barbosa Machado e pertencente á Bibliotheca Nacional.
- 3 LABYRINTHO DE AMOR — poema — Coimbra, por Antonio Simões, in 8.º — 1753.
- 4 NUMEROS ARMONICOS — temperados em heroica e lyrica consonancia — Ibidem — in 8.º — 1753.
- 5 CULTO METRICO — a uma abbadessa do Mosteiro de Figueiró.
- 6 THESE EM CANONES, com uma dedicatoria deduzida dos versos de Virgilio.
- 7 OBRAS DE C. MEL. DA COSTA, arcade ultramarino, chamado *Glauceste Saturnio*, in 8.º de XXII-320 pgs. Coimbra, officina de Luiz Secco Ferreira, 1768. (Comprehende 100 sonetos, dos quaes alguns em italiano, 3 epicedios, 20 eclogas, 6 epistolas, 8 cantatas, 4 romances e cançonetas, em versos rimados e em toantes).

Varias edições foram empreendidas das Obras poeticas do autor. E' recommendavel a ultima, feita sob os cuidados e competencia de João Ribeiro.

OBRAS POETICAS DE C. MEL. DA COSTA (Glauceste Saturnio), nova edição, contendo a reimpressão do que deixou inedito ou anda esparso, e um estudo sobre a sua vida e obras por João Ribeiro, 2 vols. (Tomo I: Sonetos, Eclogas Epistolas, Fabu'a, Epi-cedios e Romance heroico, 351 pgs.; tomo II: Romances, Cantatas, Cançonetas, Poesias ineditas e o poema "Villa Rica", 281 pgs.) Rio, H. Garnier, 1903.

- 8 VILLA RICA — poema — Dado á luz em obsequio ao Instituto Historico e Geographico Brasileiro por um dos seus socios correspondentes. Ouro Preto, Typ. do Universal, in 4.º, de 8 pgs. XIX-80 pp. num. (A ultima pagina é occupada por um soneto de José Maria Francisco de Assis) 1839-1841.

A segunda edição, que possúo, é de Ouro Preto, Typ. do "Estado de Minas", XXX-95 pgs.-1897. Tambem editou separadamente os — *Sonetos*.

Apparecem algumas dessas obras em publicações geraes ou collectaneas, como: *Collecção de poesias ineditas dos melhores poetas portuguezes*. Lisbôa 1809-1811, 3 vols.; *Parnaso brasileiro* de Januario da Cunha Barbosa; *Florilegio da poesia brasileira* de Varnhagen, *Revista do Instituto Historico* (t. 53), *Revista brasileira* (1895), além de muitas selectas e anthologias. O *Fundamento historico* que acompanha as edições do poema "Villa Rica", appareceu pela primeira vez com o titulo *Memorias historicas da Capitania de Minas Geraes*, no *Patriota*, de Abril de 1813, jornal litterario, politico, mercantil, etc., do Rio de Janeiro, redigido por Manoel Ferreira de Araujo Guimarães, em que collaborou por algum tempo Manoel Ignacio da Silva Alvarenga.

Deixou os seguintes manuscriptos, segundo documento de Alberto Lamego: *Rimas* nas línguas latina, portugueza, italiana, castelhana e franceza, em poesia heroica e lyrica, dous tomos in 4.º; *Rimas pastoris* ou *Musa bucolica*, em duas partes, in 4.º; *Centuria sacra*, poema ao glorioso parto de Maria Santissima, em oitava rima; *Cataneida*, poema joco-sério em cinco cantos e oitava rima. Muitas poesias dramaticas que se representaram diversas vezes, nos theatros de Villa Rica e de outras cidades de Minas e Rio de Janeiro. *Mafalda Triumphante* que se mandou imprimir e foi composta a empenho do Exmo. Bispo de Minas, Fr. Manoel da Cruz, a quem foi dedicada. *Cyro* ou *liberdade de Camboydes*, *Circe* e *Ulysses*, *Orlando Furioso* *Psyche* e *Cupido* (em rima solta), *Calipso*, varias traducções dos dramas de Pietro Metastasio: "O Ataxerces", "Dirceia", "Demetrio", "José reconhecido", "Sacrificio de Abrahão", "O Regulo", "O Parnaso accusado"; alguns em rima



solta, outros em prosa. Fez uma tradução contestada do "Tratado da origem das riquezas das nações" de Adam Smith e deixou memorias sobre a litteratura antiga e moderna.

FONTES PARA O ESTUDO CRITICO

- 1 Ferdinand Denis — Résumé de l'histoire littéraire du Brésil.
- 2 Ferdinand Wolf — Histoire de la littérature brésilienne, pg. 63.
- 3 F. Boutterweck — Litteratura portugueza.
- 4 Januário da Cunha Barbosa — Parnaso brasileiro.
- 5 Simond de Sismondi — De la littérature du midi de l'Europe.
- 6 Pereira da Silva — Varões illustres do Brasil, vol. 2, pg. 29.
" " " — Plutarcho brasileiro, vol. 1, pg. 225.
- 7 Theophilo Braga — Arcadia Luzitana.
- 8 C. Castello Branco—Curso de litteratura portugueza, vol. 2.º pg.248.
- 9 Joaquim Manoel de Macedo — Anno biographico, vol. 2.º, pg. 157.
- 10 Charles Ribeyrolles — Le Brésil pittoresque.
- 11 Quintino Bocayuva — Lyrica Nacional.
- 12 J. C. Fernandes Pinheiro — Littertura nacional, pg. 411.
" " " " — Resumo de historia litteraria, vol. 2.º,
pg. 321. —
" " " " — Revista do Instituto Historico e Geo-
graphico Brasileiro.
- 13 Santiago Nunes Ribeiro — Nacionalidade da litteratura brasileira.
- 14 Sylvio Romero — Historia da Litteratura Brasileira, vol. I, pg. 226.
" " — Livro do Centenario, I, pg. 28.
" " e João Ribeiro — Compendio de litteratura bra-
sileira, paginas 69 e 75.
- 15 Pinheiro Chagas — Dicionario popular historico-geographico.
- 16 Innocencio da Silva — Dicionario bibliographico, vol. 2.º, pg. 79.
- 17 Mello Moraes Filho — Parnaso brasileiro.
- 18 Almeida Garrett — Bosquejo da poesia portugueza.
- 19 Diogo Barbosa Machado — Bibliotheca Luzitana, tomo IV, pg. 91.
- 20 Mattoso Maia — Historia do Brasil, pg. 208.
- 21 Alexandre Timoni — Tableau synoptique et pittoresque des littératu-
res, tomo II, pgs. 250 e 261.
- 22 Alberto Lamego — Autobiographia e ineditos — Revista da Acade-
mia Brasileira de Letras. n. 7, pg. 5.
- 23 José Verissimo — Poetas do grupo mineiro — Rev. da Academia B.
de Letras, n. 4.
" " — Historia da Litteratura Brasileira, pag. 130.
- 24 Commemoração do Centenario de C. Mel. da Costa — pelo Instituto
Historico e Geographico Brasileiro em 4-7-1889.



Attribuíram-lhe uma viagem á Italia, com permanencia em Milão, Nápoles e Roma, certamente sob o fundamento de conhecer o poeta, com esmerado apuro, a lingua italiana e de haver pertencido á Academia dos Arcades onde adoptara o nome de Glauceste Saturnio. Essa versão é contestada pelos autores citados e por João Ribeiro, com argumentos dignos de fé, como a propria declaração do poeta no prologo de suas poesias, onde diz haver passado cinco annos ausente da Patria.

Tambem Pereira da Silva, Fernandes Pinheiro e outros affirmam que o poeta regressou ao Brasil em 1765, o que se contesta com documento de valia, qual seja a carta topographica de Villa Rica, levantada pelo poeta em 1758, o que lhe valeu o premio de meia libra e 128 oitavas de ouro. Ha ainda uma carta autographa de 1761, segundo a referencia de Ramiz Galvão.

Deixou o poeta um amor não correspondido em Portugal, a sua adorada Eulina, e veio se estabelecer como advogado em Villa Rica, onde cedo adquirira a reputação de jurisconsulto e economista. Era consultado pelos governadores e foi nomeado 2.º secretario de Estado, cargo que resignou quando o Visconde de Barbacena assumiu o governo em 1788. Attribuem-lhe alguns autores a traducção do "Tratado da origem das riquezas das nações" de Adam Smith, bem como umas memorias sobre a litteratura antiga e moderna.

Em Villa Rica combateu os impostos exaggerados pela extracção do ouro e tomou parte activa na conspiração mineira. Denunciado como cúmplice da tentativa revolucionaria, recebeu ordem de prisão, quando se achava enfermo, foi recolhido ao carcere de Villa Rica e suicidou-se na prisão, segundo affirma a historia. Houve, porém, suspeita de que fosse assassinado, afim de não embarçar o processo com os seus vastos conhecimentos de direito.

Como poeta, a sua inspiração é oriunda das plagas luzitanas e a influencia dos autores portuguezes e italianos se nota em suas producções. Apenas na fabula do ribeirão do Carmo e no poema "Villa Rica" se observa o cunho de nacionalismo.

De Petrarcha recebeu o influxo nos sonetos eroticos; de Metastasio guardou a nota caracteristica nas cantatas e cançonetas; de Ariosto e Guarini, Bocage e Garção, Theocrito, Ovidio e Virgilio observam-se traços nas canções e eclogas e o sainete arcadico.

Com a publicação do poema "Uruguay" de Bazilio da Gama, surgiu-lhe a idéa de compôr "Villa Rica".

O poeta era nostalgico, saudoso dos valles e campinas do Mondego; melancolico, ao evocar as imagens de Eulina e Nize, conservando a feição do lyrismo subjectivo. O seu estylo é simples e a linguagem sempre correcta.

A parte principal de sua obra é incontestavelmente constituída pelos sonetos que rivalisam com os de Bocage, si os não sobrepujam.



Emprestaram-lhe alguns criticos a autoria das "Cartas chilenas" de Critillo a quem elle escreveu a epistola apologetica; sabe-se, porém, que foi o seu companheiro Thomaz Gonzaga que as compoz.

Theophilo Braga inclúe o seu nome entre os membros da Arcadia Luzitana e é possível que elle tivesse pertencido á Academia dos Occultos; mas nada se póde affirmar com segurança e objectam alguns criticos que já se achava Claudio no Brasil, quando se fundou a Arcadia Luzitana em 1756. Isso, porém, não obsta que tivesse elle pertencido á citada sociedade litteraria, como succedeu em relação á Arcadia Romana e á Arcadia dos Renascidos da Bahia, na qualidade de socio correspondente ou honorario.

E' digna de leitura a obra do poeta mineiro, com especialidade na parte lyrica, destacando-se os sonetos que se classificam entre os melhores escriptos em lingua portugeza.

SUMMARIO PARA UM ESTUDO COMPLETO

A sua origem e primeira educação — No Rio de Janeiro — Estudos universitarios em Coimbra — Elementos controvertidos de sua biographia — O advogado em Villa Rica — A sua competencia — Poesia pastoril — Influencia dos classicos latinos e gregos — Os seus autores predilectos em Portugal e na Italia — Varios generos poeticos — Os sonetos de Claudio Manoel da Costa — Feição nacionalista — Os ineditos e escriptos ignorados — A inconfidencia mineira — Fim tragico.





ANTONIO MARIANNO
ALBERTO DE OLIVEIRA

*Fundador da cadeira n.
8 — Nasceu em Itaguahy
(Palmital do Saquarema),
no Estado do Rio de Ja-
neiro, a 28 de Abril de
1859.*

BIBLIOGRAPHIA

- 1 CANÇÕES ROMANTICAS, poesias 1877-78, 121-II pags. Rio, Typ. da "Gazeta de Noticias" — 1878.
- 2 MERIDIONAES, poesias, com introd. de Machado de Assis — 158 pags. Rio, Typ. da "Gazeta de Noticias" — 1884.
- 3 SONETOS E POEMAS — Rio, Imprensa Moreira Maximino & C.^a, 1885.
- 4 VERSOS E RIMAS — 1895.
- 5 POESIAS COMPLETAS (Meridionaes, Sonetos e poemas, Versos e rimas, Por amor de uma lagrima, Livro de Emma) — 398 pags. — Rio, H. Garnier (edição definitiva) 1900.
- 6 LYRA ACACIANA — (Coll. com Olavo Bilac, Guimarães Passos e outros) Collecçionada por Angelo Bitú — 87 pags. Rio — 1900.
- 7 POESIAS — 2.^a série (Alma livre — Terra Natal — Flôres da serra — Versos da saudade) 1898-1903 — 306 pags. Rio, H. Garnier 1906.
- 8 PAGINAS DE OURO DA POESIA BRASILEIRA, anthologia com prefacio do autor — 419 pags. — Rio, H. Garnier, 1911.
- 9 POESIAS — 3.^a série — (Sol de verão — Céu nocturno — Alma das cousas — Sala de baile — Rimas varias — No seio do Cosmos) 1904-1911 — 299 pags. — Rio, Livr. Francisco Alves, 1913.
- 10 CÉU, TERRA E MAR—(collectanea prosa e verso) 340 pags.—Rio, Francisco Alves & C.^a — 1914.

Encontram-se producções de Alberto de Oliveira em: *Revista Brasileira* (2.^a phase): Camões, soneto, vol. 4.^o pg. 505; (3.^a phase): Trechos de um poema, vol. 3.^o, pg. 65; Alvorada, tomo XIV, pg. 178; Uma escola primaria, vol. XVI, pg. 257. *Revista do Centro de Sciencias, Lettras e Artes*, de



Campinas: O bater da cancella, poesia, n. 43 de 1916; *Kosmos*; *Estado de S. Paulo*: conferencia proferida na Cultura Artistica de S. Paulo; *Revista Americana* Crescente de Agosto, soneto, Outubro 1916, pg. 25; Discurso de recepção de Goulart de Andrade, Novembro 1916, pg. 104. *Revista da Academia Brasileira de Letras* Ode ao sol, n. 1 pg. 49; Litteratura brasileira (Algumas inexactidões) n. 2 pg. 311; Romance da janella, poesia, n. 4 pg. 249; Caetano Lopes (autobiographia) n. 8 pg. 243, n. 9 pg. 75, n. 10 pg. 205; *Almanack Garnier* (1903): Azas de neve (poesia), A festa das azas (poesia); (1904) Fonte occulta, Luva abandonada; (1905): Peroba (prosa); (1906): Mensageiros aereos (soneto) (1914): O verso alexandrino na poesi portugueza; *Revista do Brasil* A rima e o rythmo (prosa) ns. 1 e 3, Sonetos n. 12, Galathea (prosa) n. 14, Sonetos, n. 21, O professor Mombaça, n. 25, Uma carta e um soneto a Antonio Salles em Alguns autographos n. 32, Thesouros esparços n. 33.

Encontram-se os seus retratos nas Poesias, na Bibliotheca Internacional, na Littérature Brésilienne de V. Orban, Almanack Garnier (1903) Revista de Sciencias Letras e Artes de Campinas (n. 39 de 1915), Lyra popular, Almanack Garnier (1905), Le Brésil contemporain, 2ème tome.

FONTES PARA O ESTUDO CRITICO

- 1 Machado de Assis — Critica pg. 223.
" " " — Prefacio das Meridionaes.
- 2 Araripe Junior — Entusiasmo e ternura nos Versos e rimas.
- 3 José Verissimo — Estudos da litteratura brasileira, vol. II pg. 277.
" " — Estudos da litteratura brasileira, vol. IV pag. 135.
" " — Revista Brasileira (3.ª phase) tomo III pg. 60.
- 4 Sylvio Romero — Livro do Centenario I pg. 100.
" " — Evolução do lyrismo brasileiro.
- 5 Alcides Maya — Chronicas e ensaios pg. 174.
- 6 Mario de Alencar — Alguns escriptos pg. 92.
- 7 Almachio Diniz — Da esthetica na litteratura comparada, pg. 73.
- 8 Nestor Victor — A critica de hontem, pg. 173.
- 9 Teixeira Bastos — Poetas brasileiros, pg. 29.
- 10 Luiz Murat — A vida moderna n. 3 de 24-7-1886 e n. 4 de 31-7-1886).
— Ronald de Carvalho—Pequena historia da litteratura brasileira, pg. 296.
- 12 Sampaio Freire — Revista de Sciencias Letras e Artes de Campinas, n. 39 — 1915.
- 13 Jorge Jobim — Revista Americana n. 1 anno VII pg. 86.
- 14 Almanack Garnier de 1907 e 1910.
- 15 Victor Orban — Littérature brésilienne, pg. 273.
- 16 Eugenio Werneck — Anthologia brasileira, pg. 425.
- 17 Pereira de Carvalho — Os membros da Academia Brasileira em 1915.
- 18 Dr. P. Rovelly — Le Brésil Contemporain 2.º vol.



NOTICIA BIOGRAPHICA E SUBSIDIOS PARA UM ESTUDO
CRITICO

Ainda não emancipado do romantismo agonisante, publicou o poeta a sua collecção de versos de 1877-78, sob a influencia do movimento reaccionario que se operou na poesia brasileira, a partir de Gonçalves Crespo, Luiz Guimarães, Machado de Assis, Teixeira de Mello, Theophilo Dias, Affonso Celso e muitos outros. Era o inevitavel reflexo da modalidade esthetica que surgiu em França, para derrocar a escola romantica.

Em torno de Leconte de Lisle, no *Parnasse Contemporain*, reuniram-se alguns poetas que restabeleceram os temas classicos e o culto da forma impeccavel, sob o ideal da arte pela arte, constituindo o grupo dos parnasianos, cujas ideias, diffundidas por Banville e Gautier, tiveram carinhoso acolhimento entre os poetas de além e d'aquem mar.

Antonio Marianno Alberto de Oliveira, nascido em Palmital do Saquarema, povoação do Estado do Rio de Janeiro onde passou a infancia e a adolescência, a contemplar scenarios da natureza, sentiu-se attrahido pelos moldes bizarros que atravessavam o Atlantico e, certamente, despertado pelo entusiasmo de Arthur de Oliveira, compoz "Apparição nas aguas", Mas as "Canções romanticas" de 1879 guardaram, a despeito de taes influxos, o cunho dos predecessores na poesia brasileira, como aliás reconhece o autor no qualificativo escolhido para o titulo de seu livro de estréa.

Surtos de maior amplitude succederam aos das primeiras canções do poeta que se affirmou, segundo o conselho de Machado de Assis, perdendo a indecisão do estylo que se mantinha fluctuante. Em "Meridionaes" accentuou-se a feição parnasiana do artista com erudição historica e sensível pendor para o objectivismo, a descrever paysagens e pintar quadros em miniatura.

Destacam-se, entre muitas de fino lavor, as poesias "O leque" que lembra Macedo Papança e Sully Prud'home; "Conselho", inspirado hymno pantheista; "Manhã de caça", de attrahente estylo descriptivo e o soneto "A janella de Julieta".

Nos "Sonetos e poemas", versos de 1883-86, Alberto de Oliveira attingiu a perfeição sonhada, alliando ao rigor da forma a impassibilidade de sentimentos; ás rimas raras de Banville a predilecção pelos temas hellenicos e latinos, á maneira de Leconte de Lisle, Sully e Heredia, nos sonetos; aos quadros descriptivos os poemas pantheistas em que canta a arvore, a borboleta azul, o marmore, as formigas, as trevas, a lagarta, a montanha e tantos outros seres minusculos e espectaculos varios da natureza.

Evolúe o seu lyrismo, reaccende-se-lhe a inspiração e elle addiciona ao culto da arte pela arte, da forma impeccavel e do estylo burilado, os ingredientes que Araripe Junior revelou na sua pesquisa de critico: a ternura e o entusiasmo erotico. Aparecem nas paginas dos *Versos e rimas*



"A nova Diana", "A camisa de Olga", "O sonho de Bertha", "A um amigo", "Extrema verba" e outras. Mas já se lhe nota interesse pela alma humana, embora perdue, dominando, a obsessão pela alma das cousas. Percebe-se a integração gradativa do poeta, a colher peça por peça os adornos da perfeição: vocabulário rico, estylo castiço, perfeito conhecimento de metrificação, extasis perante a natureza, sempre bella e sempre nova, ternura nos sentimentos e tantas qualidades preciosas que se confundem nos verdadeiros poetas.

O Livro de Emma (1892-1897) é o resultado da integração, como synthese de todós os predicados do artista, em perfeito equilibrio, em proporções determinadas, em unidade de concepção.

O poder emotivo de Alberto de Oliveira se expande e obscurece os processos e artificios do parnasiano, mantendo-se em penumbra discreta. Apagam-se as tintas predominantes e offusca-se o brilho em destaque; mantem-se a belleza harmonica e opera-se a encarnação do ideal dos poetas: o consorcio intimo do sentimento com a expressão. A palavra está subordinada ao pensamento, desaparecendo o artificialismo da escola que apregoava a fórmula impecavel e a impassibilidade emocional do artista, como elementos de reacção ao romantismo de Lamartine e Musset, dous grandes poetas de valor imperecivel.

Livro de Emma já apresenta dóse apreciavel de subjectivismo de que os volumes anteriores estavam quasi isentos. Embora o autor continúe com predilecção de paysagista, encantado pelo mundo exterior, a pintar, com extrema minucia de miniatura, os quadros mais insignificantes da natureza, aproveitando assumptos vulgares, as idéas e a sensibilidade apparecem com maior vigor e o entusiasmo erotico se attenúa para dar realce á ternura no amor subjectivo.

Na segunda série de poesias apparece com uma physionomia nova: a do poeta nacionalista que se deixa attrahir pelos scenarios da região que percorreu em suas excursões. Mas si descreve o curso do Parahyba, raras vezes têm o character topographico as suas poesias descriptivas. Pinta uma arvore, tece um ninho, entôa um hymno á iua ou debuxa uma garça de um pantano.

A primeira parte — "Alma livre" — serve de introito um soneto camoneano e perdura no volume o character mixto do Livro de Emma, como nas "Flôres da serra" e nos "Versos de saudade".

O livro, com as producções de 1898-1903, conserva o mesmo diapasão do precedente; mas na ultima série, versos dos 45 aos 52 annos, volta-se á feição característica que nunca o abandonou, de cantar o mundo objectivo, como principalmente em "Sol de verão", "Céo nocturno", "Alma das cousas", "No seio do Cosmos" e "Natalia" que é o poema descriptivo do seu torrão natal, paginas nostalgicas de saudades, recordações de sua infancia.

Na qualidade de educador, pois Alberto de Oliveira é professor da lin-



gua vernacula, de historia e de litteratura, organisou duas anthologias: *Paginas de ouro da poesia brasileira*, cujo nome indica o intuito do colleccionador, e *Céu, terra e mar*, destinada a servir como exercicio de leitura, composição e redacção.

Cultivou tambem a poesia satyrica, collaborando na *Lyra acaciana* folheto onde se pretendeu ridicularisar um politico fluminense que foi presidente do Estado do Rio de Janeiro, deputado e ministro, além de jornalista e publicista.

Muito pouco consegui respigar sobre o homem. Além da data e logar em que nasceu, soube que passou a infancia e parte da adolescencia em Itaguahy, que é diplomado em pharmacia pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, que foi director da Instrucção Publica no Estado natal e tem sido professor das disciplinas mencionadas.

Elle tem a concluir um "Curso de litteratura portugueza" e distingue-se como prosador correcto, devotado ao estudo do idioma patrio, cultor dos classicos e conhecedor profundo dos segredos da lingua portugueza.

E' tambem um bibliographo apaixonado, possuidor de uma bibliotheca que encerra preciosidades, como a edição original das Obras de Glauceste Saturnio (Claudio Manoel da Costa) entre muitas.

Alberto de Oliveira conhece á saciedade as minimas particularidades de sua arte, maneja como poucos a lingua portugueza, possúe um estylo fulgurante e empunha o bastão de chefe supremo da poesia brasileira entre os que a cultivam presentemente.

Conta hoje 61 annos de idade e ainda conserva o porte varonil, o especto apollineo e o brilhante espirito de um joven elegante. Continúa a escrever poesias e espera-se com anciedade o volume que deve encerrar as suas producções posteriores a 1913.

SUMMARIO PARA UM ESTUDO COMPLETO

Ô artista a ec'ypsar o homem — Carencia de dados biographicos — O poeta das "Canções romanticas" — O parnasiano — Livro de Emma — Os versos de um outomno prolongado — Vida sem inverno. — A sua metrica e o seu estylo — A rima e o rythmo — O professor — Ultinia phase.

ARTHUR MOTTA



A CIDADE ENCANTADA —
Xavier Marques — Ed. Livraria
Catilina — Bahia — 1920.

Xavier Marques, um dos nossos mais bellos romancistas, acaba de dar-nos um livro de contos — *A cidade encantada*, que vem confirmal-o nos seus fóros de escriptor. De facto, com elle se verifica não só mudança de genero como a da propria inspiração, demonstrando a extraordinaria malleabilidade do estylo e do espirito do auctor. Ao passo que nos seus romances nos tem pintado scenas reaes, nestas novellas nos apresenta os mais altos arrojões de uma imaginação quasi desregrada.

Abre-se o livro com *Viagem maravilhosa*, que não é mais que uma especie de adaptação de Wells ao nosso meio. Octavio, Deolinda e Flôr vão visitar a terra em que nasceram. Embarcados em um navio monstro, chegam, e, afinal, encontram tudo mudado. A gente é um povo de gigantes claros e louros, muito brutos e muito lascivos, que, dizimando e afugentando para as cavernas os antigos habitantes, se tornaram senhores da terra. A lingua que falam é inintelligivel e os seus costumes, inassimilaveis á moral antiga. Eram as hostes do Sul que haviam subjugado o paiz...

A raça vencida se tornara selvagem, com caracteres do monstro.

Octavio, entretanto, encontra um, fala-lhe, comprehende-lhe a linguagem e jura protegelo e libertar a terra escravizada. Vendo, porém, Flor, sua filha, nos braços de um gigante, assalta-o, sendo repellido e suppliciado, enquanto Flor e Deolinda são arrastadas para longe, como todas as mulheres de raça que se exterminava...

Vae nesse conto, decerto, uma lugubre prophesia, com allusões claras a terras que muito bem conhecemos. Só ha a admirar nelle, comtudo, o forte engenho do auctor.

As outras peças do livro moldam-se por essa mesma exuberante imaginação. Assim, a que dá nome ao volume, *Cidade encantada*, na qual a maneira do contador se desvencilha de toda a symetria e ordem vulgares para, aos turbilhos, nos narrar a caça á cidade phantastica, a que, nos sertões da Bahia, levariam os roteiros do moribeca.

Entre os outros tres contos, *Mariquita* sobresaé como um pequeno drama cheio de belleza e de emoção, no qual, parece, Xavier Marques se mostra o artista completo que é e que não chegou a se revelar todo nos dois contos anteriores.

A *cidade encantada* é, assim, um livro interessantissimo, que sobretudo, prende á attenção do leitor com o grande vigor descriptivo e o impenetravel da fabulação extranha.

JESUS — *D. João de Castro* — Ed. "Renascença Portuguesa" — Porto — 1920.

Se ha por onde se possa aferir da differençação entre lusos e brasileiros é na literatura que pronunciadamente o vemos e, em especial, na poesia. Em que nos parecemos com portuguezes? E portuguezes em que comnosco se parecem, senão na lingua, no material da expressão, que, aliás, uns e outros modelamos por diversa maneira? Prosadores portuguezes da actualidade, depois de morto Fialho, não os encontramos capazes de nos prender a attenção. Absorvidos nas luctas politicas da Republica, que pouco nos interessam, os seus escriptores assemelham-se-nos aos chronistas da insignificancia. E os poetas? Decididamente, distanciam-se demasiado de nossa alma para que os leiamos. Ainda Antonio Nobre é susceptivel de leitura no Brasil; já Eugenio de Castro, só em parte. São os outros poetas bastantes regionaes pelo coração, pelo gosto, pela feição idiomática e de tal modo e tanto que não os penetramos. Enclausurados na desbordante sentimentalidade da raça, que por cá teve derivativos innumeros, na religiosidade, que entre nós se desvaneceu, não os comprehendemos como é mistér comprehender poetas: identificar-se com o seu espirito.

D. João de Castro exemplifica. Bom poeta portuguez, como tolerar-lhe o poema *Jesus*? Na verdade, afastamo-nos demais do feito original da antiga metropole. Toda a emoção mystica daquelles versos não nos faz vibrar uma só fibra. A sua gelida philosophia, com os esgares de Anthero mas sem o encanto da sua livre inspiração, não a percebemos com a feição emocional, que se faria necessaria.

Em conclusão, ao passo que a nossa alma se separou da alma

lusa, a nossa cultura seguiu rumos diversissimos, que nos incompatibilisam com tal arte.

GAÚCHOS — *Milton da Cruz* — L. Jacintho Ribeiro dos Santos — Rio — 1920.

Não ha negar um grande progresso entre os poetas nacionaes. Já não estamos nos tempos em que afeivavam a poesia brasileira, mesmo entre os seus mais graduados representantes, defeitos imperdoaveis de technica e de linguagem. Os proprios estreadores timbram em apresentar-se isentos de senões tão materiaes. A metrica dos novos poetas é correcta e a lingua que falam tem grammatica. E' pouco, muito pouco para poesia.

E' mesmo lamentavel que tanta grammatica e tão boa metrica se malbaratem assim, em pura perda, só de raro em raro emergindo da onda dos mediocres um nome digno do appellido do poeta. Dão-nos, em geral, rhetorica, não poesia.

Em todo caso é um progresso e coisa estranha já nos parece um estreador sem taes qualidades. E' o caso presente. "Gaúchos" é uma lamentavel tentativa poetica, que só se salvaria se, por artes dos defeitos de fórmula, tivesse podido conter as verdadeiras virtudes da inspiração. Entretanto, nem uma, nem outra cousa.

Vejamos o soneto "Navegadores", a Olavo Bilac:

Não foi senão um sonho de aventuras,
A séde de ouro, prata, pedrarias,
Riquezas, terras, mares honrarias
Que nortearam aquellas armaduras.

Foi perlustrando excelsas urdiduras,
Dum sonho magistral nas arcarias,
A invocar de "Cipango" as cercanias,
Que o genovez transpõe eras futuras.

E os Americos, Gamas e Balbôas
Cruzam os mares, tecem suas tramas,
Abrem caminho, com arrojo, ás prôas...

Mas o destino malhando em suas frágoas
Mostra a Colombo da fortuna as gamas,
E a maravilha esplende sobre as aguas!...

Tem commentarios ? Aquella deliciosa ennumeração do primeiro quarteto é bastante eloquente por si mesma. Assim, a precisão de termos do quarto verso... Depois, a correspondencia dos tempos verbaes no segundo quarteto, com aquella phrase — “Foi perlustrando... que o genovez transpõe eras futuras” — não é menos edificante.

E o rythmo do verso — Mas o destino malhando em suas frágoas”?

E as gamas da fortuna ?...

A NOSSA CASA — *Raul Lino* —
Typ. do Anuario Commercial —
Lisboa — 1920.

Com um prefacio do sr. Manoel de Sousa Pinto abre este livrinho, que, já em terceira edição, deve ter concorrido bastante para o aperfeiçoamento do “bom gosto na construcção das casas simples”, como se propõe. Architecto, o sr. Raul Lino expõe em cento e poucas paginas os preceitos fundamentaes da construcção nunca se arredando do velho bom senso, base sobre que assenta o bom gosto em toda a arte, notadamente nessa cujo character predominante é a utilidade.

Illustram o volume, além de varias plantas, bellos projectos de casa para as diversas regiões de Portugal, notando-se-lhes o accentuado cunho tradicional sob as

suas linhas renovadas e modernas.

“A nossa casa” é um livro que, destinado especialmente a um paiz que nos é extranho, aproveitata, entretanto, a quantos o leiam, guardadas as restricções em que importa a differença dos meios. A’ falta de obra semelhante que nos diga respeito, encontramos nessa ensinamentos apreciaveis.

LES ÉCRIVAINS CONTEMPORAINS DE L'AMÉRIQUE ESPAGNOLE — *Francisco Contreras* — Ed. de “*La Renaissance du livre*” — Paris.

Da riquissima literatura hispano-americana nos dá noticia em criteriosas apreciações o sr. Francisco Contreras, um dos illustres representantes da pleiade de que nos fala. Escripto em francez, o livro com ser uma bella propaganda da America Latina é um estudo sério, que se lê com agrado e proveito. O auctor passa em revista todos os expoentes literarios das Republicas americanas, dando-nos de cada um a feição precisa.

Começando por um golpe de vista geral sobre o movimento literario moderno nesses paizes, conclue pela emancipação da literatura hispano-americana, que, repercutindo além dos mares vae fazer escola na antiga metropole. Estuda em seguida os escriptores do centenario, romancistas, criticos, prosadores e poetas, em capitulos esclarecidos quaes os referentes a Rodó, Ruben Dario e Ugarte.



O MOSTEIRO DE NIMES — *Zeferino Galvão* — *Typ. da "Gazeta de Pesqueira"* — 1920.

"Junto ao muro do mosteiro de Nimes parou a liteira que conduzia a esposa de Ricardo de Langeais. Um dos guardas aproximou-se do portão e deu tres argoladas, com força. Minutos depois, roçou o portão sobre as conceiras, e uma mulher surgiu, com a cabeça envolta num capuz. O principe d'Arlemont esperou o cavallo, e acercando-se da religiosa, salvou-a respeitosamente. A porteira respondeu com uma simples vénia".

Assim começa o romance, que é "o segundo da "Trilogia" de que fazem parte "Heloisa d'Arlemont", já publicado e "A guerra dos camisardos", a publicar-se.

O auctor é de folego. As suas vinte obras já publicadas promette juntar outras tantas, aborðando os generos mais diversos, do poema ao estudo, do romance á satyra. E', pela obra copiosa, um benemerito das letras.

E não o é menos pela natureza della. Pois, quanta obra celebre já não deveu o successo ao genero de que acima demos uma amostra? E' caracteristico: — um convento, tres pancadas sonoras e uma cabeça encapuzada que entreabre um portão, um portão que gira nos gongos e umas esporadas em corcel fogoso. Que mais? ahi está toda uma grande, vasta literatura: o romantismo.

Entre aquelle começo e o fim que ahi está ponha o leitor a historia de uns amores medievaes e terá o "Mosteiro de Nimes" de que, em nosso mister, não nos compete desvendar as maravilhas e os mysterios.

S. PAULO EM 1920 — *A. Carneiro Leão* — *Ed. Annuario Americano* — Rio — 1920.

O sr. Carneiro Leão, um dos nossos mais operosos publicistas e dos que mais fazem sentir a sua influencia, pois que, norteador pelo nobre desejo de ser util, prefere para os seus estudos, os nossos grandes assumptos, acaba de publicar um livro bom e, sobretudo, caro á nossa vaidade... Em perto de duzentas paginas, o auctor de "O Brasil e a Educação Popular" estuda o desenvolvimento deste Estado, juntando ás observações e documentos de nossa vida, a explanação de conceitos que, com serem lisongeiros, não são menos inspirados na realidade e animados de um bello espirito nacional.

E' um livro cuja falta se fazia sentir. Não é de hoje que São Paulo ouve os elogios incondicionaes de todo mundo. A imprensa está cheia delles e não ha livro de estudos brasileiros, onde não se leiam algumas paginas que nos são dedicadas. Entretanto, estudo nenhum ainda não se fizera desse conjunto, cujas partes sómente lograram suas entrevistas. O sr. Carneiro Leão, perlustrando detidamente a nossa jornada, nos dá agora esse trabalho.

Com a sua copiosa documentação, deslisa pelo livro um são optimismo, que, tendo muito de sympathia, lhe favorece a visão critica, levando-a por veredas que não devem ser erradas. Assim, ao constatar o nosso brasileiro e a nacionalização das massas estrangeiras. Não somos,



de facto, brasileiríssimos e não absorvemos, devéras, o immigrante? Decerto, sim.

"São Paulo em 1920", obra que se lê de um jacto, tão leve tom lhe deu o auctor, merece a grande acceitação que certamente vae ter.

SILENCIO — *Agrippa de Vasconcellos* — Ed. *Joaquim Bastos Monteiro* — Rio — 1920.

Não diz nada o titulo. Os versos, alguma coisa. Com segurança de technica mas não de arte, o sr. Agrippa de Vasconcellos nos dá um livro que é uma promessa feliz.

Ao par de trabalhos bons, outros imperfeitos. Falta-lhe ainda a capacidade de assimilar perfeitamente os seus temas para lhes dar a boa expressão artistica, que, entretanto, muitas vezes consegue.

Dá ideia do livro o seguinte soneto:

O CURUPIRA

Vel-o-eis na escuridão das noites bravas,
O curup'ra. Os rudes pés nojentos
Aos sapateios ou forçando aldravas,
Na missa negra dos assombramentos.

Seguem-lhe azas nocturnas como escravas,
E, por varzeas e compos somnolentos
O avejão ronda, o olhar acceso em lavas,
Cerrando as trevas e mandando os ventos.

Genio de azar, abre traçoceiros fóssos
E espreita, aos pinchos, pelas grotas hian-
[tes,

Raivando pragas e rangendo os ossos.

E a noite toda marcha, entre ais e ch'istes,
Para arrazar no pouso aos caminantes
Restos de crenças e de amores tristes.

Não vamos rastrear-lhe os de-
feitos, que, um ou outro, na pro-
pria linguagem ahí se encontra-
riam. E' innegavel, entretanto,
que ha nesses versos alguma coi-
sa que releva um poeta.

COLUMNAS — *Luiz Carlos* — Ed. *Jacinto Ribeiro dos Santos*—Rio — 1920.

Luiz Carlos é um poeta bastante conhecido em São Paulo. Antes deste seu livro, que traz a consagração prévia de uma leitura na Academia Brasileira, já os seus versos corriam as nossas revistas, apreciados e applaudidos sempre.

Para tanto ha razão. Luiz Carlos tem entre os nossos poetas o logar que lhe assignala o seu verdadeiro estro, bem como a tradição a que se filia, da boa arte, do verso perfeito e da linguagem pura. Ha nas columnas a medida completa das suas forças, que se desdobram atravez dos temas, ora puramente poeticos, como *Fidalga* e *Velho sino*, ora descriptivos como *Cemiterio de escravos* e *Ponte velha*, ora mais profundos como *Pedra e Sombra*.

Merece leitura o soneto — *Fidalga* — destinado a fazer carreira:

Garça esvelta no porte assumindo a postura
Airosamente real duma joven rainha
Na alta cabeça, posta em luz se lhe ad-
[vinha
O correcto perfil da nobre raça pura.

Forma-lhe a iris do olhar a esphera em
[miniatura
Nos cambiantes do verde-azul da côr ma-
[rinha.

Diffunde-se-lhe a graça inquieta em toda
[a linha.
Fidalgo, o gesto eril corôa-lhe a figura.

Nenhum traço, ao de leve, o typo lhe de-
[forma:
O pescoço... os quadris... tudo nella
[acompanha
Justo, classico estylo esthetico da forma.

Vaga-lhe o rosto pulchro o riso a flores-
[cel-o...

E revestindo-a o Sol duma fulgencia ex-
[tranha,

Urde-lhe afios d'ouro as tranças do ca-
[bello.

O mesmo dizemos d'A Pedra,
á pag. 75:

Na pesada mudez da sua indiferença,
Deve a pedra esconder um riso de sar-
[casmo;
E, dest'arte, esprimir, pelo silencio, o
[espasmo
De uma concentração em que ha mille-
Inios pensa.

Affronta os temporaes nos pinaros sus-
[pensa,
Tem um rictus de horror, sem um signal
[de pasmo !
E, ante a gloria que inspire o maximo en-
[thusiasmo,
Tem a mesma expressão inerte da des-
[crença.

Por todos nós pisada e escarnecida, ex-
[posta
Nas ruas, aos baldões, em pleno des-
[abrigo.
Recebe humildemente o ultrage, sem res-
[posta.

Mas, na morte — ai de nós ! — o mal se
[lhe compensa:
E' de vê-a cobrindo estatica o jazigo.
Na pesada mudez da sua indiferença.

A' constatação de taes bellezas, não diremos que o poeta haja attingido a plena perfeição. Um critico encontraria na sua obra alguma coisa a respigar, impertinentemente. Assim, diria que Luiz Carlos, levado, aliás, por bons principios de arte, encara de frente e ex-abrupto os seus temas, tão em cheio e sem rebuços que resvala ás vezes pela vulgaridade, fazendo uma peça do que devia, antes, confinar-se nos limites de méro pormenor. O contraste é o grande elemento de sua poetica e, se o maneja bem em *A dor* e *A' princeza Isabel*, alguma vezes se limita á méra antithese, que, degenerada em jogo de autonymos, perde o melhor do seu effeito.

Senão, vejamos porque alguns fechos de soneto agradam mais que outros, quando a sua feitura

é, no fundo, a mesma. A pag. 103, em *A Dor*, lê-se o tercetto final.

"Irmã da noite, cerra-me o horizonte,
E talvez, possa constellar-me a fronte
De tanto encher-me o coração de treva!"

Bello, extraordinariamente bello, como imagem e como discreção de contraste, que, com ser sobrio, não é menos chocante.

Veja-se, entretanto, a chave de *Esphinge*, á pag. 240:

"Quem és? Quero julgar-te... Cresce
[arcano!
Pois a humana razão é muito fria
E é muito quente o coração humano!"

O que nos desagrada ahi não é, decerto aquelle "Cresce o arcano!" "que, verbo e substantivo raramente conjugados na mesma phrase, nos sôa extranhamente. Desagrada-nos, sim, o falso do timbre, o tom de chocalho bimbalhante e ôco daquella opposição de vocabulos e não de ideias — quente e fria...

No bello soneto *Sombra* o mesmo se nota:

"Eil-a que, a nossos pés sinistramente
[unida.
Passo a passo comnosco, em seu vulto
[descerra
O fantasma da morte acompanhando a
[vida!"

Aqui, ainda passa, como derivado um de outro, naturalmente, os extremos. Mas, quanto melhor não nos parece o tercetto da pagina 120, *A' princeza Isabel*:

"Si me remistes, outr'ora os brasileiros,
Hoje, os escravisaes, pela saudade,
Que é decerto, o maior dos captiveiros."

O verbo "remir" chama a si, immediatamente o seu opposto "escravisar", porém, a phrase continua e a vulgaridade se es-

bate, afinal, no ultimo verso e na ultima palavra que, assim, tomando lugar do segundo termo ou antithese, contrasta com a ideia de libertação contida em "remistes" e, demais, emparelha com "saudade" em sugestivo confronto.

Em *A Morte*, o poeta se despoja da naturalidade para envergar o fardão de literato, deixando repontar absoluta preocupação literaria. O soneto começa:

"A morte, o grande assumpto entre os de-
[mais assumptos."

A morte é um assumpto ?
Por exigencia da rima ?
E' que tem em assumpto ?

O soneto continua:

"A morte—a paz hostil—a vida arranca
[a esconde
No arcano de um paiz incognoscivel, onde
Todos hão de ficar, enfim, um dia jun-
[tos.

— Donde só se pode concluir que
— "a morte é um assumpto que
arranca e esconde a vida" —
coisa que o poeta não quiz dizer.
Aquillo é, portanto, simplesmente,
"um cheville de mots" intolera-
vel, que, além de tudo, impressio-
na como o desaponto de quem chega á luz da ribalta e
anuncia á platéa:

— "A morte é um assumpto.
Eu vou tratar delle..."

Tudo isso, porém, nada vale.
A obra de Luiz Carlos resiste se
esses pequenos contrapesos, cuja
acção não é perceptivel á balan-
ça do grande publico.

O DESTINO DE ESCOLASTICA
— *Lucilo Varejão*—Ed. José Soei-
ro — Recife — 1920.

O sr. Lucilo Varejão tem as
qualidades de romancista, que
põe em relevo em *O destino de*

Escolastica. Escripto em lingua-
gem simples, correntia e despre-
tenciosa, lê-se este livro com in-
teresse. Repassado de doçura e
sentimentalidade a principio e,
depois, de grande sensualidade,
tem o entrecho certa feição ori-
ginal e algo desabrida.

São bem pintados os typos e
alguns delles, de papel secunda-
rio, dão entretanto muito cara-
cter á narrativa.

E' uma estrella auspiciosa a do
sr. Lucilo Varejão, que nos pode
dar optimos romances, especial-
mente de abstrahir-se um pouco
do erotismo, que o absorve, co-
mo o unci fito de sua arte e, as-
sim desvencilhado, passar a en-
trevêr a vida como coisa mais
interessante e divertida que im-
moral e suja.

O romance termina assim: —
"A Felicidade é uma especie de
chimera, que, se apossando do in-
dividuo, logra manietal-o ao pos-
te dos seus caprichos... Portan-
to, vejamos qual a sorte das duas
fugitivas: mas no derradeiro li-
vro desta trilogia, deste complica-
dissimo romance que nos tem
custado mais de uma noite de vi-
gilias".

**CONFABULAÇÕES — ONDE ES-
TÁ A FELICIDADE...** — *Raul*
de Azevedo — *Aillaud e Bertrand*.
— Lisboa, 1920.

O A., que é jornalista em Ma-
nãos, distingue-se por uma opero-
sidade quasi sem exemplo compa-
ravel em nosso paiz. Traz uma
bagagem de 15 volumes publica-
dos ou no prelo, com varias edi-

ções exgotadas, prova de que não se fatiga em vão.

Dá agora a lume mais dois livros: "Confabulações", collectanea de artigos e chronicas de varias datas, e "Onde está a felicidade"... — romance. Num e noutro mostra-se o Sr. R. de A., sinão um estylista esmerado, nem um ideologo de vistas largas, pelo menos esse escriptor de officio, de cuja penna escorrem os periodos com visivel facilidade. Demais não se abalança ao complexo nem ao latente, antes prefere o que esteja aberto á percepção de todos, e proclama que é summamente bello o que é summamente simples". Nem todos, está visto, hão de queimar incenso no seu altar "simplista", principalmente os que suspeitam de outros elementos indispensaveis ao bello, alem da simplicidade, mesmo quando simplissima...

FORÇAS DA NATUREZA — *Augusto Amado* — *Typ. do "Jornal do Commercio"* — Rio.

"A esthetica do sr. Augusto Amado tem por base a concepção biologica da vida, na conformidade Haeckeliana" — diz um critico e diz com profundez, tanta que se não chega ao fundo... Uma esthetica que tem por fundamento a "biologia da vida" concebida "na conformidade de Haeckeliana"... *Apré!* Ha de ser de força.

De facto, a "apresentação" diz:

O universal espirito profundo
Concorre em mim. Dirci, mais inspirado,
Que o meu sonho é melhor impressionado
Pelas revelações moraes do mundo.

E é muito louvavel isso: um pouco mais bem impressionado pelas revelações moraes do que por outra cousa. Muito bem. Mas, fecha o soneto:

E o que fôr obscuro nestes versos,
E' mais clarividencia ao que me custa
Ampliar-vos... reduzindo os universos.

Isso é que não. Tenha paciencia o sr. Amado. O que fôr obscuro é obscuro mesmo. Não nos queira dizer que é mais clarividencia, ora essa! Não é por Goethe haver attribuido o successo do "Fausto" á obscuridade que elle proprio lhe poz, que vamos agora inverter os valores mentaes, assim, do pé para a mão.

Não paremos á entrada do templo. Vamos para o altar e escutemos o cantico final — "Os perfumes de Astréa". A fabula é interessante. Ha um anno de casada, Astréa chora. Abraça-a o marido e consola-a com um beijo. Depois, philosophando: — "Não me assiste direito algum de ciumes. Quando a namorada já lhe aspirava os perfumes.

E não foi a noticia que corria
De bocca em bocca, do exsudante cheiro,
Que me instigou a, sofrego e ligeiro,
Correr á sua casa áquelle dia
E offerecer-lhe o coração inteiro?"

De accôrdo, pois não? Foi a noticia do cheiro, sem duvida, um cheiro exsudantemente noticioso. A historieta continua:

Astréa tem o marido ao lado. Porque, pois, tem o olhar irado "se outrem olha de mais o bem amado"? Elles mudam de bairro. Mas, as visinhanças novas não deixam o marido e invadem a casa por causa delle... Assim, "num anno já fiz mais de dez mudanças!" — canta em verso.



E o dia inteiro a gente á porta entrando!
Formam-se ás vezes prestitos extensos,
E ha gritos, brigas, empurrões immensos,
E toda a gente ás mãos vem carregando
Vasos, vidros, e roupas, rendas, lenços...

Tudo isto pelo cheiro de Astréa. "O espectáculo é notado na gente que ainda mesmo do outro lado da rua passa tonta, cambaleando, com o nariz para cima levantado..." Ainda é verso leitor amigo.

Na verdade, um escandalo. E tem razão o poeta para este asomo de bom-senso: "E' demais! Não posso tragar o desaforo de quem, hoje, meu brio, honra, decôro, assim com insinuações de quem sondava feriu no meu sagrado intimo fôro: — E's pobre — me propõe — e alto negocio faremos... — A riqueza e as opulencias! — Tens as materias primas — as essencias... Eu tenho o capital — serás meu socio... Uma industria que traz independencias!...

Tem razão, porque é mesmo demais. Entretanto, se o cheiro era tão pronunciado e tão delicioso que todo o mundo ia buscá-lo, engarrafado, á tua casa, dando tamanho escandalo que do outro lado da rua, cahiam bebedos os passeantes; e, se tu, ingrato, te deixavas cortejar pelas meninas do bairro, não admira que te propuzessem negocio com o cheiro da Astréa e que a propria Astréa, por despique, accedesse em veniagar o seu doce cheirinho.

Como se vê, a esthetica do sr. Augusto Amado é nova. Se o é na "conformidade Haeckeliana", não sabemos. Se se baseia na "concepção biologica da vida", talvez... Nessa historia dos perfumes da Astréa deve andar coisa de biologia.

Trazendo os versos, por epigraphes, uns versiculos de Salomão, nada affirmaremos nesse particular.

Digam-no os sabios da escriptura.





D. LUIS DE ORLEANS

"Ainda não faz um anno que a ex-familia imperial do Brasil soffreu o rude golpe da perda do principe D. Antonio, victima de um horrivel desastre de aviação na Inglaterra, e a morte de D. Luis, vem agora enlutando-a, augmentar mais a dor que sobre ella pesa, aureolando de mais soffrimento a velhice veneranda dos seus augustos chefes, o conde e a condessa d'Eu.

D. Luis Felippe de Orleans e Bragança era um dos principes mais intelligentes e illustrados do seu tempo, alliando á sympathia natural que irradiava a sua pessoa á nobreza de uma cultura digna por todos os titulos da admiração dos seus contemporaneos.

Herdeiro do throno do Brasil, em virtude de ter renunciado aos seus direitos o seu irmão mais velho, o principe D. Pedro, D. Luis, sobretudo um grande e sincero patriota, nunca, apesar disso, se envolveu nas lutas politicas do paiz, preferindo uma attitúde de discreta expectativa á menor interferencia directa, de qualquer modo perturbadora, nos negocios publicos do Brasil.

Casado com a princesa Pia de Bourbon, o desventurado principe que contava pouco mais de quarenta annos, tendo nascido em Pe-

tropolis, servira antes de 1914, no exercito austriaco, quando, sobrevivendo a guerra, pediu demissão do seu posto, indo com os seus irmãos alistar-se no exercito inglês, no qual prestou sempre com a maior dedicação e o mais bello entusiasmo, durante durante toda a grande conflagração, o concurso generoso do seu heroismo e do seu sangue.

Extremamente conceituado nos altos circulos sociaes do velho mundo, D. Luis era uma creatura cuja bondade da alma pedia messas á fidalguia do seu espirito, razão porque, ainda ha pouco, lhe offereceram os monarchistas portuguezes o throno de D. Manuel II, que sua alteza, porém, com raro desprendimento e rara abnegação, polidamente recusou, preferindo um exilio cheio de amarguras e saudades a assumir as rédeas de um governo que não o de sua patria.

O que, todavia, antes do mais o distinguia era o seu talento de escriptor, elegante e moderno, sabendo dizer na mais doce das linguagens os mais subtis e profundos pensamentos e conceitos.

Apaixonado pelas viagens, o seu primeiro livro, "A travers l'Indo Kusch", valeu-lhe o premio C. Malte Brun (Medalha de ouro) da Sociedade de Geographia de Paris. "Dois mil franceses, escreveu "Le

Gaulois", na sua edição de 20 de abril de 1907, tiveram hontem occasião de acclamar um joven principe brasileiro, filho do Conde d'Eu e neto do segundo imperador do Brasil". Porque, como é facil de calcular, dada a nobre linhagem do premiado, a recepção de D. Luis no seio da douta corporação franceza revestiu-se de uma imponencia á altura do seu sangue e dos seus dotes intellectuaes.

Num discurso caloroso e entusiasmado, mr. Le Myre Vilers, saudando o príncipe, manifestou-lhe a ardente admiração que lhe tributavam os homens de estudo parisienses.

Seis dias depois, uma linda manhã, D. Luis embarcava incognito, em Bordeaux, no "Amazone", da Messageries Maritimes, com destino a Buenos Aires. Era intuito seu, porém, desembarcar no Rio de Janeiro, de onde seguiria por terra para S. Paulo. Em Dakar, um passageiro, que viajava para o Brasil, fez-lhe uma proposta curiosissima: ganharia cinco francos o que tivesse coragem de atirar-se ao mar, do tombadilho do navio.

Accelita a aposta, o descendente dos Braganças não teve duvida em arriscar-se a tão temeraria empresa... e ganhou mesmo os cinco francos!

Dahi por deante tornou-se a bordo de uma popularidade enorme, não tardando, por isso, que um bello dia alguém lhe descobrisse a identidade. O principe chegou ao Rio ás 7 horas da manhã de 12 de maio, e a sua recepção, por parte das autoridades republicanas, não foi nada lisongeira: trinta agentes foram destacados para bordo fiscalizando o serviço de vigilancia o então 3.º delegado auxiliar dr. Alvaro Luna, o capitão de mar e guerra Miranda Campello, o inspector geral da Policia Maritima Trajano Louzada. Uma commissão da Sociedade de Reverencia á Me-

moria de D. Pedro II, composta dos srs. C. Laet, Amarilio de Vasconcellos e Carvalho de Moraes, offereceu-lhe um pergaminho, tendo pintada ao centro em aquarella uma vista da Guanabara e a palmeira plantada por D. João VI no Jardim Botânico, além de uma colleção de cartões postaes do Brasil.

Em nome dos monarchistas brasileiros, saudou o principe o sr. C. de Laet, fazendo uso da palavra a seguir, o sr. Mucio Teixeira.

Foi quando rebentou um pequeno escandalo: o sargento da Brigada Policial, Nemesio Gay, fez um dicurso ardoroso de saudação á Republica, o que provocou protestos, determinando a prisão do inflamado orador.

Terminada a manifestação, o sr. Trajano Louzada communicou ao principe que o seu desembarque não era permittido, respondendo-lhe Sua Alteza:

— E' uma violencia, mas acato as ordens do governo brasileiro.

E encerrando-se na sua "cabine" com o marquês de Paranaguá, o visconde de Ouro Preto, o conde de Affonso Celso e o conselheiro João Alfredo, escreveu o seu protesto contra o que elle julgava um abuso de poder das autoridades republicanas.

No dia seguinte, os adeptos do antigo regimen protestaram tambem contra o acto do governo, no cartorio do juiz da segunda vara federal.

Um artigo sobre o caso, publicado no jornal "Correio da Manhã", pelo conselheiro Andrade Figueira, provocou um discurso no Senado, do conselheiro Ruy Barbosa, que rebateu os argumentos daquelle velho monarchista.

O protesto do principe era do seguinte teor:

"Impedido de desembarcar em terras do Brasil onde nasci e de que sempre me tenho mostrado affectuoso filho, não posso deixar



de lavar este protesto, e da violencia, que ora me é feita, tomo por testemunhas Deus e a Nação Brasileira.

Não é verdade que em tempo algum tivesse aberto mão dos meus direitos de cidadão brasileiro. Curcando a Escola Militar da Austria e exercitando-me na carreira das armas no exercito daquelle paiz, tornei logo formalmente explicito que não abandonava a minha nacionalidade, de modo que em qualquer perigo nacional pudesse ser util á minha patria, offerecendo-lhe um soldado preparado e disposto a todos os sacrificios, inclusive o da vida, em prol da honra e da segurança do Brasil.

Confiando nas garantias que a Constituição de 24 de fevereiro assegura a qualquer, brasileiro ou estrangeiro, para desembarcar ou permanecer em tempo de paz no territorio nacional, independentemente de passaporte ou outra formalidade, eu me propunha a visitar a minha Patria, e deste proposito sou demovido por uma intimação que considero violenta e arbitraria.

Brasileiro como os que o possuem ser, e sentindo vibrar em meu peito todas as fibras do meu patriotismo, revendo após 18 annos de exilio as terras do Brasil e não podendo nelle desembarcar, appello para a opinião dos meus compatriotas, para o do mundo civilizado, para Deus Supremo regedor das Nações, e confio que ainda um dia se me fará a justiça, que me é negada."

A' princeza Isabel, sua mãe, d. Luis expediu daqui o seguinte telegramma:

"Impedido de desembarcar pelo governo, sau' do da bahia de Guanabara, na vespera do dia 13 de maio, a redemptora dos captivos".

No album de um amigo, o principe escreveu:

"Só uma coisa lastimo: não poder festejar amanhã, na minha patria, o dia 13 de maio".

De volta á Europa, D. Luis publicou, pouco depois, um interessante livro, "Sous la croix du sud", cujo successo de livraria foi enorme, chegando-se mesmo a falar no seu nome para a vaga de José Verissimo, na Academia de Letras.

Era filho do conde e da condessa d'Eu, neto de D. Pedro II e do duque de Nemours e irmão de D. Pedro, principe do Grão Pará.

Com a sua morte, passa a herdeiro presumptivo da corôa do Brasil o seu filho mais velho, que é muito creança, D. Pedro Henrique.

Sabiamo-lo entrevado, ha já algum tempo, em razão de uma molestia adquirida nas tricheiras, nada fazendo crer, todavia, que tão proximo estava o seu desenlace.

O principe deixa tres filhos e o seu corpo deverá ser enterrado em Dreux, na capella real ou capella de S. Luis, onde é praxe serem sepultados os principes da casa de Orléans e onde repousam os restos de D. Luis Felipe".

(*"Correio da Manhã"*).

FRANCISCO GLICERIO

Procurando justificar a inactividade que assignou a primeira questura de Agricola, cujo maior esforço consistiu, talvez, em haver dado uma esposa modelar ao affecto carinhoso do historiador, nota o sizado Tacito que essa inercia mesmo era um attestado de sensatez e de prudencia, pois que, sob Nero, o silencio era sabedoria.

O caminho para a notoriedade politica é feito ordinariamente, na Brasil, com a espada silenciosa do patricio romano. A' semelhança de certos lagartos anti-dilluvianos que por terem crescido demais, foram desligados scientificamente da rastejante familia dos saurios, o poli-

tico de talento deixa de pertencer, na fauna brasileira, á familia politica, para ser incorporado á dos poetas, á dos jornalistas, á dos oradores, ao grupo confuso e complexo dos homens de sonho e de letras. Ante esse leito de Procusto, em que são estirados os tendões a todos os liliputianos que nelle se deitam, o individuo mais alto ou corta as pernas, tomando a estatura de todos os outros, ou é atirado para a frente, recommendado, apenas, á gratuita protecção do orvalho e das estrellas.

E' essa a convicção que se nos enraiza no espirito ao examinarmos, passados tres annos sobre o seu termo, a carreira politica do general Francisco Glicerio. As homenagens que o rodeavam em vida e cercaram, depois, a fria pedra do seu tumulo, fazem scismar, em verdade e, com resultados tristes, sobre a crise de homens de que se resente a nossa actualidade politica. Todo o homem publico, para se assignallar no seu meio e no seu tempo, necessita de uma qualidade ou de um defeito notavel, incommum, excepcional, que o differencie dos seus contemporaneos. Nas sociedades difinitivamente constituídas, o homem de Estado é, geralmente, um Ajax, um Sarpedon, um gigante homerico, a surgir de uma floresta de individuos normaes. Entre nós, a particularisação não se verifica pela estatura, pela evidente variedade de tamanho. Todos têm o mesmo corpo, a mesma altura, o mesmo peso, denunciando a origem no mesmo barro; e se algum se torna mais interessante do que os outros, é por uma ligeira desigualdade de feição e de retoque, por ter o nariz mais curvo, a boca mais larga, a testa mais ampla, as orelhas mais longas. A impressão que se tem, ao descobri-los no meio dessa farfalhante mattaria politica, não é a de quem encontra um baobab, um cedro, uma aroeira, na verde confusão de um bosque vulgar: é a de quem depara, nesse

bosque, entre arvores do mesmo vulto, uma ou outra, que se especialisa pela direitura do caule ou pelo retorcido caprichoso dos ramos.

A memoria de Francisco Glicerio confirma, em absoluto, esse asserto. Ninguem contesta que elle foi, na politica brasileira, uma das figuras mais prestigiosas e notaveis. De onde lhe veio, porém, esse prestigio? Que serviço lhe grangeou essa notoriedade? A sua vida, desde a alvorada, foi um vôo planado, uma especie de carreira de avestruz ou de pato domestico, em que as azas nada fariam se não fossem ajudadas pela surpreendente ligeireza dos pés. Nunca teve um surto, nem fez, sequer, um esforço, para sentir nos cabellos o sopro de ventos mais altos. O ar que respirava jámais lhe chegou absolutamente puro aos pulmões, mas viciado pela poeira miseravel que elle proprio, muitas vezes, levantava. A atmosphera em que vivia era a mesma em que se envenenavam os seus pares da politica federal. Não tinha, mais do que elles, nem cultura, nem patriotismo, nem talento, nem sinceridade. Foi um fruto do acaso, um milagre facil, realisado pela força de um momento, uma gota d'agua da terra que, para subsistir, fazia o esforço de se purificar a si mesma, para se confundir, na folha da arvore nacional que é o seu Estado, com as claras gotas de orvalho da noite.

Glicerio nasceu em Campinas, em S. Paulo, de um casal de fazendeiros modestos. Ao receber na capital paulista a noticia de que perdera o pae, o joven campineiro, que ahi estudava humanidades e fazia inédita literatura deshumana, regressou á cidade natal, confiando-se, de novo, á doçura do carinho materno. Rangel Pestana, que o conheceu por esse tempo, conta que, apesar de rapazola, passava Glicerio o dia a cantarolar pelos corredores e pateos, sem occupações, sem disciplina, sem cui-

dados. A mãe, senhora sensata e pobre, censurava-lhe aquella incuria, aquella bohemia, aquella mocidade de passaro solto, lembrando-lhe que devia pensar nos dias vindouros, pois que era orphão e não tinha seara segura. Glicerio, de passagem, respondia-lhe, entre um discurso decorado e uma aria de assobios:

— Deixa estar, mãesinha, tempo virá...

Já com dezoito annos e, tendo como lastro do espirito os rudimentos que aprendera na Paulicéa, e as orações politicas que recitava em familia, seguiu para Rio Claro, onde entrou como professor de meninos no lar do velho republicano coronel Francisco de Paula Souza, emerito commentador da politica nacional e assignante de todos os jornaes da côrte e da provincia. Lendo as folhas e ouvindo os commentarios do dono da casa, Glicerio fez-se republicano, e era como republicano de outiva que apparecia, annos depois, em Campinas, no escriptorio de advogado de Campos Salles, seu antigo companheiro de "republica", em S. Paulo. Ahi, associado a este, que o aproveitara como sollicitador no fóro local, pôde Glicerio consolidar as suas precarias convicções politicas, entrando a agir, como braço do seu conterraneo, em favor dos novos ideaes.

E' nesse escondido ninho de republicanos que Rangel Pestana, seu primeiro biographo, e que ignorava o destino surprehendente do seu modesto biographado, vai encontrar-o em 1878. Glicerio tinha então trinta e dous annos, e estava para Campinas "na mesma relação do fogão para a casa de familia". Era elle que alegrava, que animava, que fazia a vida da cidade. Artista de circo de cavallinhos que lá chegasse era portador, necessariamente, de uma carta para Francisco Glicerio. Era pela sua mão que se penetrava nos clubs de recreio, nas lojas maçonicas, nas irmandades, nos theatros,

nas igrejas, na Santa Casa de Misericordia. O seu braço, embora republicano, abria as prisões, abrandava a justiça, franqueava os pulpitos, movia os prelos, carregava os andores e embandeirava a cidade, e tudo isso com o assentimento unanime da população, que admirava aquella actividade aparentemente despretenciosa, e que fingia não ver aquella estrada estrategica penosamente aberta, que o desbravador ia dissimulando, palmo a palmo, com as flores d' mais encantadora jovialidade.

Dessa posição para uma cadeira na Assembléa da provincia ou do Estado a transição foi rapida e natural; e dahi para a Camara da Republica, e para o Senado, o salto foi egualmente facil, maxime tendo o gymnasta, como vara de toureiro, o prestigio nacional dos seus amigos de adolescencia.

O segredo das victorias de Francisco Glicerio residiu, assim, especialmente, na sua habilidade, na philosophia amavel com que elle enfrentava as mais delicadas situações. A sua falta de cultura, suppria-a elle exactamente com a franqueza de não simular esse predicado. O conhecimento, que possuia, do meio e dos homens, fazia-o viver, em todos os tempos, á altura delles. A sua capacidade de trabalho politico, ou politiqueiro, era um braço que lhe dava todas as estaturas. Se a sua cabeça não chegava á nuvem em que mergulhava, então, a do sr. Ruy Barbosa, lá subia esse braço arrancando estrellas; e se a do sr. Hermes da Fonseca estava na alma do ridiculo, por lá se afundava, tambem, a mão certa de antigo sollicitador de Campinas, pedindo licença, amavelmente, para ser tão pellada de callos como era pellada de idéas, naquella época, a desgovernada cabeça do dictador.

O que havia, entretanto, de extraordinario nesse melro da alta, comedia republicana, era o modo por que se equilibrava, ao mesmo tempo, no marmore da politica de



S. Paulo e no pantano da politica federal. Em S. Paulo, era o principe filho do Sol e da Lua, que andava de cabeça erguida nos régios pagos do pai. Transpostas no entanto, as janellas do palacio, era o papagaio ou o corvo encantado, que só voltava á primeira fórma ao penetrar, de novo, os batentes de sua gaiola dourada. Aqui, era o cardeal Monfalto, coroado e de muletas; mal, porém, passava a estação de Cruzeiro, Sexto V entoava, solemne, o seu "Te Deum", pela grandeza do orgulho paulista. Dionysio de Syracusa, que procurava, aqui, as chaves do poder, em companhia da marujada politica, limpava as botas com a bandeira dos partidos nacionaes e não via, então, diante de si, senão a soberania de São Paulo!

Francisco Glicerio foi pois, nas suas qualidades e nos seus defeitos, um exemplar característico da fama politica do seu tempo, um arbusto sem relevo especial nos dous bosques em que abriu o sussurrante labyrintho dos ramos: no Rio, por ter apparecido, em todas as situações, como um pequeno profissional da politicagem, e em São Paulo, por ter sido sempre, com os seus contemporaneos um fervoroso amigo da sua terra.

Humberto de Campos.

("Gazeta de Noticias" — Rio).

O MEU S. JOÃO

Balões, lenha, fogo, fógos, foguetes; leitões, perus, quitandas caseiras, betuques de negros, catterê de caboclos, samba de mulatos, baile de brancos; um modesto altar, uma tosca imagem, um capelão; um maestro, uma bandeira, uma penca de laranjas, eram os ingredientes com que, no meu tempo, se manipulava uma festa de São João

A colheita ia em meio, e a fazenda toda rescendia a café maduro. O terreiro limpo de vespera, a

pyra votiva levantada em frente ao casarão senhorial, os filhos do fazendeiro de fato novo, os negrinhos de camisa limpa, grande azafama na cosinha de desmedida extensão, tudo estava a postos para receber a onda de convidados e de intrusos que não faltariam á festa.

Surgia o primeiro trolley envolto numa nuvem de pó, subia o primeiro foguete que se desfazia em fumo e estilhaços de papel. Outro trolley, outros foguetes, e a festa estava começada.

Escurecia. As fogueiras crepitavam, levando a distancia seu clarão vacillante e povoando o céu com a poeira faiscante emersa do seu seio.

Agora, os fógos, a reza, a ceia, as danças...

Os fógos para as creanças, as danças para moços, a reza para os velhos, a ceia para todos...

Quando se é creança e se tem o espirito virgem de impressões, no colorido diaphano de um balão se vê mais pintura que numa tela preciosa; no turbilhão confuso de sons — tambaques, sanfonas, violas, puitas, reque-reques — se ouve uma grande symphonia; e a exalação combinada do café, da poeira, da polvora queimada, do pomar visinho, dos guizados da cosinha, ficam na memoria olfactiva da creança como um cheiro de festa, superior ás melhores combinações chemicas de Lubin ou Delettrez...

Como é bom ser creança!...

Quando somos moços, a fogueira, os balões, a reza, a mesa, são apenas a moldura de um quadro encantador, cuja tela é o baile. E, neste, musica, decorações, luzes, todo-o-mundo, figuram em plano secundario, em perspectiva. No primeiro plano ha sempre a eterna "Ella" a illuminar-nos a vida.

Que delicia, a mocidade!

Quando se é velho...

Mas que é que se ha de dizer de um velho?... Se é crente, reza;

se é atheu, blasphema; se ainda tem estomago; vence os moços na mesa; se é dypeptico, jejua; se é gaiteiro, é o **quindim** das meninas. si é sisudo, é um trombolho na festa...

Como é triste ser velho!...

Mas ha uma cousa mais triste que a velhice: — o pessimismo.

Não sejamos pessimistas. Já não nos divertimos hoje? — Recorde-mos...

A casa grande e branca da fazenda jorrava luz por todas as janelas.. Dentro o baile, a mesa sempre posta..

Fôra, a noite, o frio de Junho Mas quem se lembra de frio, quando ha tanta braza?

Os balões já subiram todos, menos os que queimaram cá em baixo... os pistolões, já os rapazes os queimaram entre gritinhos de moças nervosas e algazarra da molecada...busca-pés, já não ha mais, já esfuziaram pelo terreiro perturbando por tres vezes o batuque. Restam algumas bombas que, de quando em quando, pontilham com estalido irritante a monotonia da musica barbara da negrada.

Uma bomba arreventou dois dedos a um **piá**. Coitado! tudo é festa.. Viva S. João!

Parece que a festa esfria... Já é tarde... Na fogueira, pouca lenha, muita braza, muita cinza... Já ha negros roucos... Mais quente!...

Um violeiro já cançou, Embrulhou-se no pala e repousa sobre um toco, ao pé da fogueira, fumando e cuspiendo na cinza...

E' hora de banhar o santo no corregos dos poetas; ólho nágua e desfila entre canticos, perturbando a paz do gado que dorme espapagado no caminho.

Longe da casa a noite é mais escura, mas o céu é mais brilhante... muita estrella... O Escorpião descamba obliquo como um navio que sossobra de prôa...

O corrego murmurinha como os corregos dos poetas; ólho nágua e não vejo o meu vulto. Mau signal,

Era assim o S. João do meu tempo...

Como está o S. João de hoje? — Não sei, não sou mais deste mundo...

Mas parece-me que se manipula com **fox-trots**, **It is a long, long way to Tipperary**, cantado no original, **five-o-clok-tea**, **marrons-glacés**, **Extra-dry**, almofadinhas, **sans-dessous**, **jupes collantes**, pernas ao vento, pudor em cheque, tradicção amortalhada...

..Le monde marche... en arriere...

Como não ser pessimista?!

JOÃO SEMANA.

(“O Combate” — Jaboticabal).

INDISCRICÕES DE PAPEIS VELHOS...

Remexer papeis velhos, impregnar nosso espirito das recordações que elles docemente exhalam, deixar que a sua força evocativa nos transporte calmamente á contemplação de uma era agitadissima, que já passou, não é apenas um prazer, mas é tambem um dos meios mais serios de perscrutar a natureza humana, apanhando-a no flagrante da sua fraqueza credula, da sua incoherencia mysteriosa e da sua fantasia sempre infantil.

Ha dias me delicieei na contemplação de importantes papeis relativos a um dos mais curiosos periodos da historia da nossa republica: a revolta contra Floriano.

Tive em mãos longo tempo um caderno que pertenceu a um marinheiro de Villegaignon, e uma especie de “codigo”, uma cifra, uma interessantissima combinação telegraphica feita pelo almirante Saldanha da Gama para, durante sua campanha á frente dos federalistas do Rio Grande, corresponder-se com o seu amigo M. M. de Carvalho (Manuel Maria de Carvalho), seu representante aqui no Rio de Janeiro.

O caderno do marinheiro, ou, antes, do sargento ajudante do Corpo de Marinheiros Nacionaes Belmiro Ferreira dos Santos, é curioso, contendo na integra uma cópia do manifesto do almirante Saldanha, o celebre e muito conhecido manifesto sebastianista de 9 de dezembro de 1893 contra Floriano e mo qual ha o seguinte trecho:

"A logica, assim como a justiça dos factos, autorisaria que se procurasse, á força das armas, repôr o governo do Brasil onde estava a 15 de novembro de 1889, quando, num momento de surpresa e estupefacção nacional, elle foi conquistado por uma sedição militar, de que o actual governo não é senão uma continuação."

E, mais adeante, volta o almirante a profligar o "jugo abominavel de escravidão em que o militarismo de 1889 nos quer reter".

O facto de ter feito a copia de tal manifesto revela o enthusiasmo do sergente pela causa da revolução, que em má hora abraçou.

Folheando esse caderno, eu me puz a meditar na melancholia em que com certeza viveu, durante a revolta, preso na sua ilha de Villegaignon, onde todas as tardes choviam as balas das fortalezas do governo, esse pobre marinheiro, esse atormentado sargento, para quem os dias da revolução deviam arrastar-se immensos e tediosos, forçando-o a lançar aqui para a cidade olhares cheios de tristeza e de sêde de amor...

Lá estão no seu caderno, fragmentos de sua alma, em phrases soltas a respeito de mulheres, entre notas particulares e apontamentos de serviço.

Copio esta:

"E' bem usado, bem arido, bem morto, o coração que já não conta com o amor, nem com o respeito que segue o amor."

Coitado!

Tem-se a impressão de que a elle, a esse sargento, cansado do ribombar do canhão, perseguido

pelos bombardeios diarios, de certo lhe pareceria finalmente bem melhor vir para a terra é "contar com o amor e com o respeito que segue o amor", do que continuar mettido na aridez da aventura politica do seu temerario almirante.

Muito mais curiosos são os papeis que contêm a combinação telegraphica de Saldanha da Gama.

Estes pertenceram á colleção do Dr. José Carlos Rodrigues, vendida ao sr. Ottoni, que a doou á Bibliotheca Nacional, onde se acham.

E' um "codigo" secreto muito bem feito e que revela alguma cousa de ainda inedito a respeito do famoso almirante de quem Ruy Barbosa, um dia, escreveu que era um dos typos mais bellos e mais completos de homem que elle já conheceu.

Mal sabia Ruy Barbosa o conceito em que o tinha a sagacidade desse homem tão completo...

Pelo "codigo" de Saldanha se vê que elle encarava como coisa possível o entrar algum dia em negociações de paz com Floriano Peixoto.

Os telegrammas deviam ser passados de Montevideo, e todos em estylo commercial, para esconder melhor o occulto sentido revolucionario.

"Saque acceito" quereria dizer: "Possibilidade de entrar em negociações".

"Saque endossado" corresponderia a "Negociações entaboladas".

E ha assim varias phrases em que entra a palavra "saque" sempre significando "negociações". Entre ellas esta, que traduz a previsão de uma probabilidade muito desagradavel para os salvadores da patria: "Saque prejudicado", e cuja traducção seria a seguinte: "A revolução não pôde continuar por falta de recursos"...

A parte mais interessante, porém, é a referente a pessoas.

Dentre os nomes que figuram na cifra do almirante, aquelle de quem elle mais se occupa, e a cujo

respeito faz maior numero de hypotheses, prevendo maior quantidade de situações, é o do sr. Alexandrino.

A palavra "letra" queria dizer Alexandrino de Alencar, e é empregada numa porção de phrases, imaginando de antemão todos os acontecimentos que durante a luta poderiam occorrer com o commandante do "Aquidaban", hoje tambem almirante, reformado depois de ter sido desde o governo Affonso Penna um dos mais uteis esteios da ordem..

Entre essas phrases ha uma de máo agouro: "Letra regeitada", que corresponderia a "Alexandrino fuzilado".

O almirante previa tudo...

Só tres nomes têm substantivos como palavras correspondentes. São o de Alexandrino de Alencar, e os de Floriano e Prudente.

"Baixa" significaria Floriano, e "Alta", Prudente.

Essa escolha é bem significativa.

Todos os outros nomes são representados por adjectivos, e quem attentar bem para elles verá com que finura, com que justeza, com que perspicacia feliz, o almirante os escolheu.

São verdadeiros julgamentos, que pôdem ficar para a Historia, cada um delles synthetizando no breve golpe certo de uma só palavra.

Em vez de adduzir commentarios, limitemo-nos a publicar aqui esses termos da cifra, pondo deante de cada um o nome que lhe corresponde:

"Firme" — Saldanha da Gama.

"Seguro" — Manuel Maria de Carvalho.

"Inconcebível" — Gumerindo Saraiva.

"Inabalavel" — Gaspar da Silvelra Martins.

"Frouxo" — Custodio José de Mello.

"Oscilante" — Ruy Barbosa.

Vê-se que houve escolha intencional e que o almirante procurou

para cada nome um epitheto que se lhe ajustasse de accôrdo com a sua opinião intima a respeito de cada um.

A palavra que coube a Custodio de Mello não representa mais que uma simples rivalidade de dous chefes, que se disputavam o commando supremo de um mesmo movimento, e serve para mostrar como se hostilizavam lamentavelmente uns aos outros os companheiros de revolta, numa desunião que em pouco tempo os inutilizou a todos .

O remoque atirado tambem contra Gumerindo ainda mais confirma isso.

Todavia, se não erra o talento de Mucio Teixeira, o veneravel Barão Ergonte, que nos ensina a sobrevivencia da alma, nesse caso bem pode ser que a esta hora o espirito do almirante, de vez em quando, baixe os olhos para a Terra e ainda sustente pelo menos alguns dos seus conceitos, usando da phrase que ha tempos ficou celebre por occasião das ultimas eleições presidenciaes: "Dei no vinte"...

Releiam as pessoas daquella época, com cuidado e calma, esses epithetos contrarios, como os de "inabalavel" e "oscilante", pensem bem nelles, e depois respondam se os julgam acertados ou não.

Miguel Mello.

(*"Gazeta de Noticias"* — Rio).

OS REMENDOS INESTHETICOS

Deve um povo em plena mocidade prezar suas tradições? Ou, pelo contrario, esquecer o passado, para melhor encarar o futuro?

Uma nação recente não pôde, naturalmente, ter longa nem solida tradição. Quando essa nação é um amalgama de raças distinctas, com caracteres ás vezes oppostos, e vive num continuo evoluir, mais imprecisa e fragil se torna a tradição. E' o nosso caso. O Brasil,

como as demais nações americanas, é um typo curioso de civilização. Os povos asiaticos ou europeus seguiram uma ordem mais ou menos normal em seu desenvolvimento, do mais simples ao mais complexo.

Nós vivemos á luz em pleno fulgor do renascimento, vegetámos obscuramente durante tres seculos, e, bruscamente, em cem annos de independencia, queremos realisar o que os nossos maiores gastaram seculos a apurar. Adoptámos os modelos mais avançados em todos os ramos de organização ou criação. E só ao empregar systemas e usos de civilizações sedimentadas, reconhecemos quanto são toscos e tacteantes os nossos meios de realização. Um dos caracteres visiveis de nossa nacionalidade é justamente — essa perfeição dos typos adoptados em contraste com uma pratica primitiva e incerta. As leis são modelares: nunca chegam a uma applicação continuada. As medidas de governo são geralmente magníficas: raramente dão fructo: os homens mostram saber muito: quantos realizam alguma coisa. As intenções são excellentes: as acções são mancas. As theorias de arte abundam: a produção artistica é fragilima. Succedem-se as iniciativas: raream as applicações. A lei natural é a decadencia. Por que? Pelo que acima dissémos: pelo desaccôrdo entre nossas idéas e os meios de que dispomos para realizal-as. Somos uma nação em desequilibrio congenito.

Nessas condições o espirito de tradição, entre nós, apenas póde existir por um esforço de pensamento. As crianças quebram geralmente os brinquedos da vespera... E', portanto, perfeitamente inutil dizer que só a volta á tradição nos póde salvar, que os povos que desprezam o proprio passado estão naturalmente votados á ruina, que a instabilidade do nosso gosto é

uma falta de caracter, que o mimetismo é uma prova deploravel de servilismo, e mais quantas verdades sedicças houver. Não ha pré-gaçoão possivel contra a fatalidade de um estagio provisório de civilização.

Ha annos, de viagem pelas nossas velhas cidades mortas de Minas, voltei com o coração ferido pela indifferença dos homens perante a ruina de um passado de pompas e opulencias. Ouro Preto deixa as intemperies consumirem os prodigios do Aleijadinho; Caethé e Sabará mal se oppõem á ganancia dos vendedores de alfaias; Diamantina consente que mutilem a sua preciosa Casa do Contrato; Mariana, Congonhas, Serro, S. João del Rey — calam-se perante o tempo e os exploradores qua as corróem. Por toda a parte as capellas se esfarinham roídas de cupim; os Cruzeiros apodrecem; nas fontes de pedra-sabão cavam as aguas da chuva sulcos de uma dor como que humana; as pratarias e os jacarandás das sacristias emigram sorrateiramente. Que dolorosa impressão a dessa capella de Raposos, outróra um dos marcos notaveis das "entradas" e cuja ruina actual Affonso Arinos me indicara com os seus olhos tristes de sertanista! Voltei então maguado e com palavras de rebate aos labios.

Hoje comprehendo quanto a revolta é vã. As cidades mortas de Minas hão de morrer, irremediavelmente morrer, porque aos proprios que as amam e admiram falta tenacidade para as defender. Um povo que cresce deve, mas não póde amar suas tradições. Longo tempo havemos de viver com os olhos pré-gados em amanhã, e só começaremos de valer alguma coisa, quando volvermos esses olhos cansados para o nosso passado. Que revolta então! Que saudade! Que remorso!

Mas a vida ensina a resignação.



E nesses caso o consolo é justo porque é necessario. Temos muito que nos esquecer antes de começarmos a lembrar. E' a propria vida que exige essas ingratições dolorosas.

Calar as palavras de indignação não implica o silencio. O desamor absoluto pela tradição nacional é normal nos povos em desequilibrio, como nós, mas não louvavel. E' de nosso dever, por isso, indicar os symptomas de um mal que, se não é curavel, pôde ser attenuado. As manifestações delle são moraes ou materiaes. Aliás, estas implicam aquellas. Moralmente, o desvio da tradição pôde ser um bem. Nessas virtudes tradicionaes de severidade, sensibilidade fácil, arrebatamento, dilettantismo, bondade, submissão, podem ou devem ser corrigidas. Materialmente, a falta de tradicionalismo é uma ingratição e um erro de gosto. Despresando os argumentos sentimentaes, fica o insulto á belleza. O ambiente, se não dá toda a belleza, prepara o essencial della. O caminho da perfeição esthetica é o da conformidade com o meio. Se começarmos por desprezar os ensinamentos deste, como chegaremos áquella? A arte exotica é um simples mal estar dos monumentos de decadencia. Não advogamos particularismos estheticos, que — tomados como systema — opprimem a arte. Queremos apenas accentuar que um artista não pôde ser grande quando totalmente alheio ás condições que o produziram.

Do desprezo pela tradição resulta portanto um erro de gosto. Sendo esse desprezo inevitavel, a conclusão necessaria é que o gosto, entre nós, ainda é prematuro e manco. Aliás, o que é o gosto senão o sentimento esthetico do equilibrio, o senso das proporções, o instinto do rythmo? E como poderemos realizar a enrythmia das nossas sensações de belleza se vivemos em desequilibrio congenito?

O gosto, sendo a mais subtil, é a mais perfeita manifestação do sentimento artistico. E, assim sendo, pôde considerar-se apanagio dos povos em fastigio, estranho portanto ás nacionalidades incipientes e ás civilisações requintadas. Quanto a nós nacionalidade incipiente, podemos diariamente argumentar com factos.

Ainda agora, essa conclusão, que de tão fatal já nem é triste, acaba de ser confirmada pelo attentado contra dois dos mais interessantes documentos de nossa tradição: o antigo Paço Imperial e os Arcos.

Os Arcos são, sem duvida, o mais caracteristico monumento do Rio, uma dessas construcções que fixam o perfil de uma cidade. Massiços, truncados, de linhas simples e lisas, têm a belleza das coisas exactas. Pois o prurido de reformar, de remoçar os velhos monumentos está tirando aos Arcos o encanto que o tempo e a elegancia de sua construcção honesta lhe haviam dado. Estão revestindo a sua base de cimento, desse cimento aspero, picado de escova, das vilas modernas de Copacabana! Não chega a ser absurdo porque é o natural... Mas que lamentavel signal dos tempos!

Outra prova do espirito de innovação que vicia as fontes do nosso gosto esthetico, é o que a Rpartição dos Telegraphos está fazendo com o velho Paço Imperial. Edificio rude, pesado, frio, pobre, é um documento claro do espirito da época. A architectura é o espelho dos tempos. A Cadeia Velha é o seculo XVIII — aspero, solido, "feio" mas honesto: O Palacio Monroe é o seculo XX — vistoso, imitador, apressado, mais agradavel de ser habitado, mas ainda mais "feio"... O antigo Paço Imperial é um typo de architectura "séria", onde não transparece o desejo de exhibição senão a conformidade com o fim collimado. Sua belleza

está na severidade original da construção.

Pois os Telegraphos acabam de provar como as repartições democraticas de um paiz joven, estão acima desses preconceitos estheticos. Quizeram reformar o velho edificio: ide ver, ide ver o que fizeram! Ladrilhos de hospital, praticados de gradil, fios e isoladores suggestivos, vidraças foscas azues e brancas, divididas por taboinhas de um memoravel aspecto, tudo que era possivel encontrar em materia de máo, de pessimo, de lamentavel gosto, foi empregado para remogar as velhas paredes! O effeito naturalmente foi desastroso! Essa ala do antigo Paço da cidade semelha um velho encasquilhado, um "vieux-marcheur"!

Pobre edificio! Pobre gente!

Mas não nos revoltemos: é o signal dos tempos... Os Arcos calcados de cimento, o Paço Imperial de janellas coloridas, dão-nos uma lição necessaria de humanidade...

T. de A.

(D' "O Jornal" — Rio).

O GENIO COMMERCIAL DA ALLEMANHA

Desde que irrompeu o formidavel conflicto de 1914, alguns espiritos lucidos apressaram-se a afirmar, de encontro á interpretação idealista engenhosamente offerecida ao mesmo pelos inimigos da Allemanha, que elle representava unica e exclusivamente um violento choque de interesses commerciaes, proveniente da marcha cada vez mais vertiginosa e segura dos germanos para a conquista da hegemonia, da preponderancia commercial em todo o universo.

Taes asserções, a que emprestou entre nós o brilho inexcedivel de seu magnifico talento, num livro que um assombro de clarivi-

dencia, subtileza de analyse e vigor de argumentação, o ex-deputado Abranches, nada puderam contra crise de exaltação mystica determinada no seio de quasi todos os povos neutros, mais notadamente daquelles que são ou se pretendem latinos, pelo habilissimo "camouflage" sentimental, liberal, humanitario, á cuja confecção esmerada a Entente se entregára com a prudencia e antecipação necessarias, conhecedora perfeita que era da eterna, indestructivel ingenuidade humana.

Sómente agora, depois de reunidos em Paris, para a exploração da victoria tão difficilmente obtida, os representantes das nações alliadas e associadas — associadas, vejam bem! — depois de imposta á nova Republica tedesca numa paz que a estrangula e assassina, e de inflingidas as mais cruéis decepções aos elementos de pouca efficiencia militar do grupo, como sejam o Brasil, Portugal, Belgica e Servia, cabe emfim a venda que trazia cegos os homens de boa fé, desperta afinal a humanidade do extase em que cahira ante o colossal mystificação de uma guerra sagrada para defesa da civilização e da humanidade... E nós, os brasileiros, em particular, acabámos de verificar os excellentes sentimentos que nos consagram esses admiraveis amigos francezes, tão insuperaveis na eloquencia com que exaltam os princípios da moral internacional...

Desfeito o embuste, dissipado o equivoco, podemos firmar uma convicção: não foi a politica imperialista que perdeu a Allemanha, mas tão somente a revolta contra o genio commercial que a caracterisa. Dahi um corollario logico: não ha tratado de Versailles que possa exterminar esse attributo; consequentemente é fatal uma resurreição gloriosa da Allemanha. A'quelles que não acreditam, peço que estudem o inquerito promovido no "Figaro", pelo escriptor Eugéne Monfort, sobre a preparada

invasão, pelos germanos, do commercio de livros francezes. Esse pequenino factó tem o valor de uma allegoria. Emquanto as casas editoras francezas elevam seus preços, as congengeres allemães preparam, a preços irrisorios, edições magnificas dos autores de França. Haverá estoicismo que, em taes condições, leve o amator das boas letras a regeitar o artigo allemão, sómente para cooperar nas hostilidades economicas á Germania? Francamente, custa-me acreditar-o...

O MISANTHROPO.

(*"A Rua" — Rio*).

RAYMUNDO CORRÊA

Alberto de Oliveira, que foi, talvez, o companheiro maos constante do poeta quantas vezes, nas tertulias que me dá a honra de conceder, me tem revelado factos intimos da vida do poeta que dignificariam um homem, si não revelassem, a limpida pureza de uma alma.

Em 1884, Raymundo Corrêa, estejou a sua vida de magistratura, nomeado Promotor Publico de S. João da Barra, no Estado do Rio. Espantadiço, como todo estreado, desconfiado, receberam-n'o o chefe politico local, o escrivão, o juiz, enfim, as autoridades da comarca. No almoço, offerecido em casa do coronel F.... chefe do Partido, disse esse ao Promotor, em tom grave:

"Senhor doutor, lembre-se que está em uma terra pequena. Isso aqui é um viveiro de intrigas. Ha tambem boa gente... Mas um homem prevenido vale por dez.... O sr. é moço... Não vá cahir em alhadás..."

Raymundo, ponderou que ali o levava sómente o cumprimento do dever. Agiria sempre com o que lhe dissessem a justiça e a sua consciencia. E não foi sem certa amargura que o dia passou a mal-dizer intimamente ter vindo cahir em terra intrigante.

Passaram-se os dias, um mez, Raymundo esqueceu as palavras do tal chefe que não primava pelo preparo intellectual, e dois mezes transcorridos, dia de anniversario e festa na fazenda do coronel F...., o nosso Promotor é recebido, antes de desmontar o cavallo, com estas palavras do dono da casa:

— Olhe, dr. Raymundo, eu, não lhe dizia que tomasse cuidado com esta terra de intrigas?!... Já me viéram dizer umas coizas... Mas, não dei credito...

Raymundo ficou frio. Coronel, de mim?! Disseram?! Que disseram?!

— Nada. Desmonte, sr. dr. Depois nós **conversamos**... Eu não dei credito...

Raymundo subiu as escadas, entrou na vasta sala da Fazenda, e volveu:

— Coronel, faz favor, que lhe disseram?!...

— Socegue, dr. eu cá sou amigo... Não dei credito...

E assim passavam as horas, o magistrado a insistir, e o chefe politico a ter evasivas de que não acreditava no que lhe haviam dito.

Certo momento, proximo ao jantar festivo, Raymundo não se conteve, e proferiu inabalavel:

— Sr. coronel, suas palavras tiraram-me a calma. Ou o senhor me relata a accusação de que sou victima, ou me retiro, e de uma vez, da comarca.

O coronel sacudido por essas phrases firmes, apanhou carinhosamente Raymundo pelo braço e levando-o a um canto da ampla varanda lateral, reiterou: — Sr. doutor, não se véxe... Eu não dei credito... Vieram dizer-me que o senhor é poeta!.....

Adelmar Tavares.

(*"O Norte" — Rio*).

O BACHAREL DE CANANE'A

Creio que tinha a assignatura do sr. Affonso Celso o elogio do Bacharel que li, certa vez, nas paginas triviaes de um almanack.

O monarchista brasileiro e conde do papa não é, apesar do ostracismo, uma criatura amarga, com idéas tristes. Proclama-se, ao contrario, um cidadão "que se ufana de seu paiz" por um "tas de choses" ás quaes a sua qualidade de vencido sem esperança não lhe basta para as denegrir e desprezar.

E é nisto, precisamente, que consiste a poderosa seducção deste Chauvin contra quem é preciso estar sempre em guarda.

Eu, por exemplo, tendo feito o meu curso na Escola de Direito, participo, no entanto, da prevençáo geral contra o Bacharel. Sim, porque acabei me convencendo de que devo á carta todo o meu insucesso até hoje na vida. Isto, porém, não impede a minha reconciliação com o Bacharel toda vez que tenho presente o panegyrico do sr. de Ouro Preto.

O Bacharel saiu-nos dessa prosa lyrica a victima de uma clamorosa ingratição. Nós precisamos ser menos injustos e reconhecer que elle representa afinal, nulla ou mediocre, toda a sabença que Geca Tatu' possúe. Sem o Licenciado — em — Qualquer Coisa que seria de nós deante do mundo? A elle, o homem ridicularizado de annel de grau no fura-bolos, é a quem incumbe esta tarefa formidavel — fingir lá fóra que sabemos ler!

Os senhores meditaram bem no que significa isso? No concerto classico dos povos, de quando em quando convidam o Brasil para dar um ar de sua graça, a este melancholico Brasil que faz vegetar, dispersivamente, da riba atlantica ao "hinterland" quase inexplorado oitenta por cento da população analphabeta. Figuram na brilhante companhia, em ponderoso commercio mental, individuos como a Inglaterra, a França, a Allemanha, a Italia, os Estados-Unidos, "leaders" da cultura universal. O Brasil tem que comparecer. Lá manda

alguem. E a quem manda? Ao Bacharel.

Por muito que o aborregamos, devemos convir em que elle ainda não fez má figura. Tem dado, ao contrario, esplendidamente, o seu recado. E, dès que, de uma feita a Europa se curvou ante o Brasil, por causa de Santos Dumont, diplomado em engenharia, das outras occasiões em que se tem repetido a flexão desse espinhaço consideravel, vamos encontrar o Bacharel, triumphando! Citemos, ao accaso, o bacharel Ruy em 1907, na conferencia de Haya.

Elle é, assim, pau para toda obra. Está sempre á frente das minimas iniciativas. Em nada o dispensamos. Quase tudo o que somos, devemol-o ao Bacharel. E é espantoso que tenha já conseguido tanto, vexado com o peso morto da ignorancia encyclopedica que leva dos bancos academicos. Nós confiamos ao desgraçado um trabalho do mouro apenas sahe da Faculdade, um pouco menos estudado que uma azemola, victima que é dessa coisa ineffavel, — o nosso ensino superior.

No apreço, pois, que me merece a classe bacharelícia eu não podia deixar de enternecer-me deante desse typo singular que nos surge da legenda, do fundo das nossas frescas tradições de patria joven — o bacharel de Cananéa.

Pobre e mofino lusiada condemnado por um arresto talvez iníquo, eu estou a ver-te na angustia daquella tarde presaga em que os bateis da frota del-rey-nosso- Senhor te abandonaram na praia deserta com uma leva de degredados. Dahi a pouco, tangidas pelo teral, as velas aventureiras não eram mais que azas de phalenas gigantescas como que adejando á flôr das aguas, na rota das Indias. E só, mpressionante, a immensidão da brenha se te apresentava com os seus mysterios e os seus terrores. Estavas á mercê do indigena



anthropophago, das feras soltas, de toda a natureza hostil...

Comtudo, reza o chronicon brasílico, trinta annos depois, apresentavas-te um dia de repente á vista dos compatriotas que voltavam. E os amparavas no ousio das "bandeiras" iniciaes! Tinhas então prestigio, uma prole numerosa. Fazias-te cubigar quer pelo incola, quer pelos expedicionarios de Martim Affonso, que a metropole tanto tempo depois enviava a continuar a obra de Pedralvares! E é preciso não ter alma para escapar a uma alta e divina emoção, pensando no que representam esses seis lustros de existencia na solidão da gleba primitiva.

Oh, esse "bachiler" de Cananéa de que fala com respeito um narrador do tempo! Fosse João Ramalho, mestre Cosme Fernandes, Duarte Peres, Francisco Chaves ou Gonçalo da Costa, fosse outro qualquer, o seu estoicismo representa o mais nobre exemplo aos advenas que lhe succederam no desbravamento da Santa Cruz. Com elle, o Bacharel começou a sua immensa contribuição para o esplendor da terra. A figura do "bachiler" não tem o fulgor da de um Anchieta, não tem mesmo fulgor algum, pois do que nos contam não se sabe, ao menos, se elle escrevia sonetos na areia da praia, á maneira do jesuita sublime com as estrophes mysticas dos seus poemas. E justamente por isso, por tão obscura e esfumada nos longes da historia, ella é ainda mais admiravel. As gerações que vieram desse filho humilde de Coimbra herdaram delle, mais do que doutro, o indizível heroísmo de viver no Brasil selvagem, de construir o Brasil colonia, de trabalhar pelo Brasil Imperio e Republica. A bacharelíce que herdámos do degredado de Cananéa pode ter mil e um defeitos, mas, é, em resumo, a nossa grande força nacional.

Desconhecido avô, pioneiro da nossa civilização, homeride sem

Odysséa, é para elle que se deve voltar a gratidão enternecida de nós todos, os calumniados bachareis do Brasil.

Ruy de Luna.

(*"Jornal do Commercio" — Recife.*)

NO DOMINIO DO FOLK-LORE

E' pena que João Ribeiro, no seu livro e no capitulo — "TRANSFORMAÇÕES DE ESPECIES FOLKLORICAS" não nos tivesse offerecido uma recolta maior de lendas ou de fabulas. As modificações por que no nosso meio, entre o povo, passam as lendas, apologos ou historias é uma das feições mais interessantes e curiosas dessa ordem de estudos.

Interessantes, por se verem nelles introduzidos novos elementos ethnicos, modificando, ampliando ou restringindo os problemas primitivos, não só em relação á moral, como a usos, costumes e linguagem. Uma fabula de La Fontaine, de Esopo, de Phedro, um apologo arabe, são recitados nos nossos sertões, de geração a geração, soffrendo sensiveis modificações, de accordo com o novo "habitat", o meio, e as suas relações moraes, intellectuaes e physicas.

Um exemplo: O apologo da pomba e da raposa, que João Ribeiro transcreve e que, tambem, aqui o damos, de origem arabe, posto na bocca do philosopho Sindabar, ouvimos-o, quando criança, no Ceará, grandemente modificado.

E' este o primitivo: "Uma pomba ameaçada de uma raposa que lhe queria devorar os borrachos, accéitou o conselho de um pardal que lhe falára: — Quando vier a raposa dize-lhe de subir até ao ninho. E ouvindo-o, a raposa, saiu ao encontro do pardal e perguntou-lhe como era que se livrava da ventania. — Escondo a cabeça sob as azas. — De que maneira? — Assim, disse o pardal encobrindo a cabeça. A raposa, nesta oc-

casião, colhe-o de improviso. — Soubeste, diz ella, dar conselho á pomba, mas não a ti proprio”.

Este apologo, como se vae ver, foi modificado no Ceará pela seguinte fórma:

O canção encontrou uma rolinha chorando.

— Por que chora, camarada rolinha?

— Ora, porque não hei de chorar! — veiu aqui a raposa e me comeu uma filhinha!

(Este elemento novo é mais sentimental: no primitivo, como se vê, a raposa tinha apenas ameaçado.)

— Como? de que maneira? pois a raposa não pode subir esta arvore onde está o seu ninho!

— Ora, ella me ameaçou de derrubar a arvore.

— Como?

— Enrolou o rabo no tronco da arvore e me disse que se eu não lhe dêsse um dos filhos ella a derrubava e comeria os dois, e seria muito peor. Então lhe atirei a minha filhinha e ella comeu ali mesmo.

— Ora, camarada rola — você é muito tola! A raposa LHE enganou. Ella não podia derrubar a arvore. Se você quer ver, quando ella voltar, mande que ella a derrube, e verá!

No dia seguinte, voltou a raposa e mandou que a rolinha lhe atiras-se o outro filho.

A rolinha, ainda chorando, disse que não era mais tola e que lhe não daria o filhinho como tinha feito com o outro.

— Se não dá derrubo a arvore — disse a raposa, enrolando o rabo ao tronco da mesma.

— Pode derrubar! — disse a rolinha.

— Ah! já sei quem te ensinou: foi o canção; elle ha de me pagar.

E foi a raposa armou uma arapuca e botou a céva de milho para pegar o canção. Mas não fez armadilha na arapuca, como se costuma fazer: mettu apenas a for-

quilha e amarrou ao pé da mesma um comprido cipó, levando a ponta para detrás de uma moita, onde se escondeu.

(O artificio da raposa, aqui, é differente do original.)

O canção chegou e viu o milho debaixo da arapuca e, como é seu costume, trepou para cima da mesma e deu-lhe muitas sacodidelas para ver se a arapuca caia. Vendo que ella estava bem segura, veiu para debaixo a comer o milho. Então, a raposa puxou o cipó e a arapuca caiu, prendendo o canção.

— Camarada raposa, disse o canção, quero lhe pedir um favor antes de morrer.

— Qual é? disse a raposa orgulhosa.

— Ha muita gente, ahí por esses caminhos, que não gosta de mim, peço, que me coma logo aqui, e não me leve para sua casa, para não dar gosto e não servir de caçoada aos meus inimigos.

— Ah! disse a raposa, isto eu não faço! Eu te levo vivo para a casa para te mostrar aos meus filhos e depois te comeremos. Eu quero que todos saibam que comigo não se brinca!

Então abocanhou o canção e saiu com elle, vivo, em busca de casa.

Quando ia passando pela beira de um rio, uma lavadeira (passaro) lhe gritou da ponta de um canço:

— Pegou sempre o canção, hein, camarada raposa?!

— O! O!, respondeu a mesma.

Nisto, o canção voou e salvou-se.

A moralidade do apologo aqui, é bem diversa da do philosopho arabe.

O pardal (o canção) não foi punido ou castigado por haver dado um bom humanitario conselho á sua irmã, a pomba.

Que diz a isto o mestre João Ribeiro?

José Carvalho.

(“O Jornal” — Rio).

O QUE AS CRIANÇAS SONHAM

O inspector dos serviços medico-escolares de Londres realizou ultimamente, algumas investigações sobre os sonhos das crianças das escolas da capital inglesa. Essas investigações são de grande interesse, segundo escreve "The Times".

As crianças de mais de cinco annos foram convidadas a escrever um relato do ultimo sonho, indicando o tempo transcorrido e a idade do autor do relato. O referido inspector recebeu relatos de cerca de cinco mil crianças.

Nas escolas dos manicômios infantis os sonhos foram relatados pelos meninos aos seus mestres. Estes pequenitos tiveram grande dificuldade em separar o sonho da vigilia. A sua capacidade de descrição era, naturalmente, muito limitada, e o seu modo de empregar as palavras podia levar á mente do adulto que o escutava impressão mui differente do que queria expressar.

Os meninos, inevitavelmente, exaggeram muito os sonhos e repellem como absurdas algumas coisas destes, que são contrarias á sua propria experiencia. De fórma que uma analyse completa dos sonhos das crianças não teria valor algum. O mais que se poderia fazer, talvez, seria classificar esses sonhos, amplamente, como desejos realísados, medo, contos, de fadas, assumptos domesticos, etc.

Estudando os sonhos das crianças de cinco a sete annos, verificou-se que os sonhos de Natal estavam amplamente representados. Nos pequeninos de menos de cinco annos, o "medo" impera nos seus sonhos. Aos sete annos de idade, os meninos e as meninas sonham mais com ladrões do que nas outras edades.

E curioso que os sonhos de medo aos animaes são mais frequentes nos meninos que nas meninas.

As occupações escolares appare-

cem pouquissimo nos sonhos dos meninos de qualquer idade.

Nos sonhos das meninas, a influencia do cinema é muito pequena; mas nos meninos, especialmente entre os seis e sete annos, é um factor importante.

Os sonhos de contos de fada são muito frequentes nas meninas e raros nos meninos, e o mesmo occorre com os sonhos de acontecimentos domesticos normaes.

Um facto importante revelado pela investigação é que o "duende" e o "diabo" foram substituidos pela fada. O antigo terror infantil desapareceu. Entre todos os sonhos dos meninos mais novos, houve apenas uma referencia a um "duende". O sonho de fadas é, geralmente, de puro gozo, e o de bruxas é um entretenimento.

Aos cinco annos o menino é o centro do conto e raramente um espectador passivo. Um dos pequenitos referiu, por exemplo:

"Eu sonhei que vi um tigre devorando o meu papá, minha mamã, meu irmão e a mim, mas acordei e disse: Ora, não é verdade!"

Uma menina de cinco annos sonhou que o rei e a rainha estavam debaixo da sua cama, comendo pão e manteiga, acompanhados de pessoas da cõrte.

O autor do trabalho acredita que um estudo cuidadoso dos sonhos das crianças nos collegios dos hospícios, pôde produzir resultados informativos sobre o temperamento normal da criança, emquanto que no caso das crianças de typo neurotico, pode dar indícios importantes para encontrar a base do valor mental.

As crianças pequenas, da primeira idade, gostam de contar os seus sonhos, e um resumo mensal durante um anno, poderia ser um instrumento de investigação muito util.

A guerra demonstrou o enorme valor do estudo dos sonhos dos adultos, no tratamento dos casos de "shock", nervoso, e em muitos ca-

...sos a causa da perturbação foi encontrada em sucessos da primeira infancia.

(*"Diario de Pernambuco"*).

O COMBATE DE CAMPO OSORIO

.....
O incendio, as violações, os massacres eram a normalidade nas campanhas do sul. Desenfreada-se a besta humana, na insanidade de seus máos instinctos.

Afinal, convencido da crueldade dos que praticavam a chacina no sul, Saldanha se manifestou e partiu para o campo de batalha. E pela terra do Plata fincou pé em territorio nacional.

O que succedeu então, é narrado com uma simplicidade, commovente por um platino imparcial, que esteve no campo de batalha. Referimo-nos a um artigo inserto na revista portenha "Archivos de Psychiatria", da lavra do dr. Florencio Sanches. Eil-o:

— "João Francisco, sempre elle, foi a figura saliente da fronteira, durante a guerra. A' frente de uma força pouco numerosa, jámais quiz afastar-se das fronteiras, campando pela região durante os tres annos de guerra, em uma zona de mais de 600 leguas. Foi habil e previsora a sua resolução."

— "Os revolucionarios derrotados no interior, procurarão a fronteira oriental para se refazerem e aqui os enfiarei na lança", dizia elle. E si houve engano, foi na lança, porque os revolucionarios foram colhidos por seu facão e pelos dos seus milicianos. Com alternativas logicas, marchou de victoria em victoria, ou antes, de massacre em massacre, e no fim da revolução pôde mandar ao governador Castilho a parte memoravel de Varsovia: communicava que na região só restavam vivos, e em pé, elle e seus contingentes."

Saldanha da Gama com seus 300 homens, gente do mar, e um brilhante estado-maior de officiaes e aspirantes da esquadra, a pé, sem meio de mobilisação, embora com bastantes armas e munições, fortificou-se em uma planicie, apoiando suas trincheiras nas margens do rio Quaraim, linha divisoria, na previsão do desastre. Cincoenta gau'chos, dirigidos pelo commandante Chico Rivera — um bravo — abasteciam o acampamento.

João Francisco vigiava os movimentos da força invasora, deixando-a agir, temendo que um ataque prematuro lhe fizesse perder a presa: quando julgou os inimigos em condições de se tornarem fortes, decidiu-se a atirar-lhes o cartal de desafio. E a operação foi de uma infelicidade terrivel. Ordenou aos seus soldados, uns 600, que avançassem até ás trincheiras, montados, a trote, e fazendo fogo. Aquillo era descabellado. Os marinheiros de Saldanha dizimavam impunemente aquelles loucos, mas a avancada continuava. De repente, os clarins de Saldanha tocam a victoria: o inimigo, que chegára a 50 metros das trincheiras, voltava em evidente estado de desmoralização.

Chico Rivera lançou-se, então, com sua cavallaria para consumir a derrota.

— "Meia volta e sabre em punho", exclamam os officiaes de João Francisco.

E dentro de poucos segundos produziu-se infernal confusão no proprio acampamento de Saldanha.

João Francisco previra, com a intuição de um hemem affeito á guerra gau'cha, a saída do impetuoso chefe de lanceiros, Chico Rivera. Sua tactica era provocalo e depois batel-o, aproveitando o momento em que o inimigo não podia fazer fogo, para cair como uma tromba sobre o campo fortificado.

— "Nem um só ficou", dizia-

me o major Tambeiro, meu cicerone, em uma recente excursão (1895), ao local dos successos.

O major Tambeiro foi o executor **glorioso** de Saldanha. Sentados sobre uma das tricheiras, ainda em pé, dos desditosos vencidos, contou-me o episodio com estudada modestia.

Durante a confusão perseguiu um homem que galopava em um cavallo de raça, a caminho para o Estado Oriental. Alcançou-o.

— “Respeite-me! Sou o almirante Saldanha”, gritou o perseguido ao vel-o approximar-se.

— “São esses os que eu quero!”, disse-lhe, e levantei-o da sella com a minha lança.

“Na verdade, acrescentou Tambeiro, não supuz que o homem fosse Saldanha. Si o soubera, agarralo-la vivo, porque estava elle desarmado e com uma das mãos em tipoia. Certo teria eu obtido melhor proveito. No campo ficaram todos os cadaveres insepul-tos.”

— “E ninguem se rendeu?”, perguntei ao narrador.

— “Não houve tempo. Quando nos apercebemos, não restava um só vivo. A rapaziada estava em brasas com os marinheiros. Veja que linda cutilada!” disse-me, levantando do sólo um craneo que tinha a parte posterior rachada sem duvida por um só golpe de sabre.

Contou-me depois este episodio:

— “A tropa entregou-se ao **car-chéo** e como todos os cadaveres estavam nu's, foi impossivel reconhecer o do almirante. Por fortuna, o commandante João Francisco tinha dois prisioneiros, dois aspirantes,— pobres rapazes! muito moços, que choravam como creanças. Pediram-lhes que assignalassem o almirante, mas as horas passavam e o corpo não era encontrado. Ameaçaram-nos com a degolla si demorassem, compreendendo que não queriam entregar

o corpo de seu chefe. Um delles então mostrou um cadaver.

— “E' este”, disse.

Alguns signaes coincidiram, mas pelas mãos grossas, pés disformes e falta de asseio, perceberam que o menino mentia. E João Francisco fel-o degollar na presença do companheiro, por tel-o illudido.

O outro joven, intimidado, mostrou o cadaver, mas João Francisco fez cortarem-lhe a cabeça immediatamente, por covardia!

O corpo de Saldanha, horrivelmente mutilado, foi envolvido em couro fresco e conservado por muito tempo como trophéo do vencedor, até que seus amigos puderam dar-lhe sepultura piedosa, no cemiterio de Rivera, Estado Oriental”.

Do repertorio de episodios tão horrendos que conhecemos, ouvimos dos proprios autores da tragedia, escolhemos o seguinte, que traduz sinistramente a loucura do sanguinario:

— João Francisco teve a tetrica voluptuosidade de manter sua gente estacionada no acampamento de Saldanha, durante todo o tempo que os miasmas lh'o permitiram. Fel-o com o fim de familiarizar a tropa com o espectaculo da morte, e por tal forma conseguiu seu proposito que nesses dias a milicia se entreteve a descarnar cadaveres para trançar com a pelle humana rédeas e arreamentos, prendas muito estimadas na região, que se exhibem como testemunhos de valor e que alguns supersticiosos conservam como amuletos contra as balas!

Jámais esquecerei a impressão que me produziu ouvir officiaes de João Francisco, relatarem, com grandes gargalhadas, como os milicianos se divertiam, fazendo os mais tólos dos companheiros provarem carne assada dos defuntos, ou descreverem macabras d'sparadas de cavallos através o acampamento, arrastando cadaveres,

que serviam de estacas á soldadesca para os manter presos.”

Aqui acaba a narração que lemos e que mostra um exemplo da loucura collectiva nas guerras civis. Florencio Sanches descreve com a simplicidade de psychiatra o combate de Campo Osorio. Nelle perdeu a vida o mais fidalgo representante da Marinha brasileira, o homem que se impoz ao conceito de seus concidadãos desapaixonados, quer como valente militar, quer como espirito de avantajada cultura.

Faz hoje 25 annos que se feriu esse combate. E cinco dias depois da morte de Saldanha extinguiu-se Floriano Peixoto, agoniado por um cancro, na incipiente povoação de Divisa.

Ambos deixaram partidarios apaixonados. Uns denigrem a memoria de Saldanha; outros, a de Floriano. Mas a verdade é que ambos foram homens de valor, cada qual se sacrificando pelo cumprimento do seu dever, cada qual representando uma convicção enraizada, cada qual synthetizando as virtudes militares, cada qual encarnando o brio, a energia e a coragem do povo brasileiro.

Assis Cintra.

(“Correio da Manhã” — Rio).

A ESTATUA DE BENJAMIN

O governo do Brasil vai mandar erguer uma estatua á Benjamin Constant. Este egregio cidadão notabilisou-se por ser fundador da Republica, segundo a versão positivista, e por ter sido, conforme o declarou a Constituinte, “modelo de virtudes civicas e privadas.” Tanto tenho pensado nessa estatua que cheguei a sonhar que estava passeando no Campo de Sant’Anna (vulgo praça da Republica), em companhia de Guilherme Tell.

Apezar do profundo respeito que

tenho por Guilherme Tell, heróe da libertação suissa, eu não podia deixar de sorrir de soslaio, quando via o seu saiote, a sua aljava, a sua bésta archaica e o seu chapéo com pluma á tyroleza. Mas nem por isso deixava de admittil-o. Afinal era elle o Tell, o grande Guilherme Tell, aquelle mesmo que eu admirava no drama de Schiller!

— Com que então, Sr. Tell, cá estamos nós no Rio de Janeiro, hein?

— E’ verdade. Ha muito tempo que eu desejava visitar esta bella cidade. Na Suissa fala-se muito do Brasil. Eu sempre suppuz que o Brasil fosse na Argentina. Depois verifiquei que não. Um amigo meu, Allemão e negociante em Hamburgo, explicou-me que o Brasil era alguma coisa diversa da Argentina...

— Outro paiz, não é verdade?

— Exactamente, outro paiz. Esse amigo até me mostrou um mappa... Nunca pensei que o Brasil fosse isto. E’ verdade que conheci em Losana um homem muito instruido, que se dizia Brasileiro; mas eu sempre suppuz que elle fosse Australiano... Sabe o amigo porque? Porque no mesmo hotel em que eu estava, morava tambem um Francez, official aviador e condecorado com a cruz de guerra, o qual jurava que no Brasil, quero dizer, no Rio de Janeiro, ainda se viam serpentes, tigres e selvagens nós em plena rua!

— Ha algum exagero na opinião desse Francez, como o Sr. Tell ha de ter verificado. No Rio de Janeiro ainda ha quem ande quasi nu, mas não são os selvagens: são as meninas civilisadas. Em Cuyabá...

— Cuyabá! E’ nas Guyannas?

— Que Guyannas, que nada! Cuyabá fica em Matto Grosso. E’ uma cidade brasileira.

— Muito longe daqui?

— Muito, muitíssimo! E’ mais longe do que de Berna a Basiléa.

— Mais longe do que de Berna a Basilea! — interrogou Guilherme Tell de olhos arregalados.

— E' o que lhe digo.

— Mas que grande paiz! Olhe que de Berna a Basilea é um pedacinho...

— Mas como eu lhe dizia, em Cuyabá costumam entrar indios, que vêm das mattas comprar fumo e aguardente. Esses indios andam habitualmente nus lá nas suas malocas; mas, quando têm de entrar na cidade, vestem-se, tanto os homens como as mulheres. Aqui é o contrario. As moças e as senhoras, em casa, andam vestidas; mas, quando têm de vir á rua, despem-se! E' por isso que os Francezes dizem que no Rio andamos nus...

Mas um automovel fonfonou com insolencia atrás de nós, que mal tivemos tempo de saltar para o grammado da alameda que tranquillamente percorriamos, caturrando. O automovel passou, perigoso e veloz, levando o Dr. João do Rio, que tinha o ar de quem ia a toda pressa conferenciar com o prefeito, ali perto...

— Bolas! — berrei eu.

— Conhece? — perguntou-me Guilherme Tell, presentindo intimidades...

— Conheço. E' o dr. João do Rio, literato, academico, patriota lisboeta. Parece que é seu amigo?

— Meu amigo? Não o conheço...

— Não o conhece! Então o Sr. Guilherme Tell não conhece o Dr. João do Rio? Pois elle diz a toda a gente que é muito seu amigo. Até publicou uma entrevista... O senhor não jantou com elle uma vez, em Chamounix?

— Eu? nunca!

— Sim, senhor, em Chamounix, por signal que em companhia do principe Alexandre da Servia e do presidente da Confederação Suissa.

— Eu? Eu nunca vi o principe Alexandre! E o presidente da Suissa é até meu inimigo pessoal!

— Inimigo! Ora essa! Pois o Dr. João do Rio diz que jantou...

— Pilheria, pilheria! Aquella gente que lá está no governo da Helvecia não me quer ver nem pintado! Ora, é boa! Eu a jantar com o presidente da Confederação!

Francamente, fiquei desapontado. A maneira como Guilherme Tell negou a realidade historica do jantar com o presidente suizo, o principe Alexandre e o Dr. João do Rio mal disfarçava, nas suas phrases sacudidas, o despeito de ter concorrido para a libertação da patria e não ter influencia politica. Eu não me lembrava de que o grande Guilherme Tell era republicano historico na Suissa.

Iamos, entretanto, andando, quando Tell, apontando para uma estatua, me perguntou:

— Quem é este cidadão?

— Benjamin Constant.

— O escriptor e politico francez?

— Não. Cousa muito superior.

Este é o Fundador da Republica no Brasil.

— Ah! Ah! — exclamou Guilherme Tell, já cheio de respeito.

Estavamos, com effeito, diante da estatua do Fundador.

O monumento constava de um simples pedestal de granito, sobre o qual repousava uma columna de marmore, a qual sustentava um boneco de bronze, figura inexpressiva de lunetas, bigodes caídos de funcionario caçado, cavanhaque de professor jubilado, sobrecasaca militar... Não se podia distinguir se o homem era militar reformado ou se seria antes um mestre-escola jubilado. Era um typo intermedio entre o militar pacato e o professor bellicoso. Em todo o caso, uma cousa ficava evidente: o numero de rugas do seu rosto valia por um feixe de aposentadorias remuneradas...

— Que cousa grandiosa, dizia Guilherme Tell, ser fundador de uma Republica!

— Sim, respondi eu. Cousa realmente grandiosa, principalmente quando o Fundador é Benjamin

Constant, modelo de virtudes civicas.

— Elle combateu?

— Sim! Heroicamente!

— Nas trincheiras e nas barricadas?

— Não. Na cathedra de professor e nas reuniões dos conspiradores. Benjamin, Sr. Guilherme Tell, era um santo; e, como todos os santos, tinha horror ao sangue, a todo o sangue, em geral, e ao delle em particular... Esteve na guerra do Paraguay, mas o espectáculo da morte e da chacina de tantos innocentes bem depressa o ennojou. Elle voltou logo para a Côrte, sem nunca ter entrado em combate. A sua espada era virgem. Pensando melhor, não chegava a ser espada: era, antes, um espeto que nunca viu fogo. Espada... Espeto... Se considerarmos com attenção, não ha grande differença entre uma cousa e outra. A differença reside apenas na qualidade da carne assada: a espada serve para assar carne humana; o espeto serve para assar vitellas e coelhos. No fundo a ferocidade é a mesma, e as victimas são muito parecidas...

— E como foi então que elle fundou a Republica?

— Como? sendo amigo do monarcha, Benjamin Constant era amigo e apaniguado do imperador D. Pedro II. E tão amigo era de sua magestade que resolveu livral-o dos encargos do governo. Então? Ficou provado que a melhor maneira de fundar uma Republica é ser amigo de um soberano... Elle tinha jurado fidelidade á bandeira de Dom Pedro II; era official do exercito de que Dom Pedro II era commandante em chefe; era professor da Escola Militar; era director do Asylo dos Meninos Cegos; era director da Escola Normal da Côrte. Como official, percebia o soldo; como professor da Escola Militar, percebia ordenado; como director dos Meninos Cegos, percebia gratificação e tinha inda ca-

sa e mesa á custa do Estado; como director da Escola Normal, percebia outra gratificação. De sorte que, tendo casa e mesa á custa do Estado, o soldo, os ordenados e as gratificações chegavam intactas ás suas mãos. E ainda lhe sobrava tempo para conspirar. Na Escola Militar, em vez de ensinar calculo differencial, balistica, fortificações e outras disciplinas indispensaveis aos officiaes, ensinava positivismo e pregava as excellencias do regimen republicano sobre o regimen monarchico, esse regimen que lhe dava tudo, inclusive a honra insigne de convencer o imperador de que elle, Benjamin, era um sabio... Um bello dia estourou uma rebellião da força armada. O marechal Deodoro foi a espada que deu vigor a esse movimento. Sem a espada de Deodoro e sem a cumplicidade de Floriano, nunca a rhetorica do Sr. Ruy e o positivismo mazorro de Benjamin teriam conseguido depôr nem ao menos um terceiro juiz de paz, quanto mais o imperador do Brasil! O marechal Deodoro foi proclamado generalissimo! Imagine o amigo Tell essa comedia: um generalissimo em tempo de paz! Um generalissimo de alguns regimentos amotinados! Benjamin era coronel. Os estudantes da Escola Militar e os tenentes philosophantes do tempo resolveram promovel-o; de sorte que, um bello dia, por aclamação dos tenentes e dos alferes-alumnos, foi Benjamin promovido a brigadeiro! Passou de coronel a general de brigada, preterindo camaradas mais antigos nas fileiras e com maior folha de serviços, por aclamação dos rapazes! Os rapazes queriam; Benjamin submetteu-se... Dizem que elle, intimamente, se revoltava contra essa promoção livremente accelta por elle; e costumava dizer, batendo nos pulsos: "Estes bordados me queimam os punhos!" Mas não consta que, recebendo o soldo de brigadeiro, tivesse dito alguma vez: "Estes di-

nheiros me queimam os bolsos..." Afinal morreu. Os positivistas choraram muito a sua morte. O povo não deu por isso. Mas a Assembléa Constituinte resolveu apresental-o ás gerações futuras como modelo de virtudes cívicas e privadas...

— Que pensa o senhor a esse respeito?

— Penso que está tudo muito certo. Mas é difficil conseguir imitar Benjamin. Depende de muita sorte. A dizer a verdade, meu ideal na vida é ser general sem nunca ir á guerra; ser professor da Escola Militar sem ensinar mathematica; ser director da Escola Normal; ser director dos Meninos Cegos, com casa e comida á custa do governo; ser amigo do chefe do Estado; conspirar contra esse chefe do Estado, meu bemfeitor e meu amigo, depois morrer, ter uma estatua e ficar como modelo de virtudes cívicas. Tal é o meu ideal: ser Benjamin na vida. Mas é difficil. Depende de muita sorte...

Quando acabei de dizer isso, Guilherme Tell começou a ladrar como um cão de fila. Aterrorizado, suppondo-o louco, procurei fugir, mas acordei. Continuei, entretanto, a ouvir Guilherme Tell a ladrar. E, com effeito, havia um cão que ladrava: era o cão do visinho, que, com certeza, afugentava algum gato.

Rompia a manhã.

Antonio Torres.

("Gazeta de Notícias" — Rio).

A HIGIENE DA MESA

O papel do arsenico na vida diaria — Sua importancia na dietetica dos velhos.

Como já tive a occasião de dizer, não podemos absolutamente viver sem o auxilio do arsenico. Faz elle parte integrante, capital dos nucleos das cellulas organicas; é elle que protege os nossos tecidos; é elle que promove activamente a

formação dos globulos vermelhos e dos globulos brancos do nosso sangue, é elle que faz do nosso sangue um meio bactericida, altamente improprio para permittir a proliferação dos microbios pathogenicos. Mesmo fóra dos dominios do genio epidemico precisamos manter o nosso sangue em condições de resistir efficazmente ás invasões microbianas. No estado normal o arsenico é a potente couraça, que põe o nosso organismo ao abrigo de todos os ataques de surpresa.

O illustre professor Widal, de Pariz, observou e demonstrou, no caso de uma moça chlorotica, que o numero de globulos vermelhos eleva-se, em algumas horas, de... 1.178.000 a 2.821.000 depois da injeção hypodermica de cacodylate de soda. E o professor Besredka observou o mesmo augmento para os globulos brancos.

O eminente professor de chimica organica de Pariz, o dr. Armand Gautier, retirou do corpo thyroide normal nucleinas arsenicaes. Já, alguns annos antes, outros chimicos notaveis haviam demonstrado a grande riqueza do figado normal em arsenico.

E, a proposito, e para bem frisar a materia será conveniente lembrar um episodio historico, que põe em plena luz a grande importancia e o alcance social das modernas acquisições da chimica organica.

Não vão ainda muito longe os tempos em que a nossa sciencia chimica não conhecia como fazendo parte integrante dos nossos tecidos senão quatorze elementos e nesse numero não figurava o arsenico. Por outro lado, nesses tristes tempos, era muito frequente o emprego do arsenico como agente mais seguro para a perpetração de envenenamentos homicidas. Até hoje perdura na imaginação das populações do sul da Europa o quadro de terror, que causava o veneno dos Borgias, bem como a



famosa "acqua Toffana": era simplesmente o acido arsenioso, que constituia a base desses toxicos.

Era natural a intensa preocupação dos chimicos procurando processos de analyse rapidos e seguros, de modo a não deixar passar impunes os crimes de envenenamento pelo arsenico. Com razão foi saudada como uma descoberta sensacional a do aparelho de Marsh, que permite revelar nas visceras do assassinado quantidades infinitesimales de arsenico. Foi precisamente nesse momento que se deu o celebre processo de madame Lafarge, processo para sempre memoravel em que uma virtuosa senhora era accusada de ter assassinado o seu marido empregando para isso o arsenico. Era então professor de medicina legal, em Pariz, o grande Orfila. Graças á sua eloquencia, graças sobretudo á admiravel perfeição do novo aparelho, foi-lhe facil demonstrar em pleno tribunal e á vista dos jurados consternados, com um pedago de figado, a presença palpavel do arsenico criminoso. Debalde a infeliz accusada, em desespero, banhada em lagrimas, protestava a sua innocencia. Nada valeu contra a immisericordiosa accusação da sciencia incipiente. Madame Lafarge foi condemnada á morte e executada em Pariz!... Poucos annos depois, a sciencia chimica adulta descobria que no estado plenamente normal, em todos os figados, existe o arsenico nas proporções que o aparelho de Marsh revelara... e que, portanto, um monstruoso assassinato juridico havia sido commettido!... A culpa não foi dos juizes, foi principalmente de Orfila, que personificava uma sciencia incompleta. E' sempre assim. E' sempre a nossa ignorancia que está por detrás de todos os actos precipitados da nossa conducta.

Que a barbara condemnação sirva ao menos de aviso aos meus leitores para não esquecerem que

no estado normal temos e precisamos ter no nosso organismo, mais especialmente no nosso figado e na nossa glandula thyroide, a proporção de arsenico indispensavel para o bom funcionamento de todos os nossos orgams.

Já indiquei que o arsenico normalmente existente no nosso organismo é o que introduzimos todos os dias nas nossas refeições com o sal grosso, não refinado, de cozinha. E' como impureza do sal que o recebemos, do mesmo modo que em identico caracter recebemos o iodo e o magnesio. As nossas donas de casa não devem, portanto, consentir que em suas cozinhas figurem outro sal a não ser o sal grosso, ligeiramente esverdeado, "não refinado"; é apenas toleravel na mesa a presença do sal refinado como supplemento mais elegante. Tudo é relativo. A "impureza" é de rigor na hygiene da mesa. Os que fizeram uso ininterrupto do sal puro tanto na cozinha como na meza arriscam-se a ter um sangue impuro. O cancro, o implacavel cancro especialmente é a ameaça permanente da velhice. E' o arsenico que faz o esplendor da mocidade; é elle que rejuvenesce os velhos alongando-lhes indefinidamente os dias. Couraçar a velhice contra os perigos do cancro deve ser a preocupação constante do hygienista. A chimica organica nos informa que a velhice se caracteriza pela invasão avassalladora dos saes calcareos. E' a cal que suffoca as mais nobres funções vitales. Para neutralisar ou contrabalançar a fatal invasão só podemos pôr em jogo a actividade do nosso aparelho glandular, das glandulas de secreção interna especialmente como a thyroide. Ora, essas glandulas não podem funcionar activamente se não tiverem á sua disposição a quantidade sufficiente de arsenico. As diferentes funções do organismo taes como a digestão, a circulação, a respiração

e a nutrição attingem o seu mais alto grau de perfeição quando estimuladas pela espórea do arsenico. Reflorescem na velhice a hematose e a assimilação, quando cuidadosamente entretida por doses infinitesimales, mas constantes, de arsenico sob qualquer forma.

E' sabido que de tempos immoriaes toda a população do Tyrol faz uso constante do arsenico. Pretendem os habitantes que sem o arsenico não poderiam aguentar as repetidas subidas e descidas diarias das altas montanhas do paiz e o que é facto é que toda essa vigorosa gente parece não conhecer o que seja fadiga muscular. Incontestavelmente o uso prolongado do arsenico traz um acrescimo de força e de resistencia ao cansaço.

Sabemos mais que os negociantes de animaes, para melhor impingir aos incautos os cavallos velhos arrebatados, submettem-nos durante algum tempo a um tratamento arsenical intensivo.

Graças ao energico poder reconstituente do arsenico os animaes não tardam em apresentar todas as apparencias da juventude, relinchar alegre, calor, vivacidade, abundante saliva espumante ao morder o boccão do freio. O ingenuo comprador, que nada suspeita da artimanha, não continua naturalmente o tratamento arsenical: e dentro em breve o fogoso ginete está totalmente transformado em um cambaleante e desbriado pun-ga. Só resta á misera victima da capadoçagem o consolo de exclaimar com o poeta:

Ces superbes coursiers qu'on vo-
|yait autrefois
Pleins d'un noble ardeur obéir á
|sa voix,
L'oeil morne maintenant et la tête
|baissée
Semblaient se conformer á sa tris-
|te pensée

Da pratica consummada do ardil o leitor não deixará de tirar uma util conclusão: é que o uso do arsenico não deve limitar-se a algumas semanas ou mesmo alguns mezes, mas sim, prolongar-se por todo o decurso da vida. Para este fim, ahí está em primeiro lugar o importante papel das nossas cozinheiras, que podem a capricho dar-nos vida longa ou vida curta, conforme lhes aprouver empregar em seus tempos o sal refinado ou o sal grosso não refinado. Está nas mãos da cozinheira o principal segredo de uma velhice sadia.

Dr. L. P. Barretto.

(*"O Estado de S. Paulo"*).

"CACURIS" E ESCRAVOS

"Quem conquistar o commercio marítimo, conquistará o mundo"

Por toda parte é sempre essa preocupação: abrir estradas, rasgar veredas, estirar trilhos, fender canaes, multiplicar caminhos, baratear fretes, construir portos — ligar por terra, por mares, e agora até por ares — os centros productores aos centros consumidores...

E nesse afan de viver melhor, de prosperar, de produzir muito, e de facilmente atirar nos mercados do mundo os fructos do seu trabalho, o Homem, servido pela bondade infinita de um Deus misericordiosissimo, encontra no mar, nos rios, nos lagos, nos igarapés, o trabalho feito, a agua profunda a correr, do interior das terras, dos altos das serras, para o litoral, para as planicies, para o oceano, poupando-lhe tempo, esforços, dinheiro...

E o Homem, grato ao Creador, lança jangadas, balsas, montarias, canoas, barcos, navios, grandes naus, grandes galeras, formidaveis cargueiros e rapidos paquetes, levando longe os fructos do seu trabalho, trocando mercadorias e i-

déas, approximando povos, confundindo raças, transformando paulatinamente o mundo numa só Patria e os povos numa raça unica, onde gente de todos os quadrantes se unirão ao som dos hymnos da Civilização...

E o mar e os rios primam pelas facilidades do almejado intercambio: E' mais barato construir navios — e mantel-os e custeal-os — que construir ferro-vias...

E' mais barato e ha mais conforto numa viagem por mar que num trem de ferro, mesmo quando este é da "Oriental-Express Co."

Viajei duma sentada quatorze dias e quatorze noites de Vladivostock, na Siberia Oriental, a Moscow, em pleno inverno! Quasi enlouqueci de desconforto! Se houvesse percorrido igual distancia a bordo de um navio teria gosado uma viagem deliciosa! E teria, por certo, gasto muito menos!

Os povos cultos, ciosos do seu futuro e da sua grandeza amam e cultivam o mar, conquistam-n'o, morrem por elle.

Não foi outra a causa das grandes guerras, desde os tempos mais remotos até á ultima — em resposta á phrase do imperador Guilherme que bradava a plenos pulmões: "O futuro da Allemânia está no mar!"...

Predem-n'o, nepresam-n'o, crescem sobre elle diques e comportas, invadem-n'o para — que elle melhor penetre — navegavel e profundo — nas terras onde se trabalha e donde ha cousas a colher e exportar...

Isso é assim por toda a parte.

E', isso é assim por toda parte menos num grande paiz muito amado, em que o homem guiado, ninguem sabe por que infeliz espirito, parece detestar o mar e os rios, e os igarapés, e os furos, e os pranás e os lagos, tudo quanto Deus lhe deu para facilitar-lhe a

vida, assegurar a riqueza, a prosperidade e a defeza da nação!

Parece incrível, mas é assim!

E esse paiz é o Brasil! Aqui o homem é peor que o rato de Fernando de Noronha e o coelho na Australia — só revela espirito de destruição!

Vi-o agora em Bragança, entupindo o Caeté: vi-o hontem no S. João no Estado do Rio, entupindo essa caudal e alagando oitocentos mil kilometros quadrados e devandando a malaria e a miseria áquella rica zona fluminense!

— Vi-o agora a entulhar o Amazonas!

E' phantastico isso, mas é verdade!

Ninguem vê isso, mas eu brado alto com toda a força de minh'alma de patriota — os curraes de pesca, aos milhares, estão creando bancos que formam immensas corôas que se unem, que entopem a barra.

A partir de Collares — o banco do Correio, as corôas de S. Caetano, Galvotas, Nova e Espadarte estão praticamente unidas ou para isso caminham rapidamente!

Vi fileiras interminas desses curraes plantados e avançados em linhas crueis sobre o mar, á medida que os bancos crescem fechando a sahida ás aguas do rio Pará, do rio Amazonas, que só tem hoje por entrada o estreito canal de Bragança, entre bancos que crescem e se approximam!

E a causa disso é o "geleiro", o estrangeiro inconsciente que escravisa o nosso bravo e misero caboclo e dá-lhe varas para fincar "cacuris"!

Em Taipu' um só desses homens — de gelo — havia "emprestado" — só elle! — aos nossos caboclos, dezoito contos de reis, que o caboclo "pagaria" em trabalho de fincar curraes, de cercar peixes e... destruir o Brasil!

Positivamente phantastico! O caboclo do Pará, que linda e heroica maruja! — nada ha no mundo que se lhe compare em elegan-

cia, em bravura, em ousadia na bahia de Marajó e por toda a bocca desse colosso, bravo e correnso! Os primeiros marinheiros do mundo! Sem rivaes!

Em breve fechará o canal de Bragança; as aguas da bocca do Amazonas se alargarão destruindo tudo, empapando as terras...

E' o fim, meu Deus, desse lindo canto do nosso Brasil! Quem viver, verá — se outra orientação decididamente energica não mudar o rumo das aguas e... dos "cacuris".

Frederico Villar.

O DICCIONARIO BRASILEIRO

Assim como o portuguez saiu do latim, pela corrupção popular desta lingua, o brasileiro está saindo do portuguez. O processo formador é o mesmo: corrupção da lingua mãe. A candida ingenuidade dos grammaticos chama corromper o que os biologistas chamam evoluir. Aceitemos o labéo, e corrompamos, de cabeça erguida, o idioma luso, na certeza de estarmos a elaborar uma obra magnifica. Novo ambiente, nova gente, novas coisas, novas necessidades de expressão: nova lingua.

E' risivel o esforço do carrança, curto de idéas e incompreensivo, que deblatera contra esse phenomeno natural, e tenta paralyzar a nossa elaboração linguistica — em nome dum respeito supersticioso aos velhos tabús portuguezes... que corromperam o latim.

A nova lingua, filha da lusa, nasceu no dia em que Cabral aportou ao Brasil. Não ha documentos, mas é provavel que o primeiro brasileiro surgisse exactamente no dia 22 de abril de 1500. E desde então não se passou dia, talvez, em que a lingua do reino não fosse na colonia infiltrada de vocabulos novos, de formação local, ou modificada na pronuncia ou na significação das palavras.

Hoje, após 400 annos de vida, a differenciação está caracterizada de modo tão accentuado, que um camponez do Minho não comprehende nem é comprehendido por um jeca de São Paulo ou um gaúcho do sul. Quer isto dizer que no povo — e a lingua é criação puramente popular — a scisão está já completa. Nas classes cultas a differença é menor, se bem que accentuadissima, sobretudo na pronuncia, e no emprego de palavras novas. Até archaismos lusos resuscitaram cá, e são correntes de norte a sul. Um delles foi tomado como brasileirismo: o emprego do pronome pessoal "elle" como complemento directo. Ora, isso é coisa velha, fórma anterior ao descobrimento do Brasil. Dizem os escabichadores de antigualhas que é de uso corrente nos cancioneiros, na "Demanda do Graal", no "Amadis", etc. E citam de Fernão Lopes muito "viu ella", "nomeamos elle", "degradou elle", etc., — de Fernão Lopes! um dos grandes paes da lingua.

Não é brasileirismo, pois, essa fórma velha e revelha. E' um lusitanismo resurrecto na colonia.

Hoje, do Amazonas ao... Chuy, na linguagem falada, o "elle" e o "ella" desbancaram o "o" e o "a", apesar da resistencia dos letrados e da resistencia da lingua escripta. Não nos consta que algum escriptor de merito usasse, na prosa ou no verso, esse pseudo brasileiro, embora, falando familiarmente, incida nelle. Mas dia virá em que se rompa essa barreira. As correntes populares são irresistiveis, os grammaticos não são donos da lingua, e esta não é uma criação logica. Verão, pois, nossos netos um futuro Ruy, de tanta autoridade como o actual, abrir uma oração politica, da mais alta importancia, com esta forma que inda choca o belletrismo de hoje: "O Brasil, senhores, amei elle o mais que pude, servi elle o que me deram as forças, etc."

E verão um futuro Bilac lançar um "ouvir estrellas" assim:

Hontem divisei ella
na janella...

Será isso, simplesmente, a reabilitação da fôrma lusa dos preclassicos, já victoriosa na lingua falada de hoje.

Riem-se? Não é materia de riso. E' a annotação singela da marcha dum phenomeno. Inda nos detem hoje o medo á ferula dos grammaticos d'além mar, e de seus prepostos no Brasil. Não obstante, a corrente do "elle" cresce, dia a dia, e acabará expungindo o "o".

Além destas modificações syntacticas, incoerciveis, temos outra feição evolutiva operada em larga escala: a adopção de palavras novas por injunções das necessidades ambientes.

A lingua é um meio de expressão. Modifica-se sempre no sentido de augmentar o poder da expressão. A variedade de coisas novas que tivemos necessidade de expressar, num mundo novo como é o Brasil, forçou no povo um surto copiosissimo de vocabulos. Elles brotam por ahi afóra como cogumellos durante a chuva. Lutam entre si. Os fracos, os inuteis, caem, como fructos temporões, bichados antes de maduros. Os bons, os expressivos e necessarios, vencem, e ficam na lingua. A principio, na lingua falada; depois penetram na chamada literatura regional. Passam ahi aos glossarios de brasileirismos e entram, por fim, consagrados, no pantheon dos dictionarios.

A extensão do nosso territorio favorece grandemente o neologismo. Houve além disso a contribuição copiosa do indio e do negro. Ha agora a do italiano em São Paulo e a dos allemães no sul. A maioria destas palavras são de absoluta necessidade. Como falar da vida amazonica, sem recurso ás mil palavras de criação local? Como pintar o Rio Grande sem re-

correr ao vocabulario gaúcho? E falar do Rio sem tomar as pittorescas invenções glotticas do caçagesta carioca? Ha no portuguez termos que substituam o "encrenca", e derivados, de criação allemã, em Santa Catharina? E a "urucá", a "caguira", o "engrossamento", como enunciar a coisa com palavras do Moraes?

Sem coragem ainda de lançarmos o nosso dictionario, vemol-o já em trabalhos preparatorios, a delinear-se nas obras de B. Rohan, Taunay, Romaguera e tantos outros collectores de regionalismos. Virá a seu tempo. Convencer-nos-emos, um dia, de que, se saimos de Portugal, nada mais temos com o ex-reino, hoje tumultuosa republica. Virá, talvez, muito em breve. O dictionario brasileiro já está em elaboração. Um professor paulista, Francisco de Assis Cintra, emérito sabedor da lingua e rijamente dotado para o trabalho da empresa, acaba de inicial-a sob as mais intelligentes bases.

Em materia dictionaristica vivemos inda hoje em absoluta dependencia de Portugal. Temos o que Portugal nos dá, Aulete, Vieira, Candido de Figueiredo. Este nos deu a honra insigne de incluir na sua obra uma boa copia de brasileirismo, para contentar a colonia e fazer bom negocio nella. Os mais são dictionarios rigorosamente portuguezes. Isto dá resultados curiosos. Quem lê Alberto Rangel, por exemplo, o mais rico bateador de termos regionaes da nossa literatura, não tem meios de lhe comprehender o pensamento. Esbarra a cada passo com uma palavra regional, collectada por elle, e se recorre aos dictionarios fica na mesma.

No proprio Ruy Barbosa quantas palavras não existem que o carrança portuguez não nos deu a honra de "endiccionarar"? Isso, porém, não é culpa delles, que fazem lexicos portuguezes, para seu uso, lá. A culpa é nossa, que já

era tempo de ter publicado o nosso dicionario, isto é aquelle que enfeixasse todas as palavras de creação nossa.

Pensando assim, o prof. Assis Cintra emprehendeu a obra sob as seguintes bases: eliminar do novo dicionario todas as palavras portuguezas, desusadas no Brasil, já archaismos, já lusitanismos de moderna creação popular, absolutamente inúteis para as nossas necessidades expressivas. Eliminar todas as palavras coloniaes portuguezas que atravancam os dictionarios actuaes, fazendo-os obesos. Dar, principalmente, a significação que os vocabulos portuguezes têm aqui no Brasil, e subsidiariamente a que têm no ex-reino. Introduzir todas as nossas creações linguisticas, as collectadas pelos glossaristas e as que andam soltas. Fazer, em summa, o dicionario pratico de que precisa quem vive nesta terra, que já foi colonia e está custando a se convencer de que não mais o é.

Será, pois, uma obra de grande utilidade e alto alcance, porque consolidará definitivamente o scisma operado na velha lingua lusa.

Acontece hoje o seguinte: um menino abre o Aulete e procura a palavra — hein; vê lá a pronuncia (an-e). Ri-se, está claro, e chama “âne” ao pobre Aulete.

Outro vae ao C. de Figueiredo em busca da palavra “chupim”, que elle ouve todos os dias applicada a um passarinho preto que parasita o tico-tico, e, por analogia, aos “maridos” de professoras. Não encontra. Mas encontra, por exemplo, “caloqueio”, passaro africano. Cintra abrirá a gaiola ao caloqueio, pondo em seu logar o chupim. Está aquelle estafermo a empatar um poleiro precioso.

Dirão: seria melhor conservar todas as palavras portuguezas e incluir todas as nossas. Isso seria fazer uma almanjarra ineditavel, ou carissima, ao passo que o pe-neiramento ideado por elle allivia-

ria a obra das mumias inúteis que se esmirram ali, dos exotismos d'India e Angola com que nada temos que ver, daria livro manei-ro, commodo, num volume só, e por preço ao alcance do povo. Acolmam o nosso pobre povo de ignorante e não lhe dão sequer um dicionario da lingua, bom e barato! Os succedaneos portuguezes que lhe indicam, sobre não lhe satisfazerem as exigencias, custam os olhos da cara, oitenta, cem mil réis.

Além desta novidade o prof. Cintra pretende dar o maximo rigor ás definições, approximando-se dos grandes dictionaristas estrangeiros, Webster á frente. Fugirá, assim, ás sandices que Aulete e Figueiredo incriminaram aos anteriores e em que incidiram, se bem que em menor escala.

Abro ao acaso este ultimo e leio: “desarvorado”, “adj. fam.” “Que fugiu desordenadamente”. Logo: navio desarvorado — navio que foge desordenadamente!

E são papões da lingua. Dão-nos em cima de palmatoria e ensinam-nos o que se não deve dizer, esquecidos de que não se deve dizer, sobretudo, asneiras.

Muita coisa se projecta para a commemoração da independencia. Se for levado a termo o Dicionario Brasileiro, nenhuma commemoração será mais significativa. Valerá por um esplendido monumento e por um grande passo na “realização” duma independencia “proclamada”, vae fazer cem annos.

Monteiro Lobato.

(“Correio da Manhã” — Rio).

JACKSON DE FIGUEIREDO

O severo estudo que sobre a multiforme personalidade de Afranio Peixoto o nosso eminente collaborador Jackson de Figueiredo iniciou nesta revista, vae ser publicado em volume pelos srs. Leite Ribeiro & Maurillo, razão pela qual vê-se privada a “Revista do Brasil” de dal-o na integra.

CARICATURAS DO MEZ

COCAINOPHOBIA. O novo regulamento da Saude Publica proíbe aos dentistas o emprego da cocaína na extração de dentes.



E a operação passa a ser a extração de uma loteria: a vida? ou a morte?

Calixto — D. Quixote

A CRISE DAS HABITAÇÕES



O incauto — O' moço, isso ahí são casas p'ra cachorros!
 O proprietário — Não, senhor; são casas de estylo Renascimento... do tempo de Diogenes.

ARTE NOVA
(Numa redacção)

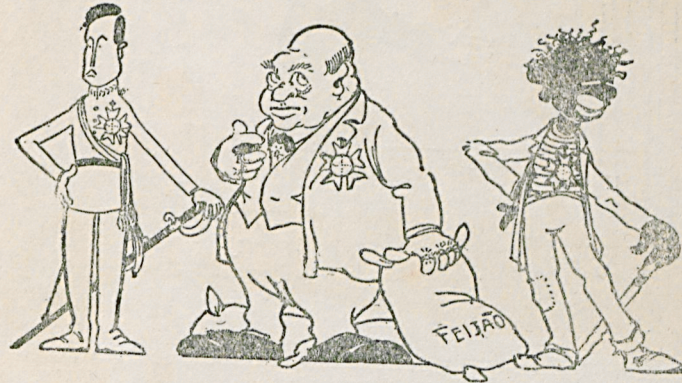
— Eu soube que a sua revista precisava de um caricaturista...
 — O sr. estudou desenho?
 — Não! mas fui alfaiate...

Belmonte — *Miscellanea*

A Ordem do Cruzeiro

Basta lembrar que só houve duas gran-cruzes — o visconde de Barbacena e o duque de Caxias — para ver o cuidado com que a monarchia apoiava as responsabilidades.

De um artigo de "A Noite"



A Republica, restabelecendo a Ordem do Cruzeiro, seria prodiga como sempre... Depois do Grande Rei, e Rei-Heroe, o primeiro condecorado, teremos, com certeza, o açambarcador, como também o Chico *Cobra Verde*, que garante as eleições de qualquer intendente municipal.



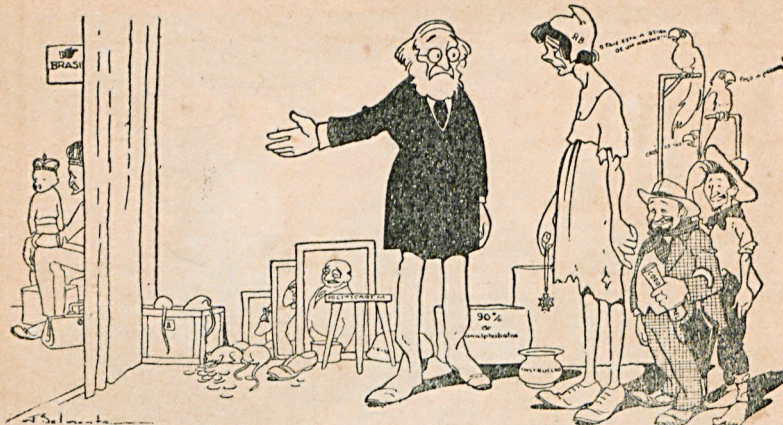
O *Manoel da venda*, conhecido falsificador, entrará logo para a Ordem; assim o 2º oficial de Secretaria que acompanha ao collegio os filhos do ministro, e o bicheiro, o bicheiro também.



O guarda que ronda o portão da casa do deputado situacionista e Mme. X., encantadora senhora do bom gosto de um senador qualquer. E, por fim, não haverá gato nem sapato esquecido pela Ordem do Cruzeiro!..

Fritz — D. Quixote

O BANIMENTO DA FAMILIA IMPERIAL



Bom Senso — Mas porque não queres que ella entre? Tens medo?
Republica — Medo, não! Tenho vergonha...

Belmonte — *Miscellanea*

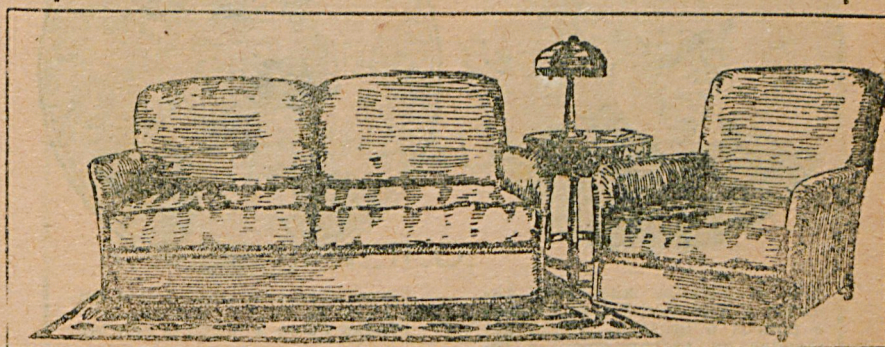
A TARIFA CONTRA O LIVRO



E vão offerecer um "livro" ao rei da Belgica como documento da
 nossa cultura...

MAPPIN STORES
SOCIEDADE ANONIMA INGLEZA

MOVEIS DE COURO



Fabricamos estes moveis pelo mesmo systema usado para os sofás e poltronas dos "Clubs" Londrinos. ———

São empregados couros dos melhores cortumes inglezes e todos os outros materiaes, de primeira qualidade.

Exposições na Secção de Moveis

MAPPIN STORES

R. S. BENTO, esq. R. DIREITA — S. PAULO

O Vinho Reconstituente

Recomendado e preferido por eminentes clinicos brasileiros. **Silva Araujo**



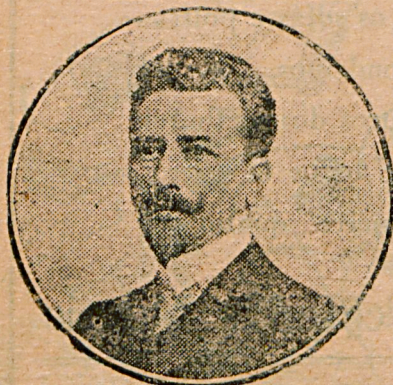
"de preparados analogos, nenhum a meu ver, lhe é superior e poucos o igualam, sejam nacionaes ou estrangeiros; a todos, porém o prefiro sem hesitação, pela efficacia e pelo meticuloso cuidado de seu preparo ao par do sabor agradavel ao paladar de todos os doentes convalescentes".

Prof. RÓCHA FARIA.



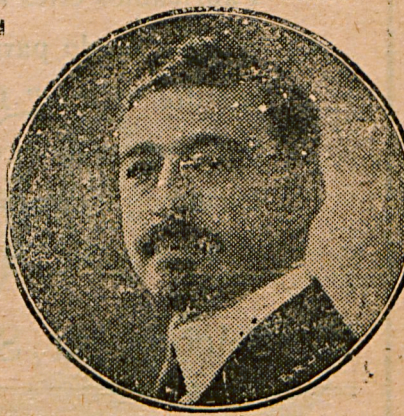
"excellent preparado que é empregado com a maxima confiança e sempre com efficacia nos casos adequados".

Prof. MIGUEL COUTO.



"é um preparado que merece a minha inteira confiança".

Prof. MIGUEL PEREIRA.



"excellent tonico nervino e hematogéinico applicavel a todos os casos de debilidade geral e de qualquer molestia infectuosa.

Prof. A. AUSTREGESILO.

TUBERCULOSE

ANEMIA

RACHITISMO

INAPPETENCIA

ESCROPHULOSE.

HOLMBERG, BECH & CIA.

IMPORTADORES

Rua Libero Badaró, 169

== S. PAULO ==

RIO DE JANEIRO,

STOCKHOLM,

HAMBURG,

NEW YORK

E LONDRES

— — —

Papel, materiaes
para construcção,
aço e ferro, anilinas
e outros
productos chimicos.

OS FUMANTES DE BOM GOSTO PREFEREM OS SABOROSOS

CIGARROS "37"

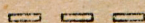
Companhia Grande Manufactura de Fumos e Cigarros

"CASTELLÕES" ♦ ♦ S. PAULO

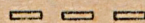
Edições da "Revista do Brasil"

Por estes dias:

LIVRO DE HORAS DE SOROR DO-
LOROSA, poesias de Guilherme de Almeida,
em luxuosa edição, ilustrada pelo pintor Washh,
brochado 5\$000



DIAS DE GUERRA E DE SERTÃO, pelo
VISCONDE DE TAUNAY, o celebrado autor
da "INNOCENCIA", volume brochado . 4\$000



BRASIL, COM S OU COM Z? por
F. de Assis Cintra, Volume brochado . 3\$000



AGUA INGLEZA
 TONICA
 FEBRIFUGA E APPERITIVA
GRANADO
 INDICADA NA ANEMIA, DEBILIDADE,
 IMPALUDISMO E CONVALESCENCAS
 EXIJAM A NOSSA MARCA
 RECUSEM AS IMITACOES



QUINUM, CARNE
 LACTO-PHOSPHATO DE CAL
 PEPSINA E GLYCERINA.
VINHO RECONSTITUINTE
GRANADO
 TONICO-NUTRITIVO
 Na. tuberculose,
 anemia, fraqueza,
 neurasthenia, etc.




HEMO - KOLA GRANADO

LIQUIDA E GRANULADA

Formula do Dr. Faria Lobato — Poços de Caldas

TONICO RECONSTITUINTE, VITALISANTE
 ENERGICO, ANTINEURASTHENICO, ANTIANEMICO

AS MACHINAS

LIDGERWOOD

para Café, Mandioca, Assucar,
Arroz, Milho, Fubá. -----

São as mais recommendaveis para a lavoura, segundo experiencias de ha mais de 50 annos no Brasil.

GRANDE STOCK de Caldeiras, Motores a vapor, Rodas de agua, Turbinas e accessorios para a lavoura.

Correias - Oleos - Telhas de zinco - Ferro em barra - Canos de ferro galvanizado e mais pertences.

CLING SURFACE massa sem rival para conservação de correias.

IMPORTAÇÃO DIRECTA de quaesquer machinas, canos de ferro batido galvanizado para encamentos de agua, etc.

PARA INFORMAÇÕES, PREÇOS, ORÇAMENTOS, ETC.
DIRIGIR-SE A

Rua São Bento, 29-c - S. PAULO

SECÇÃO DE OBRAS D' O ESTADO DE S. PAULO

